

MAYARA REGINA PEREIRA DAU

**LEITORAS DE *BEST-SELLERS*:
O QUE DETERMINA SUAS ESCOLHAS?**

**DOURADOS – MS
2012**

MAYARA REGINA PEREIRA DAU

**LEITORAS DE *BEST-SELLERS*:
O QUE DETERMINA SUAS ESCOLHAS?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração de Literatura e Práticas Culturais, do Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras – FACALE.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro.

**Dourados – MS
2012**

MAYARA REGINA PEREIRA DAU

LEITORAS DE *BEST-SELLERS*:
O QUE DETERMINA SUAS ESCOLHAS?

TERMO DE APROVAÇÃO – BANCA DE DEFESA DISSERTAÇÃO

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

1º Membro examinador (Titular): Profa. Dra. Célia Regina Delácio Fernandes (UFGD)

2º Membro examinador (Titular): Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos (UCS)

3º Membro examinador (Suplente): Prof. Dr. Paulo Bungart Neto (UFGD)

Dourados – MS, 07 de Maio de 2012.

Para:

Mahmud e Dilma, meus pais;

Mônica e Mahmud, meus irmãos;

Tiago, meu marido;

A Deus sobre todas as coisas.

Agradecimentos

À Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), instituição na qual permaneci durante quase sete anos. Desde a graduação até o presente Mestrado. Local que abriu meus olhos para assuntos até então obscuros em minha vida e que me permitiu viver experiências intensas de aprendizado e crescimento pessoal.

À Alexandra Santos Pinheiro por conduzir meu olhar, ser paciente, amiga, companheira e por “teimar” para que eu não desistisse nos momentos de dificuldade. E, principalmente, por ser um bom exemplo em minha vida.

Aos professores que participaram da etapa da qualificação, pela generosidade, leitura atenta e colaboração valiosa com essa produção: Célia Regina Delácio Fernandes, Paulo Bungart Neto, Alexandra Santos Pinheiro e Flávia Ramos.

Às pessoas entrevistadas para essa pesquisa, pela disponibilidade em participar, educação e gentileza com que me receberam em suas casas.

Às minhas amigas Ana Paula, Andréia e Grazielle por tornarem esses anos mais fáceis, pelo companheirismo, pelas risadas e por todos os momentos de alegria e tristeza que tivemos juntas, sem esquecer dos incontáveis “arrepios” a cada novo aprendizado.

À minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos pela paciência, dedicação, preocupação e cuidado com meu bem estar.

Ao meu marido, pelo companheirismo e compreensão nos momentos que lhe foi dedicado menos atenção que merecia. Mas, principalmente, por me fazer rir, e acalmar os meus dias.

A Deus, pela força que me destes, não me deixando desistir, pelos dias que passou as mãos sobre minha cabeça, retirando-me do desânimo e por me manter até aqui. As vitórias de minha vida são todas do Senhor.

É preciso, pois, ler muito. Muito mesmo.
A esse respeito, não podemos ter dúvidas: é preciso, ainda, ler tudo, absolutamente tudo. Não se recomendam livros. Todos os livros são bons, porque são livros. Há em todas as obras literárias, uma ideia, um pensamento, uma frase, interessante. O essencial era, e é, assinalar esse pensamento único. Porque é preciso ler. Em literatura, só pode haver um critério: a ausência de critérios estéticos. O meu desejo é, pois, que os patrícios continuem a ter uma desesperada fome de leitura, e que os livreiros lucrem imenso com tal voracidade.

(Fome de Leitura – Carlos Drummond de Andrade).

RESUMO

É comum ouvir falas a respeito do desinteresse cada vez maior das pessoas em torno da leitura. Entretanto, os números de vendas de livros, principalmente aqueles destinados ao público jovem, têm aumentado vertiginosamente. Percebe-se, a partir das obras constantes como as mais vendidas em listas semanais publicadas em algumas revistas, que as práticas de leitura atuais se voltam para obras que fazem parte da considerada “literatura de massa”. Em contrapartida, nas escolas, a resistência às leituras das obras canônicas também tem aumentado. Diante disso, foi realizada a atual pesquisa, intitulada “Leitoras de *best-sellers*: o que determina suas escolhas?”, que tem como *corpus* de trabalho histórias pessoais de algumas leitoras que exercem as seguintes atividades: duas estudantes do ensino médio, uma acadêmica de Pedagogia e outra de Farmácia, uma professora de Matemática, uma Copeira e uma dona de casa. Apesar das atividades diferentes, todas apresentam um interesse em comum: a predileção pela leitura de *best-sellers* e livros de “autoajuda”. O objetivo principal foi investigar as práticas de leitura das entrevistadas, com o propósito maior de compreender os motivos que levam à preferência por tais livros, buscando conhecer a identidade dessas pessoas por meio dos relatos de suas vidas. Para tanto, utilizou-se como metodologia de trabalho, a pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas, filmadas, transcritas e a análise desse *corpus*. Importante ressaltar que essa pesquisa não procurou realizar juízos de valor ou discutir em torno da qualidade estética das obras citadas, pelo contrário, o foco aqui foi voltado para quem pratica essas leituras, ou seja, o próprio leitor e não a obra em si. Márcia Abreu, Leyla Perrone-Moisés, Stuart Hall e Hugo Achugar estão entre os teóricos que embasaram essa discussão. A análise demonstrou que um dos principais motivos para esses leitores preferirem as obras da “literatura de massa” é a linguagem, que se apresenta como mais atual, mais simples, tornando a narrativa mais dinâmica e com melhor fruição. Os resultados desta dissertação contribuem para dar luz às práticas de leitura atuais, que já não podem mais ser desprezadas. Apesar das diversas críticas lançadas aos livros da “literatura de massa”, estes têm se destacado entre os preferidos dos leitores atuais. Essa pesquisa favorece a uma revisão de posturas e de olhares diante desses livros e dos atuais leitores.

Palavras-chave: Identidade; Cânone; “Literatura de massa”.

ABSTRACT

This paper reports results from a survey entitled "Readers bestsellers: what determines their choices?" And a research that had the body of work personal stories of some readers to perform the following activities: three high school students, an academic Pedagogy and another pharmacy, a math teacher, a waitress and a housewife. Despite the different activities, all have an interest in common: a fondness for reading and bestsellers books "self-help". It is common to hear speeches about the growing disaffection of the people around reading. However, the sales figures of books, especially those intended for young people has increased dramatically. It is clear, from the works listed as top sellers lists published in some weekly magazines, the current reading practices turn to works that are considered part of "literature" mass. In contrast, in schools, the resistance readings of the works forming part of the canonical tradition has also increased. The main objective was to investigate the reading practices of the respondents, with the larger purpose of understanding the reasons that lead to preference for such books, getting to know the identity of people through their stories about their own lives. For this purpose, as a working method qualitative research with semi-structured interviews, recorded and transcribed and analysis of this corpus. Importantly, this research did not seek to make value judgments or discuss about the aesthetic quality of the works cited, however, the focus here was aimed at those who practice these readings, or the player itself and not the work itself. Marcia Abreu, Leyla Perrone-Moisés, Stuart Hall, Luiz Costa Lima and Hugo Achugar are among theorists that supported this discussion. The analysis showed that a major reason for these readers prefer the works of "literature mass", is language, which presents itself as more current, more simple, making the story more dynamic and better enjoyment.

Keywords: Identity, Canon, "Literature mass".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - PREFERÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	10
CAPÍTULO I – A “OSCILAÇÃO DOS VALORES NA BOLSA LITERÁRIA”	20
1. Crítica Literária.....	21
2. A Estética da recepção e o leitor comum.....	25
CAPÍTULO II – A IDENTIDADE DO LEITOR E SUAS PREFERÊNCIAS DE LEITURA	34
1. Compreendendo o processo de escolhas.....	35
2. Identidades deslizantes.....	43
3. Sete vidas; sete mulheres.....	48
CAPÍTULO III - “AMO LER PORQUE ME PROPORCIONA SENSações INCRÍVEIS”	51
1. Leitura na infância.....	52
2. Formadores de leitura.....	54
3. Escolhas conscientes: o olhar crítico dos leitores comuns.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

PREFERÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Um dos principais objetivos desta pesquisa é o de fazer uma amostragem, trazendo algumas vozes de leitoras e ressaltar a identidade desses sujeitos. Para iniciar esse trabalho, considerei conveniente apresentar minha própria história de leitura. Ao rememorar os livros que circulavam em minha infância e adolescência, percebo o quanto a escola pouco contribuiu para a escolha dos mesmos.

Minha infância sempre foi rodeada pela leitura de gibis da *Turma da Mônica*, além das revistas da coleção *Nosso Amiguinho*, muito famosa na década de 1990. Chegando na adolescência, passei a devorar a coleção toda de Sidney Sheldon, que preferia ler escondido dos meus pais, pois trazia muitas “cenas pesadas” para meus 14 anos. No meu repertório de leitura também existiam muitos livros de “autoajuda”, livros religiosos, e alguns clássicos que pouco a pouco fui sendo convidada a conhecer por meio de meu pai, que era um leitor voraz. Em torno dos meus doze anos me arrisquei a ler Machado de Assis. Sempre ouvia, na escola, muitos comentários em torno de seu nome, sempre o destacando como um dos maiores escritores brasileiros, o que contribuiu para despertar minha curiosidade e decidir, por conta própria, a ler alguma obra sua. Em minha casa existiam vários livros de sua autoria graças à minha mãe que, na época, era estudante do antigo magistério e sempre estava às voltas com a leitura de vários clássicos. Então não tive dificuldades em encontrá-lo. Antes de ler, no entanto, solicitei a opinião de minha mãe em relação ao livro. Lembro que ela o caracterizou como “muito difícil de entender e chato”. Mesmo com essa opinião contrária, permaneci curiosa e o retirei de uma estante bem alta que havia em nossa sala. Me tranquei em meu quarto e, decidida, embarquei na leitura de *Dom Casmurro*. A princípio, não entendia nada e, por esse motivo, aquela história não conseguia me “prender”, me causando muito sono. Mas resolvi ser mais forte que aquele livro, pois a recompensa, que seria contar às pessoas que havia lido Machado de Assis, era bem maior. Decidi então utilizar a ajuda de um dicionário e a leitura começou a fluir. A cada palavra “estranha” ao meu repertório, recorria ao dicionário, tendo sucesso ao encontrar o significado de algumas palavras. As que não encontrava, “criava” um significado, já que algumas palavras, por serem muito antigas, já não existiam mais no dicionário. E assim fui conhecendo novas palavras, uma delas que nunca me esqueci foi “tíluri”, muito utilizada na história de *Dom Casmurro*. A adoração por novelas “de época” me ajudou a montar e adentrar no cenário em que se passava essa história. Depois dessa primeira leitura, retornei várias outras vezes, por outros motivos, como vestibular, trabalhos na escola e por minha curiosidade de entender um pouco mais a narrativa. Isso

foi o que mais me encantou e me encanta ainda hoje nesse livro: a cada nova leitura, consigo extrair novos conhecimentos e ressignificar essa história. Quanto mais bagagem cultural adquiero com outras leituras, mais rica e interessante fica essa história para mim. Tive contato, a princípio, com uma história “morta” que não me atraía e no decorrer das leituras eu fui capaz de fazer esse livro nascer e criar vida dentro de mim, foi uma experiência muito enriquecedora. Depois, com o tempo, fui me habituando ao estilo de Machado de Assis e não foi difícil partir para suas outras obras. Assim fui crescendo e, aos poucos, inserindo obras cada vez mais complexas entre minhas leituras até me deparar com o vestibular e, conseqüentemente, a faculdade de Letras, que me despertaram ainda mais para esse mundo da literatura. Atualmente, minhas leituras preferidas vão desde revistas semanais, passando por *best-sellers*, livros de “autoajuda” e os tradicionais clássicos.

Partindo desse breve relato, passo ao objetivo maior da pesquisa: dar voz aos leitores e desmitificar discursos que afirmam o aumento do desprezo pela leitura. Importante ressaltar que a pesquisa foca a leitura literária. Não é possível definir conclusivamente o conceito de leitura literária, pois ele é diverso e instável. Mas este trabalho corrobora com a ideia de que um texto literário pode ser definido como aquele que “chama o leitor” para participar do texto, ou seja, aquele que dialoga com o leitor. O leitor literário é aquele que interage com o texto. Ele participa da narrativa, estabelecendo uma interlocução com ela, e nesse diálogo, é capaz de preencher os vazios do texto. (PAULINO, 2005). Nesse sentido, uma “obra permanece viva enquanto pode se relacionar com o leitor” (AGUIAR, 2008, p. 19).

Neste trabalho, usarei com frequência o termo inglês *best-seller*. O conceito desse termo tem sua origem no século XVIII, no qual, até então, os artistas dependiam do mecenato para sobreviver. Algum tempo depois, houve um aumento de produção dos impressos e dos leitores. Com isso, o autor se viu dividido entre produzir segundo sua criação ou produzir para atender as exigências do público leitor e ter um retorno financeiro maior (CORTINA & SILVA, 2010). Dessa forma, o mecenato é substituído pelo aumento de leitores. Assim nascem os *best-sellers*. Os livros que fazem parte desse grupo também recebem outras denominações como: “literatura trivial”, “subliteratura”, “literatura de entretenimento”, “de massa”, “de mercado”. Muitas vezes, o conceito de *best-seller* aparece atrelado a uma grande quantidade de venda de livros. Outra noção que é muito relacionada a esse conceito é a seu conteúdo narrativo. Muitos estudiosos o definem contrapondo com a literatura erudita. No caso da literatura “cult”, esta teria

uma originalidade em sua narrativa e demandaria maior esforço para sua fruição. Já o *best-seller* seria criado seguindo um esquema convencional, no qual os bons sempre teriam um final feliz.

Contudo, não é possível definir conclusivamente o conceito de *best-sellers*, até porque, no mundo da literatura, sabemos que nada é definitivo e exato, portanto, aqui nesse estudo, trabalharei com a ideia de que é uma seleção de livros, definidos como os melhores, de acordo com a opinião popular e que, normalmente, também se encontram na lista dos mais vendidos da atualidade. Nesse esforço de definição, a tradição literária também elenca algumas das características que, segundo a crítica, definiriam os *best-sellers*, sintetizadas por Zilberman: criação motivada para venda; pouca duração do produto, diferente dos clássicos e não considerado como um objeto estético, pois o mesmo teria somente a intenção de agradar o leitor e não a de chocá-lo (ZILBERMAN, 1987).

Hoje, é comum afirmações, principalmente no meio escolar, de que os jovens estão se interessando cada vez menos pelos livros. Segundo essas vozes, as novas tecnologias tem desviado a atenção desse grupo para opções mais dinâmicas e imagéticas, como a *internet*. Segundo as autoras Regina Zilberman e Tania Rosing (2009), são muitas as distrações: namoros, festas, computadores, jogos eletrônicos, o que faz com que os alunos se distanciem da leitura e não vejam sentido nas aulas de literatura e assim “afastam-se de um possível letramento literário” (p.73). Constata-se, portanto, que os jovens não têm mais disposição para ler um livro, pois essa é uma atividade em que se exige paciência, esforço e uma reflexão maior, sendo mais fácil assistir à televisão ou mesmo navegar na *internet*.

Segundo Pinheiro:

[...] A leitura requer um processo lento de intimidade entre o texto e o leitor, uma vez que exige a decodificação das palavras, a construção do sentido a contextos diferenciados. Exige, ainda, a intertextualidade com fatos vividos e lidos (2011, p. 307).

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* do Instituto Pró-livro (IPL), realizada em 2008, comprova que o interesse pela leitura realizada por prazer, gosto ou necessidade espontânea atinge em torno de 39% dos estudantes do nível médio. Além disso, em estudo comparativo realizado pelo mesmo órgão pesquisador, percebe-se um aumento no número de livros lidos por ano por pessoa. Enquanto em 2000, a média atingia 1,8 livros lidos por leitor/ano, em 2008 esse número subiu para 4,7 livros lidos

por leitor/ano dentro de um perfil de público acima de 15 anos, com pelo menos 3 anos de escolaridade e que leu pelo menos 1 livro nos últimos três meses. Além das leituras registradas nas estatísticas, podem existir outras que escapam do registro dos pesquisadores. Essas mesmas estatísticas não conseguem registrar todas as práticas de leitura existentes:

Há que se dizer, também, das leituras realizadas através das revistas em quadrinhos, das coleções de romance “água com açúcar” ou “cor-de-rosa”, das aventuras policiais e, por que não?, das leituras de ficção científica, as incontáveis edições de autoajuda que circulam de mão em mão, através de assinaturas pela via postal, pelos empréstimos ou por meio de espaços menos convencionais, como centros comunitários, associações de bairro e, até mesmo, nos salões de beleza (TAYASSU, 2011, p. 45-46).

Convencida de que há práticas diversas de leitura entre as pessoas, iniciei a pesquisa atual. Trabalho com o conceito de leitura e literatura semelhante ao de Zilberman e Rosing, que concebem a literatura como uma representação da realidade e “constituem uma unidade que mimetiza os contatos materiais do ser humano com seu contorno físico, social e histórico, propondo-se mesmo a substituí-los” (2009, p.33). Para Marisa Lajolo, ler,

[...] não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (1984, p. 59).

Já para Ezequiel Theodoro da Silva, ler não é “só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (1992, p. 45). Paulo Freire usa o termo “palavramundo”. O ato de ler estaria ligado ao contexto de vida. Antes de uma pessoa conhecer a palavra, ela já conhece o mundo em que está inserida, antes da leitura da palavra, ela faz a leitura da sua vida, de onde vive, de seus relacionamentos familiares. Quando aprende a leitura da palavra, esta contribui para que ele continue ressignificando seu mundo. Freire concebe a leitura como relacionada ao contexto. No ato da leitura, o leitor move em sua mente todas as suas vivências para dar sentido ao que lê (FREIRE, 1995).

Faz-se importante destacar, ainda, que meu interesse pelo tema de pesquisa teve início no ano de 2009, durante o curso de Letras, no qual tive a possibilidade de realizar os estágios obrigatórios em uma escola estadual da cidade de Dourados – MS. Além disso, participei de um projeto de extensão intitulado PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência, o qual me permitiu ministrar algumas aulas de Literatura e Língua Portuguesa para jovens do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública douradense e me possibilitou, novamente, a oportunidade de ter um contato maior com as práticas escolares.

Diante dessas vivências enriquecedoras, percebi o interesse pela leitura que esses jovens demonstravam, contradizendo o que costumava ouvir nas vozes de professores, pais e alguns teóricos sobre o crescente desinteresse pela leitura. As experiências oportunizadas nesses espaços orientaram a pesquisa sobre leitura e deram origem ao meu trabalho de conclusão de curso, o qual intitulei: *Práticas de leitura entre jovens leitores: um estudo de caso*. Tal pesquisa teve como objetivo investigar se os jovens estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas de Dourados, realmente não demonstravam nenhum interesse pela leitura, como costumava ouvir. Assim, a partir de uma pesquisa de campo, cheguei a algumas conclusões interessantes. Os jovens apresentavam hábitos de leitura, mas tinham preferência pela leitura de algumas obras desprezadas pela tradição literária, como alguns livros considerados como *best-sellers* e outros enquadrados pela crítica literária como “literatura de massa”. Eis algumas falas registradas da pesquisa anterior em relação à leitura de *best-sellers*¹:

Eu assisti o filme e me deu vontade de ler, aí eu comprei os dois primeiros livros e o terceiro minha amiga me deu, daí conforme você assiste o filme é uma coisa, na hora que você vai ler é completamente diferente, é mais detalhado

(Aluno do 3o ano do Ensino Médio referindo-se à leitura dos livros da saga *Crepúsculo*).

Percebe-se, por meio da fala anterior, a importância dos meios tecnológicos para o despertar para a leitura. Muitos foram atraídos por intermédio do cinema ou até mesmo da *internet*. Esses meios de comunicação têm grande difusão entre os jovens, o que pode ser usado como uma ferramenta positiva para conquistá-los. Além disso, esses

¹ O artigo resultante dessa pesquisa realizada juntamente com minha orientadora Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro no ano de 2009, em escolas públicas da cidade de Dourados, MS, com o objetivo de verificar as práticas de leitura de jovens estudantes do Ensino Médio, intitulada “Práticas de leitura entre alunos do terceiro ano do Ensino Médio: um estudo de caso”, encontra-se disponível na Revista *Pesquisas em Discurso Pedagógico* n. 1 de 2010, da PUC-Rio, no endereço eletrônico: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_discurso.php?strSecao=input0

leitores jovens também demonstram a capacidade de comparar os diferentes meios de comunicação, como o livro e o cinema, sendo capazes de julgar qual apresenta maior riqueza de detalhes.

Alguns alunos se manifestaram no sentido de tentar explicar o que têm nesses livros que os atraem tanto:

Suspense, detalhes.
Você lendo o livro você dá risada sozinho.
Você quer saber o que vai acontecer em cada capítulo e não consegue parar.
Eu lembro que cheguei a ler num dia só 150 páginas do livro.
Li praticamente o livro inteiro num só dia.
A linguagem do livro é mais jovem
(Cada frase corresponde ao depoimento de um aluno do Ensino Médio).

Algumas das críticas lançadas aos *best-sellers* é justamente à sua linguagem, definindo-a como de fácil entendimento e fácil absorção. E, justamente, esse é um dos motivos pela predileção dos leitores pelos *best-sellers* atuais em detrimento dos clássicos da literatura. A ideia geral é a de que os leitores da atualidade têm pressa, não têm paciência para ficar páginas e páginas em descrição de detalhes, preferem a linguagem mais “jovem” por contribuir para essa dinâmica da leitura. Entretanto, muitos leitores, que reclamam da riqueza de detalhes de alguns livros, quando se deparam com o filme, acabam considerando-o condensado demais, e elegem justamente o livro ao filme por apresentar maiores detalhes em sua descrição.

Nesse sentido, durante a pesquisa anterior, percebi que os próprios alunos não se consideravam leitores literários, pois, para eles, a imagem de um leitor se parece com a de uma pessoa que frequenta as obras reconhecidas pela tradição literária:

A leitura, em seu amplo conceito, não está, nessa perspectiva, suficientemente contemplada pelos instrumentos de avaliação estatística e pelos programas de intervenção social, cujos parâmetros, muitas vezes, reforçam uma perspectiva de leitura, essencialmente, ligada às dinâmicas editoriais. Quando tratamos de leitura, uma lacuna parece-me evidente, pois consideramos pouco as leituras informais que escapam aos mecanismos de regulação estatística e seus critérios sobre o perfil do leitor brasileiro (TAYASSU, 2011, p. 45).

Tanto o trabalho de conclusão de curso quanto a pesquisa de mestrado permitiram verificar quais são as práticas desses jovens leitores e concluir que eles têm

hábitos de leitura sim, diferentes do que a crítica literária ou a escola gostariam que fosse. Eles leem avidamente esses livros que não fazem parte de uma lista canônica mas, contrariamente, fazem parte da lista de preferência desses jovens. Assim, o foco se ampliou e tomou um novo rumo. O atual trabalho buscou compreender os motivos que levam alguns leitores a preferirem determinadas obras em detrimento de outras. Por que boa parte dos leitores atuais parecem demonstrar predileção por obras contrárias àquelas que fazem parte do cânone literário?

Na pesquisa anterior, procurei ouvir as vozes de jovens leitores em idade escolar, que faziam parte de escolas públicas da cidade douradense. No mestrado, o foco se ampliou e busquei ouvir as vozes de diferentes leitores, de diferentes mundos culturais. Temos desde jovens estudantes do ensino básico até alunas do ensino superior e profissionais já formadas. Pessoas com atividades diferentes, mas todas com algo em comum: a paixão pela leitura de *best-sellers* e livros de “autoajuda” que são considerados da “literatura de massa”, como *A Cabana*, *Crepúsculo*, *Harry Potter*, entre outros.

Mostra-se importante destacar que o objetivo maior desse trabalho não é o de definir esta ou aquela literatura como melhor ou pior. O que se pretende, além de abordar as práticas de leitura de diferentes públicos leitores, é, principalmente, mostrar quem é esse sujeito leitor. Abordo sua história de vida para compreender o porquê de suas preferências de leitura englobarem determinadas obras e outras não. O esforço aqui é o de tentar compreender, por intermédio dos relatos das pessoas entrevistadas, traços presentes em sua identidade, em sua história de vida que possam contribuir para que estes leitores decidam por perseguir esse ou aquele caminho de leitura.

A presente pesquisa também compartilha com alguns questionamentos presentes em Márcia Abreu (2006): será que há livros bons em si? Há uma qualidade estética objetiva nas obras? Todos devem apreciar o mesmo tipo de texto? Em sua obra *Cultura letrada: literatura e leitura*, Abreu ilustrou bem a polêmica, fazendo uma comparação entre duas listas: uma indicava as melhores obras na opinião de intelectuais e a outra ilustrava as melhores obras na opinião dos leitores:

Para milhões de brasileiros a lista dos melhores romances seria provavelmente outra e incluiria autores como Paulo Coelho, Sidney Sheldon ou Jô Soares, que fazem parte de uma outra lista, a dos mais vendidos (ABREU, 2006, p. 16).

Dentro dessa discussão, abordarei o tema do valor da obra literária. O que faz com que uma obra seja valorizada pela crítica? Seriam aspectos internos presentes em sua elaboração ou também incidem aspectos externos, como questões políticas ou de interesse particular?

Será que as obras que fazem parte da chamada “literatura de massa” não apresentam qualidades estéticas? Quem define quais são as obras que originalmente apresentam qualidade literária e podem ser indicadas para leitura pelos jovens? Somente elas poderiam aguçar uma criticidade maior nas pessoas, diferente desses livros que, segundo a crítica, são feitos somente para vender e são produzidos seguindo “receitas” que só intencionam a venda, sem levar a uma reflexão mais aprofundada?

Para consecução do presente trabalho, optei pela metodologia de pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas que me permitem maior liberdade como investigadora. De acordo com Augusto N. S. Triviños:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Algumas entrevistas foram realizadas na própria residência das entrevistadas, outras em casa de amigas. A escolha de quem entrevistar se deu por indicação de algumas pessoas. Muitos me indicavam pois sabiam da pesquisa que estava realizando. Algumas eu mesma busquei. Pessoas de meu conhecimento e que eu já sabia ter predileção pelos *best-sellers*. A princípio, pretendia-se analisar dez relatos, contudo, muitos tornaram-se repetitivos, deixando a pesquisa cansativa. Com o objetivo de tornar a leitura mais clara e prazerosa possível, optei por encerrar com sete entrevistas. As entrevistas foram filmadas e transcritas e constituem o *corpus* desse trabalho. As perguntas seguiram um roteiro predefinido. No entanto, foram feitas abertamente, oportunizando ao entrevistado respostas mais espontâneas. Os questionamentos giraram em torno das seguintes perguntas: 1. Conte-me sobre sua vida; 2. Quem são seus pais?; 3. Quando você começou a se interessar pelos livros?; 4. Quais foram os livros que você mais se identificou ou que mais lhe marcou?; 5. Havia livros em sua casa?; 6. Você

costuma incentivar outras pessoas a ler, ou costuma emprestar seus livros? 6. E na escola, você lia?; 7. Qual o papel dos livros em sua vida?

Os questionamentos acima, serviram para nortear as entrevistas. Dependendo da entrevistada, eu expandia o questionário de acordo com o que era revelado, dando total liberdade para a entrevistada se declarar. O resultado disso foi diferente para cada pessoa. Algumas tinham maior facilidade de se expressar e eram mais desinibidas, outras mais tímidas e inseguras, o que fazia com que a entrevista fluísse menos. Todos os relatos foram transcritos e podem ser conferidos no anexo deste trabalho. Todas as pesquisadas que contribuíram para a consecução desse trabalho são do sexo feminino. Contudo, a escolha de mulheres não foi proposital. Para a pesquisa, houveram tentativas para entrevistar alguns homens, sem sucesso. Portanto, todas são mulheres por coincidência e por mostrarem maior interesse e predisposição para fazer parte desta pesquisa. O que parece é que a falta de disposição de alguns homens para falarem de suas leituras sugere um certo constrangimento em se declararem leitores, fato esse que acompanha suas histórias de leitura. Nesse sentido, o foco atual desse trabalho não perpassa as questões de gênero, deixando essa possibilidade em aberto para pesquisas futuras.

No capítulo inicial, o trabalho aborda a discussão em torno da definição do valor de uma obra literária, trazendo para debate alguns nomes reconhecidos no assunto, entre eles o de Leyla Perrone-Moisés. O segundo capítulo, trata das preferências literárias, traz para contraponto algumas seleções preferidas de determinados leitores, entre eles, os leitores da contemporaneidade. Em seguida, a discussão girará em torno do *corpus* de pesquisa, ou seja, das vozes das entrevistadas, perpassando os seguintes temas: leitura na infância; formadores de leitura e suas críticas enquanto leitoras comuns, relacionando suas preferências literárias com suas identidades enquanto sujeitos leitores.

CAPÍTULO I

A “OSCILAÇÃO DOS VALORES NA BOLSA LITERÁRIA”²

² Termo usado por Leyla Perrone-Moisés em seu livro “Altas Literaturas: escolhas e valor na obra crítica de escritores modernos” (1998, p. 17).

1. Crítica literária.

Neste primeiro capítulo, trato da discussão do valor de uma obra literária definido pela crítica literária e do valor de uma obra dado pelo leitor comum. Assim, citarei o termo cânone literário, que nos remete imediatamente ao seu defensor maior: Harold Bloom. Em sua obra *O Cânone Ocidental*, ele o define da seguinte forma:

Originalmente, o cânone significava a escolha de livros em nossas instituições de ensino, e apesar da recente política de multiculturalismo, a verdadeira questão do cânone continua sendo: Que tentará ler o indivíduo que ainda deseja ler, tão tarde na história? [...] Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada além disso (1995, p. 23).

Leyla Perrone-Moisés também apresenta uma definição esclarecedora do cânone em seu livro *Altas Literaturas*:

Estabelecer a lista dos autores consagrados é uma prática tão antiga quanto a da escrita, e muito mais antiga do que a que chamamos de literatura. Em nossa tradição, a listagem dos mestres da arte de escrever é praticada desde a Antiguidade greco-latina [...]. A palavra *cânone* vem do grego *kanón*, através do latim *cánon*, e significava ‘regra’. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares. No que se refere à Bíblia, o cânone é o conjunto de textos considerados autênticos pelas autoridades religiosas. [...] No âmbito do catolicismo, também tomou o sentido de lista de santos reconhecidos pela autoridade papal. Por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição (1998, p. 61).

O cânone literário é, nesse sentido, uma seleção das melhores obras de todos os tempos. Aqueles clássicos que somos obrigados a ler na escola de autores universalmente reconhecidos. Para Bloom, o que torna canônicos um autor e uma obra é a “estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (1995, p. 12).

Mas quem definiu que essas obras consagradas, que nos vem fácil a lembrança, como as de Machado de Assis, seriam eleitas para entrar nesse rol disputadíssimo de grande obra literária?

O que é utilizado como critério para definir se determinada obra literária tem valor estético, inserindo-a no grupo reservado da alta literatura? O que há nas obras que entram para o rol das melhores, ou seja, tornam-se canônicas? Há atributos estéticos

específicos presentes em alguns livros que lhe conferem tal superioridade perante outras menores?

Para amparar a discussão, busco citar, brevemente, algumas teorias de análise literária e os critérios levados em consideração para que determinada obra tenha valor, na concepção dos críticos literários. “A idéia de uma cultura ‘legítima’ implica também uma segunda oposição, dessa vez entre as obras consagradas e as do que se passou a chamar ‘cultura de massa’, produzida pelas indústrias culturais” (MATTELART, 2004, p.11).

Algumas teorias consideradas imanentes, que voltam seus estudos para instrumentos internos da obra, defendem que o valor literário, a beleza estética são dados de acordo com características internas presentes na obra literária. Entre algumas dessas teorias que se enquadram nessa linha, temos como exemplo o Formalismo Russo e o *New Criticism*.

O Formalismo desenvolveu-se na Rússia entre 1915-1917 e 1923-1930; o *New Criticism* teve origem nos anos 1920-1930, afirmando-se na América do Norte entre as décadas de 1940 e 1950. Seu objeto de estudo se pautava não na literatura, mas na literariedade presente no texto, em sua própria materialidade, recusando, em seu início, a abordagem extraliterária. O interesse de estudo focava-se em descobrir o que havia de singular na obra e que, conseqüentemente, lhe atribuía valor. Sendo assim, o valor de uma obra era dado de acordo com a análise da linguagem utilizada, dos mecanismos utilizados pelo autor, no que havia de singular que causava um estranhamento no leitor, desautomatizando essa leitura, exigindo do leitor uma reflexão maior e, dessa forma, tornando-o mais crítico. Como bem sintetiza Arnaldo Franco Junior, referindo-se a um famoso ensaio de Chklovski (1976), intitulado *A arte como procedimento*:

[...] há uma distinção entre a natureza da linguagem poética e a natureza da linguagem cotidiana, que ele nomeia, respectivamente como *língua poética* e *língua prosaica*. A linguagem poética seria distinta da linguagem cotidiana porque nela a função referencial não se reduziria ao utilitarismo pragmático nem ao automatismo que caracterizam esta última. A linguagem poética se caracterizaria exatamente pela ênfase na desautomatização da percepção que se encontra como que adormecida pelo hábito e pela economia e pragmatismo que caracterizam a linguagem cotidiana (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 117).

Já o *New Criticism* se assemelha bastante ao Formalismo Russo, privilegiando o estudo da literariedade, ou seja, das técnicas utilizadas pelo autor que dá singularidade à

obra. As duas correntes acentuam a imanência do texto, desconsideram a recepção do texto literário. Para essas correntes, pode-se afirmar que o valor de uma obra está na própria obra, concebendo-a assim como autônoma, sem dar muita importância para a fruição de uma leitura, para a recepção literária:

Se compreendermos a leitura como o resultado de uma articulação entre a materialidade do texto (que projeta um conjunto de possibilidades de sentido) e a recepção (que se marca pela escolha, pela seleção e pela ênfase em determinados sentidos em detrimento de outros, além de ser potencialmente afetada pelos planos emocional e afetivo do receptor, bem como por sua memória individual e histórica), identificaremos com clareza os limites tanto do Formalismo Russo como do *New Criticism* (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 129).

Passando a mencionar uma linha teórica transcendente, têm-se a Crítica Feminista como exemplo. Teve sua origem nos Estados Unidos, em 1970, com a publicação da tese de doutorado de Kate Millet, intitulada *Sexual politics*:

[...] Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias do gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista [...] implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2009, p. 218).

As teorias transcendentais consideram o valor de uma obra literária dentro de sua capacidade de retratar os problemas sociais, ou seja, ser voltada para fora da obra. Sua importância é dada em sua função de tratar de problemas da sociedade, e na forma como isso é tratado, assim como a crítica feminista que tem como foco investigar como as questões de gênero estão sendo retratadas dentro do texto.

Um exemplo de uma teoria que acredita que uma obra de valor é aquela capaz de abarcar as duas linhas de abordagem, as imanentes-transcendentes é a Crítica Sociológica, bem representada por Antonio Candido. Os teóricos dessa linha pensam a literatura como diretamente ligada à vida social. Isso não quer dizer que um texto só será considerado bom na medida em que refletir bem a sociedade. Não é só isso que é levado em consideração, mas também como o texto é escrito para retratar essa sociedade. Pois concebe-se a obra literária parte de uma sociedade, criada dentro de um contexto de produção histórico, não sendo possível se desvencilhar disso:

[...] a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da “inspiração” do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. Estudando essas marcas dentro da literatura, podemos perceber como a sociedade na qual o texto foi produzido se estrutura, quais eram os seus valores etc (SILVA, 2009, p. 177).

Seguindo a mesma abordagem imanente-transcendente, temos a Estética da Recepção:

O texto, por sua vez, desvincilhou-se das amarras estruturalistas/funcionalistas que atribuíam exclusivamente à textualidade as chaves para a interpretação de uma obra. A partir de novas abordagens da linguagem (pragmática, teoria da enunciação, análise do discurso), que passaram a considerar mais enfaticamente a relação linguagem-sociedade, o texto deixou de ser mera organização linguística que “carrega” ou que “transmite” pensamentos, informações ou ideias de seu produtor (ZAPPONE, 2009, p. 189).

Essa linha teórica tem suas origens na Fenomenologia da literatura e trata do prazer estético que a leitura proporciona quando conceitua a *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*.

[...] para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*poiesis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa quanto da interna (*aisthesis*); e por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela anuência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas (JAUSS, 2002, p. 102).

A Estética da Recepção é focada na figura do leitor. O teórico que melhor a representa é Hans Robert Jauss. Essa abordagem valoriza o leitor, que acaba tendo um papel de co-autor do texto. O autor da obra deixa de ser dono de seu texto, não podendo controlar os sentidos que serão atribuídos por cada leitor. A Estética da Recepção postula que o texto literário vem com espaços em branco deixados pelo autor do texto que são preenchidos pelo esforço cognitivo de seu leitor, contribuindo assim para a concretização de um possível significado para a leitura. Acredita-se que a obra literária não é passível de somente *uma* interpretação ou que seu sentido já vem pronto no texto. Ao contrário, os diversos sentidos são atribuídos pelos diversos leitores da obra. O sentido dado por cada leitor também dependerá de seu contexto de vida, de seus valores, convicções. Dessa forma, a obra não se apresenta como autônoma, independente, mas sim dependente de sua estrutura interna e também de fatores externos para significar.

A partir disso, percebo, diante dessa breve discussão em relação a algumas abordagens do objeto literário, as divergências de olhar para a obra literária. Alguns veem seu valor definido de acordo com o que é intrínseco à própria obra. Outros acentuam seu valor de acordo com sua capacidade de tratar de fatores externos, sociais, dentro da obra literária, enquanto outros agregam valor à obra que é capaz de tratar de forma competente as duas abordagens.

Ou seja, com o olhar de algumas teorias imanentes como o Formalismo Russo (Viktor Chklovsky, Boris Tomashevsky) ou a Análise linguística (Sausurre, Émile Benveniste), destaca-se a literariedade de uma obra, suas peculiaridades, o que ela tem de único, o que é mais perceptível durante a leitura. Também pode-se contar com as teorias transcendententes que são “aquelas que valorizam os elementos externos à obra, os que não pertencem à literariedade [...]” (PAULA, 2009, p. 6), como a Crítica pós-colonial e a Crítica feminista.

Além dessas, existem as teorias de linha imanentes/transcendententes. Essas teorias pretendem abarcar as duas abordagens, partindo dos elementos internos da obra e, após essa análise, verificar a orientação que esses elementos imanentes dão para fora da obra. Tem-se, nesse grupo, teorias como a da Estética da Recepção (Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss) e o Desconstrutivismo (Jacques Derrida, Michel Foucault, Paul de Man).

2. A Estética da Recepção e o leitor comum.

Como se nota, existem muitas teorias, muitas abordagens. A obra literária é um todo complexo, não é possível abordá-la por inteiro, por isso os teóricos buscam voltar seu olhar para alguns elementos e não para todos: “O texto enquanto todo e enquanto totalidade singular pode comparar-se a um objeto que é possível ver a partir de vários lados, mas nunca de todos os lados ao mesmo tempo” (RICOEUR, 1987, p. 89).

Por esse motivo, há os que agregam mais valor à estrutura da obra, outros à linguagem, ou pelas discussões sociais que a leitura pode acarretar. Isso não quer dizer que os teóricos de linha imanente “fechem os olhos” para elementos exteriores à obra ou que os transcendententes não se interessem pelos elementos internos da mesma. São apenas escolhas de abordagem, já que é muito difícil a análise do todo de uma obra. Esse é o esforço dos teóricos de linha imanente/transcendente que tentam conciliar as duas abordagens, e parece se mostrar como a forma mais coerente.

Definir o valor de uma obra é uma tarefa complexa e divergente. Mais difícil ainda é dizer quais são os critérios de maior relevância para tal julgamento. Será que as obras que entraram para o rol da alta literatura foram assim destacadas por atender a algum desses critérios ou todos os critérios? Ou talvez não atenderam a nenhum?

A discussão que desejo levantar é buscar perceber se o que se é levado em consideração para uma obra se tornar canônica depende exclusivamente dessas condições, ou será que esse valor também não é dado de outra forma?

Atualmente, pode-se observar muitas distinções dadas às obras da tradição literária e para as consideradas do grupo da “literatura de massa”. São comuns termos como “literatura popular”, “erudita”, “de fruição”, “alta literatura”... Enfim, as obras que pertencem ao círculo das “grandes obras” não foram definidas assim somente por apresentarem elementos estéticos, literariedade ou uma singularidade perante as outras. Algumas obras entraram para a reservada tradição canônica não somente devido a atributos estéticos, mas, principalmente, porque foram escolhidas como obras geniais pelas “instâncias de legitimação”, que foram bem descritas por Márcia Abreu:

Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto *literário* não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica, e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos (ABREU, 2006, p. 40).

Para uma obra ser considerada “Literatura” deve passar pelo crivo dessas instâncias que “certificam” que as obras “escolhidas” são as indicadas para se ler, que essas sim levam a uma reflexão profunda, são criadas para fins estéticos e não mercadológicos. Já as obras da “literatura de massa”, como livros de bancas de jornais, ou os *best-sellers*, de acordo com a Academia, não podem fazer parte da “alta literatura”, pois sua criação é motivada pelo mercado, são criadas seguindo “fórmulas de venda”, sem originalidade, com a principal intenção de agradar ao leitor.

A escola também é uma das responsáveis pela legitimação das obras canônicas. Recebem os livros didáticos com uma seleção pré-definida, com análises prontas das grandes obras, as quais o professor se esforça para entender e passar para seus alunos. A expectativa é a de que os próprios alunos internalizem quem são os grandes nomes e as grandes obras da literatura brasileira e mundial. Sem mencionar a seleção de livros para

o vestibular, que traz, em sua maioria, as obras clássicas da literatura brasileira. Os alunos se veem obrigados e além disso, “desesperados”, tentando compreender essas obras. Isso tudo contribuiu para implantação de um discurso homogêneo e repetitivo em relação aos nomes das principais obras literárias. O resultado dessa prática é observado nos próprios alunos que saem das escolas reproduzindo esses discursos e, muitas vezes, só aprendem “[...] o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal” (ABREU, 2006, p. 19). Até mesmo quando são questionados se gostam de ler, muitos dizem não ter o hábito, afirmam não sentir prazer na leitura. Entretanto, reparando com maior atenção, será possível perceber que estes mesmos alunos que se julgam não-leitores leem e muito, mas leem as obras consideradas da “literatura de massa”, como os *best-sellers*. Desta forma, associam que uma obra só é *literatura* se fizer parte dos cânones literários, do contrário, se não leem as obras desse grupo seletivo, também não se consideram leitores. Ou seja, mesmo recusando a leitura da literatura tradicional, eles adotam os livros escolares como padrão de boa leitura.

Por parte dos alunos, infelizmente, a importância dada às aulas de Literatura está atrelada aos vestibulares. Para os jovens, se essa disciplina deixar de “cair” no vestibular ela não terá mais motivo para existir. Sendo que essas aulas deveriam ser vistas pelos alunos como um momento prazeroso, de fruição e reflexão de sua condição humana, de formação de um ser pensante e crítico na sociedade. Por parte dos professores, depois de formados, chegam às salas de aula e se deparam com o PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola e os conteúdos que devem ensinar a seus alunos. Nesse quadro desesperador, o livro didático (LD) aparece como uma salvação, porque o professor não sabe o que fazer e como colocar em prática tudo o que aprendeu na faculdade, toda a teoria estudada. Então, essa ferramenta educacional se apresenta como um importante auxílio para os professores que têm seu trabalho facilitado, acompanhando os conteúdos que o livro traz, seguindo até mesmo a cronologia que ele apresenta. Como esses livros, geralmente, também já trazem trechos de obras literárias e atividades relacionadas a esses textos, alguns professores acham isso o bastante e se acomodam com esse apoio.

A intenção aqui não é renegar o LD, pois ele realmente é um importante apoio para o professor, mas não deve ser o único instrumento de ensino utilizado nas aulas. O professor pode utilizá-lo partindo das informações que esses livros trazem, no entanto, considerando que são informações condensadas, pois sabemos que não é possível tratar

de tudo sobre a Literatura em um só livro. É interessante partir desses livros e trazer outros recursos para a sala de aula, não se limitar a discutir os textos com base somente nas propostas trazidas pelo LD. O professor pode criar, inventar, ampliar essas discussões e deixar que seus alunos falem mais, ao invés de somente se limitarem a responder os exercícios do livro, que pouco levam esses alunos a refletirem sobre a obra literária estudada.

Não é necessário trazer algum LD para exemplificar aqui o que acabei de comentar. Basta recordar como eram os LDs nos tempos de escola. O que é mais marcante é a presença das escolas literárias: Modernismo, Classicismo, tantos “ismos”... Ou seja, a preocupação maior dos professores era (e parece que continua sendo) a de que seus alunos decorassem datas de nascimento e morte de autores consagrados, características de escolas literárias, nomes das principais obras dos principais autores, reservando um pequeno espaço para trechos de obras literárias.

Os alunos raramente têm contato com a própria obra, e quando se pede a leitura integral de um livro, ocorre, em sua maioria, com o objetivo de posteriores atividades avaliativas:

Não, na escola eu lia porque era obrigada mesmo, aqueles livros brasileiros, dos escritores brasileiros e eu não era fã de nenhum deles não. Na verdade, eu gostei daquele *O seminarista*, gostei mais por causa da história, mas assim, eu li sem interesse, por obrigação (Rosana)³.

Apresentar os alunos primeiro às obras e depois partir para outras considerações seria o mais adequado. As aulas de Literatura ficariam mais interessantes se a metodologia utilizada fosse o contrário do que normalmente procede, partindo inicialmente da leitura da obra literária, deixando as considerações sobre a biografia do autor ou contexto histórico em que foi escrito para depois, e isso deve ocorrer somente se a própria obra necessitar dessas informações para fazer sentido. Esse foco de estudo das aulas de Literatura acaba “matando” a leitura e, algumas vezes, limitando sua interpretação, que é feita com base na vida e no contexto histórico, além de não despertar o interesse para a leitura da obra.

Partindo da leitura da obra, surgirão diversas interpretações, pois todo leitor realiza um esforço para ressignificar o texto em sua época. Ele se depara com informações novas, compara com as que sua experiência já lhe proporcionou e assim vai

³ Rosana, professora de matemática, uma das sete entrevistadas.

sobrepondo os “obstáculos” que a leitura apresenta, dando origem a novos significados. O leitor terá uma atitude de “estranhamento” diante de algo novo e, assim, concretiza sua leitura no momento em que vai preenchendo os espaços vazios do texto (INGARDEN, 1979). Por esse motivo, não é imprescindível que o professor explicita aos alunos quem foi o autor ou a época em que ele viveu. Como disse anteriormente, isso só deve ser feito se a própria obra orientar para essa interpretação.

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo [...] sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (TODOROV, 2009, p. 32-33).

Na disciplina de Literatura deveriam ser estudadas as próprias obras literárias e não somente os métodos de investigação ou análise da história da literatura.

Ora, essa mesma escolha se apresenta para a literatura; e a orientação atual desse ensino, tal como ela se reflete nos programas, vai toda no sentido do “estudo da disciplina” (como na física), ao passo que poderíamos ter preferido nos orientar para o “estudo do objeto” (como na história) [...] (TODOROV, 2009, p. 28).

Afinal, a escola não pretende formar especialistas em literatura. As teorias deveriam ser reservadas para serem estudadas com maior atenção somente nos cursos que formam profissionais de Literatura:

[...] No ensino superior, é legítimo ensinar (também) as abordagens, os conceitos postos em prática e as técnicas. O ensino médio, que não se dirige aos especialistas em literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo; o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar aquela e não estes últimos [...] (TODOROV, 2009, p. 41).

Outros aspectos da obra literária, como sua literariedade, devem ser reservados para os estudos dos profissionais da literatura, pois essas particularidades da obra só serão percebidas após um contato maior com os livros, um amadurecimento maior do leitor. Não é isso que os conquista à primeira vista. Os jovens só chegarão a se tornar leitores maduros e assíduos se permanecerem lendo durante a sua vida. Para isso, é necessária a paixão inicial pelos livros. Um leitor só é formado a partir do momento que “ama” alguma leitura em sua vida, que faz algum sentido para sua própria existência.

Então, esse primeiro contato com a literatura, que pode ser de amor ou de ódio, é de extrema importância. Se não houver mais esses contatos de paixão pelos livros, também não teremos mais estudiosos da literatura.

Mas se essas obras não significarem na vida do leitor, não o conquistará e dificilmente ele se tornará um leitor crítico que durante sua vida terá maior maturidade para escolher as suas “melhores” leituras.

Pode-se dizer que o cenário está mudando e que é possível visualizar uma pequena brecha no meio dessa tradição fechada. Aos poucos percebe-se a inserção de obras que não foram proclamadas como parte do grupo das grandes obras literárias. Isso ocorre devido à contribuição de algumas vertentes teóricas que estão agindo para a desestabilização do cânone literário e permitindo o repensar, a revisão e a abertura para um novo tipo de literatura, como a literatura de grupos normalmente marginalizados, como as mulheres, os homossexuais, além de outros grupos comumente excluídos.

[...] Da literatura, disciplina de origem de Hoggart e Williams, mantêm-se o estudo dos textos e dos modos da representação da realidade. Mas o foco se amplia. Os gêneros menos nobres, como ficção científica ou romances vendidos em bancas de jornal, dividem a atenção com uma leitura política de textos da alta literatura. O cânone – lista do que são consideradas grandes obras – é rediscutido e expandido com a redescoberta de obras antes relegadas ao esquecimento escritas por mulheres, negros, homossexuais e outros. Nesse aspecto, os estudos culturais se intersectam com os estudos feministas, os pós-coloniais e os da literatura negra (CEVASCO, 2009, p. 323).

Os estudos culturais “nascem de uma recusa do legitismo, das hierarquias acadêmicas dos objetos nobres e ignóbeis. Eles se fixam sobre a aparente banalidade da publicidade, dos programas de entretenimento, das modas vestimentares” (MATTELART, 2004, 72). Não podemos esquecer da contribuição que os estudos em Literatura Comparada também trouxeram para essa revisão, para a abertura a obras antes renegadas. A princípio, a Literatura Comparada ocupava-se em realizar comparações somente entre grandes obras da literatura mundial na tentativa de demonstrar as influências que determinado autor exercia sobre o outro, deixando uma sensação de mal-estar, pois o escritor precedente sempre aparecia como devedor a uma grande obra. Essa limitação dos estudos comparados foi combatida por René Wellek. Segundo Tania Carvalhal:

Tal limitação, para Wellek, faz com que a literatura comparada se reduza à análise de fragmentos, sem ter a possibilidade de integrá-los

em uma síntese mais global e significativa. Por outro lado, essa limitação obriga o comparativista a enveredar apenas pelos clássicos estudos de fontes e influências, causas e efeitos, sem jamais chegar à análise da obra em sua totalidade ou de uma questão em sua generalidade. Além disso, continua Wellek, a investigação do "comércio exterior" entre duas literaturas conduz o estudioso a se ocupar apenas com dados extraliterários (CARVALHAL, 2006, p. 36).

Com o passar dos anos, esses estudos foram se ampliando e incluindo outros tipos de arte, como a midiática e a pictórica. Não se pode esquecer o conceito de intertextualidade crivado por Bakhtin e Julia Kristeva. Esse conceito concebe o texto como um mosaico de outros textos. Assim, “[...] o que era entendido como uma relação de dependência, a dívida que um texto adquiria com seu antecessor, passa a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos” (CARVALHAL, 2006, p. 52).

Essa conceitualização tirou o sentimento de dívida que os escritores tinham em relação aos seus antecessores. E abrandou a ideia de que uma obra só era digna de ter valor se fosse possível encontrar nela influências de outras grandes obras e autores. Com esse conceito, passou-se a entender que um texto nada mais é que um diálogo entre textos anteriores e posteriores, dando origem a um novo texto. Esse conceito nos remete ao da Antropofagia cultural, que tinha como proposta a devoração do que é do outro para originar algo novo:

O procedimento "devorador" não está muito distanciado das relações efetuadas entre os textos, do qual cabe à intertextualidade dar conta (por isso, talvez, a proposta antropofágica tenha despertado tanto o interesse dos comparativistas nos últimos dez anos). E é justamente aí que podemos chegar para refletir sobre essa estratégia de reversão, quando empregada nos estudos literários comparados. É preciso atentar para o risco de cair no extremo oposto. Se antes, no comparativismo tradicional, a direção era única — da cultura dominadora para a dominada —, comprometendo toda a atuação ao torná-la determinista e restringindo o ângulo de visão, adotar a perspectiva antropofágica consistiria em inverter essa direção, apenas. Dito de outra maneira, passaríamos de uma radical postura de admiração passiva e incondicional pelas culturas européias a outra atitude, igualmente radical, de fechamento num "autobastar-se" nacionalista (CARVALHAL, 2006, p.80).

Ambas as propostas – da intertextualidade e Antropofagia – contribuíram para uma valoração do que é novo, do inter-relacionamento entre o que é considerado canônico e o que é considerado popular, para que dessa relação surjam novos textos.

Essas ideias proporcionaram uma revisão da tradição e principalmente uma revisão de valores, para que se possa voltar o olhar para outros tipos de arte e, a partir disso, desconstruir o que já está internalizado em nossa conceituação do valor de uma obra literária.

Mas para mim existe ainda uma outra razão para repensar, hoje, relação erudito-popular. Ela pode nos direcionar de volta aos debates de esquerda sobre o modernismo nos anos de 1930 (Brecht, Lukács, Bloch, Benjamin, Adorno) e sua preocupação constante com questões de valor estético e percepção estética em relação à política, história e experiência. Revisitar a problemática num contexto transnacional poderia, então, servir para reinscrevermos a questão do valor estético e forma no debate contemporâneo e para repensarmos a relação, historicamente alterada, entre o estético e o político para a nossa época [...] (HUYSSSEN, 2002, p. 23).

Como se vê, a discussão sobre a definição do valor de uma obra literária é complexa e envolve vários fatores. Pode-se entrar também na discussão do que é considerado literatura ou o que não é. As obras que fazem parte da chamada “literatura de massa” podem ser consideradas como Literatura? Essa questão do que é ou não é Literatura é mais uma indagação sem resposta. Não existe verdade absoluta sobre isso, talvez seja mais plausível falar sobre o que pode *vir a ser* considerado como Literatura (LAJOLO, 2001). Não se deve esquecer que os conceitos mudam de acordo com as épocas, com os pontos de vista. Um bom exemplo disso são os próprios romances que, em décadas anteriores, eram considerados como leituras perigosas, que corrompiam e hoje são parte do currículo escolar e do repertório erudito de muitos intelectuais:

O gênero era novo, não fazia parte da tradição clássica, era lido por gente sem muita instrução, era vendido aos montes. Em suma: devia ser banido do mundo das Belas Letras. Apesar das insistentes reclamações, que entram pelo século XXI, uma crítica mais poderosa, a do público leitor, deu seu veredicto e permitiu a consolidação do gênero. Estima-se que aproximadamente dois mil romances foram publicados durante o século XVIII na Inglaterra, o que ajuda a entender a existência de tamanha má vontade com o gênero (ABREU, 2006, p. 106).

Portanto, as questões de valor abarcam diversas outras questões. Nesse sentido, é importante sempre a abertura e a atenção para os diversos estudos, proporcionando uma interdisciplinaridade, levando em consideração que a literatura pode e deve ser tratada sempre por diversos olhares e não somente um.

E para os leitores comuns, o que é considerado Literatura? Será que eles levam em consideração os aspectos internos ou externos de uma obra para a escolha de uma leitura? Esse é o assunto que será discutido no próximo capítulo: as preferências de leitura do leitor comum.

CAPÍTULO II

A IDENTIDADE DO LEITOR E SUAS PREFERÊNCIAS DE LEITURA

1. Compreendendo o processo de escolhas:

Márcia Abreu compilou em seu livro *Cultura letrada: literatura e leitura* algumas listas dos melhores livros, autores e obras, na opinião de alguns intelectuais, que haviam sido publicadas pela *Folha de S.Paulo* e *Revista IstoÉ* no final do século XX. O resultado já era de se esperar. Encabeçando as listas, facilmente verifica-se nomes como os de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Mario de Andrade, entre os brasileiros, e James Joyce, Franz Kafka, Marcel Proust, Thomas Mann, entre os estrangeiros. Por outro lado, entre as obras que ocupam as primeiras posições aparecem *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Grande Sertão: veredas*, *Macunaíma*, entre as nacionais, e *Ulisses*, *Em busca do tempo perdido* e *Doutor Fausto* entre as estrangeiras. Nomes como de Leyla Perrone-Moisés, João Adolfo Hansen, Luiz Costa Lima, Silviano Santiago, Heloísa Buarque de Holanda, a própria Márcia Abreu, além de vários outros intelectuais notáveis estavam como responsáveis pela definição das listas dos melhores.

Além dessas, Abreu também traz a lista dos mais vendidos de acordo com a *Revista Veja*, publicada em dezembro de 1999, a qual reproduzo abaixo:

- 1o *O homem que matou Getúlio Vargas*, de Jô Soares
- 2o *A casa dos Budas ditosos — Luxúria*, de Joao Ubaldo Ribeiro
- 3o *O advogado*, de John Grisham
- 4o *Conte-me seus sonhos*, de Sidney Sheldon
- 5o *Veronika decide morrer*, de Paulo Coelho
- 6o *O clube dos anjos*, Luis Fernando Verissimo
- 7o *Ramsés, o filho da luz*, de Christian Jacq
- 8o *A última grande lição*, de Mitch Albom
- 9o *Ramsés, o templo de milhões de anos*, de Christian Jacq
- 10o *Ramsés, a batalha de Kadesh*, de Christian Jacq

Um dos objetivos de Abreu ao apresentar essas listas é mostrar o quanto o assunto em torno do valor de uma obra literária é divergente e não há muito consenso. Observando essas listas, pode-se perceber que bastava mudar o público leitor que as listas também mudavam, ou seja, a subjetividade interfere muito nas escolhas literárias, confirmando, mais uma vez, que o valor não está intrínseco somente à obra.

A seleção apontada pela *Revista Veja*, no ano de 1999, lista as obras mais vendidas nesse período, conseqüentemente as mais lidas pela população. É gritante a diferença entre as preferências literárias dos intelectuais e a dos leitores brasileiros.

Importante ainda observar que as obras eleitas como as melhores na opinião de uma minoria são as mesmas que são impostas pelas escolas para a maioria da população. O que se vê, é que o gosto da maioria, algumas vezes, é desconsiderado. O que parece é que um número alto de vendas, automaticamente está ligado à uma baixa qualidade estética, na opinião dos intelectuais.

Tema semelhante foi capa da *Revista Veja* de 18 de maio de 2011, com o subtítulo: *Uma geração descobre o prazer de ler*. Nessa edição de número 2217, com reportagem do jornalista Bruno Meier, foi debatida a questão do crescente aumento de vendas para o público juvenil e o grande aumento de vendas dos *best-sellers* que, segundo alguns relatos de leitores nessa mesma reportagem, tem permitido o mergulho, paulatinamente em obras de maior fôlego como os clássicos da literatura mundial.

Nessa edição, encontra-se relatos interessantes, como o de uma jovem estudante de 21 anos que sempre se empenhou na leitura de clássicos da literatura. Títulos como *Crime e Castigo* de Dostoiévski, *O Retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilde, fazem parte dos seus livros de cabeceira, entretanto, confessa que só se apaixonou de verdade pela leitura a partir do momento que se deparou com a saga *Harry Potter*: “Ler é prazer. E, uma vez que se prova desse deleite, ele é mais e mais desejado. Basta um pequeno empurrãozinho (...) para que o leitor potencial deslanche e, guiado por sua curiosidade, se aventure pelos caminhos infinitos” (MEIER, 2011, p. 100).

Nos últimos anos, os números de vendas de livros destinados ao público infantojuvenil deslancharam. Segundo dados da mesma revista, de 277 mil títulos em 2005, houve um salto para mais de 1 milhão em 2010. Livros como *Harry Potter* e a saga *Crepúsculo* ultrapassaram a marca dos 3 milhões só no Brasil. Em 2010, pode-se perceber no país esse fenômeno de vendas para o público jovem. Também é notável o aumento da leitura entre o público adulto que está em busca de livros que possam guiá-los em suas vidas, destacando os gêneros de autoajuda e os livros religiosos. Durante o ano de 2010, uma tríade de escritores foi recorrente no topo de quase todas as listas dos livros mais vendidos do ano. Os escritores Stephenie Meyer – Padre Fabio de Melo – Augusto Cury. A primeira é autora da saga de maior sucesso dos últimos anos. Seus livros *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Amanhecer*, *Eclipse*, atingiram sucesso de vendas e de bilheteria quando foram transformados em filmes. Pe. Fabio de Melo, além de ser cantor e religioso, esteve por muitos meses nos topos de venda da categoria de livros de autoajuda e religiosos, com seu livro *Quem me roubou de mim?*, entre outros. Há também o professor e psicólogo Augusto Cury, que lançou diversos títulos de sucesso

como *O Vendedor de Sonhos*, *Pais brilhantes*, *professores fascinantes*, *Nunca desista dos seus sonhos*, entre vários outros. Sem deixar de mencionar os *best-sellers*: *A Cabana*, de William Young e *O Símbolo Perdido* de Dan Brown.

A seguir reproduzo algumas das listas dos livros mais vendidos nas últimas semanas do mês de setembro da *Revista Veja* no ano de 2011:

1.

FICÇÃO:

- 1- *A cabana* (William Young)
- 2- *O símbolo perdido* (Dan Brown)
- 3- *Querido John* (Nicholas Sparks)
- 4- *O ladrão de raios* (Rick Riordan)
- 5- *Amanhecer* (Stephenie Meyer)
- 6- *A última música* (Nicholas Sparks)
- 7- *O mar de monstros* (Rick Riordan)
- 8- *O último olimpiano* (Rick Riordan)
- 9- *A batalha do labirinto* (Rick Riordan)
- 10- *A breve segunda vida de Bree Tanner* (Stephenie Meyer).

AUTOAJUDA E ESOTERISMO:

- 1- *Ágape* (Padre Marcelo Rossi)
- 2- *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* (Sherry Argov)
- 3- *Se abrindo para a vida* (Zibia Gasparetto)
- 4- *O monge e o executivo* (James Hunter)
- 5- *Nosso lar* (Chico Xavier)
- 6- *Mentes brilhantes, mentes treinadas* (Augusto Cury)
- 7- *O efeito sombra* (Deepak Chopra, Marianne Williamson, Debbie Ford)
- 8- *Os segredos da mente milionária* (T. Harv Eker)
- 9- *Encontre Deus na cabana* (Randal Rauser)
- 10- *A arte da guerra* (Sun Tzu)

2.

FICÇÃO:

- 1- *A tormenta das espadas* (George R. R. Martin)
- 2- *A cabana* (William Young)
- 3- *A guerra dos tronos* (George R. R. Martin)
- 4- *Paixão* (Lauren Kate)
- 5- *Água para elefantes* (Sara Gruen)
- 6- *Querido John* (Nicholas Sparks)
- 7- *Um amor para recordar* (Nicholas Sparks)
- 8- *A fúria dos Reis* (George R. R. Martin)
- 9- *Questões do coração* (Emily Griffin)

10- *Infinito* (Alyson Noel)

AUTOAJUDA E ESOTERISMO:

- 1- *Ágape* (Padre Marcelo Rossi)
- 2- *A vida sabe o que faz* (Zíbia Gasparetto)
- 3- *Tempo de esperas* (Padre Fábio de Melo)
- 4- *Mulheres inteligentes, relações saudáveis* (Augusto Cury)
- 5- *Nietzsche para estressados* (Allan Percy)
- 6- *De volta à cabana* (C. Baxter Kruger)
- 7- *O monge e o executivo* (James Hunter)
- 8- *Problemas? Oba!* (Roberto Shinyashiki)
- 9- *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* (Sherry Argov)
- 10- *O segredo* (Rhonda Byrne)

Interessante notar que essas listas ilustram a relação dos livros mais vendidos em um intervalo de uma semana para outra. O enquadramento dos títulos em “ficção, autoajuda e esoterismo” é feito pela própria revista. O que se pode notar é que o nome de autores brasileiros não aparece na “ficção” em nenhuma das duas listas, aparecendo somente na parte de “autoajuda e esoterismo”. A que se deve essa “invasão” de escritores estrangeiros no nosso país? A difusão de algumas obras, como *O símbolo perdido*, *Água para elefantes*, *Amanhecer*, entre outras, pode ser explicada pela suas adaptações para o cinema. Esse tipo de mídia atinge ainda mais pessoas. Muitos são apresentados primeiro ao filme e depois se interessam em ler o livro. Já os nomes que aparecem com frequência na segunda parte das listas são de religiosos como o Pe. Marcelo Rossi, Pe. Fábio de Melo e a espírita Zíbia Gasparetto. Os três escritores são muito conhecidos pelos brasileiros. Os dois padres, além de escritores, conquistaram fama primeiro pela música e a grande presença em programas televisivos. A televisão é o veículo de comunicação que atinge o maior número de pessoas atualmente. E é por meio desse veículo que esses escritores têm divulgado suas obras. O acesso à compra de todos esses títulos também é facilitado, podendo ser adquiridos por preços em torno de R\$ 10 reais em catálogos como a AVON. Isso facilita muito o acesso e contribui para esses autores aparecerem nas listas dos mais vendidos. A figura carismática do autor, atrelado aos preços baixos são grandes atrativos para a sua aquisição.

Como é possível perceber, os livros mais lidos pelo público nas listas apresentadas são diferentes daqueles classificados como os clássicos da literatura mundial. A literatura clássica não aparece na lista dos mais vendidos. O que então motiva a escolha de um leitor? Será que esse “deslanche” da leitura se deve somente à

mídia? Ou porque essas leituras estão “na moda”? Ou será que há algo a mais nesses livros que atraem a atenção da maioria dos leitores e os envolvem de tal forma que eles acabam necessitando dessas leituras, atentos a cada novo lançamento.

Entretanto, sou favorável à democratização das obras tanto da chamada “literatura de massa”, como dos clássicos da literatura, oportunizando, dessa forma, o contato com os diversos tipos de livros e dando ao leitor o direito de acatar e descartar as obras que julgam ser mais interessantes ou aquelas que não “falam” nada para suas vidas. O leitor só poderá se tornar maduro e competente se tiver construído uma bagagem de leituras durante sua vida. Os *best-sellers* e as obras da “literatura de massa” auxiliam na formação do repertório de leituras do sujeito, preparando-o para a inclusão de obras consideradas mais complexas:

Para quem não tem o hábito da leitura (e, entre os brasileiros, muitos não o têm), o projeto de se tornar um leitor sofisticado pode parecer inatingível – e tedioso, e cansativo [...]. Mas imagine se, dez anos atrás, alguém pedisse a você que tomasse decisões com a carga de responsabilidade das que toma hoje, ou que manejasse os programas de computador que hoje lhe são habituais: impossível, assustador. Com a leitura, dá-se esse mesmo processo de aprendizado, cumulativo e, por que não, suave. Se atualmente a sua leitura preferida são os romances adocicados de Nicholas Sparks e outros autores do gênero, um livro como *Guerra e Paz*, de Leon Tolstoi, talvez pareça impenetrável (e chato). Ora, a saída simples e prazerosa é percorrer um circuito menos acidentado. Passe antes por *Tess*, de Thomas Hardy, ou até por um conto breve como *Bola de Sebo*, de Guy de Maupassant. Um livro não apenas puxa outro, como prepara para o seguinte. Em um ano, ou dois, ou três, quando abrir de novo as páginas de *Guerra e Paz*, é provável que a leitura já lhe pareça agradável e instigante – e não mais um martírio (MEIER, 2011, p. 105-106).

Uma leitura puxa a outra. Um leitor que tem pouco contato com a leitura, ao se deparar com um clássico, tem grandes chances da leitura não fluir e ele deixá-la de lado. Daí entra a importância do hábito da leitura, seja ela de *best-sellers*, gibis, revistas ou jornais. Tudo que uma pessoa lê na vida contribui para formar um repertório de leituras, incultir o hábito de ler e, até mesmo, o de manusear um livro. A atitude de se recolher para realizar a leitura de um livro se torna comum. A leitura dos *best-sellers* é de extrema importância, pois se apresenta como uma leitura mais “suave”, não uma leitura fácil, como muitos críticos costumam designá-la. Esse conceito de fácil ou difícil é subjetivo. Para leitores maduros, essa leitura pode representar facilidade, mas para quem

não prática, é considerada uma leitura prazerosa e que pode alargar o seu horizonte de expectativas, além de prepará-lo para as próximas leituras.

Acredito que a literatura é feita de leitores. E ela só continuará a existir se a cada dia novas pessoas se interessarem pelos livros e, assim, cada leitura finalizada despertará o interesse para outra nova leitura, tornando-se um ciclo sem fim:

Uma obra ainda está viva quando tem leitores. Os teóricos da ‘estética da recepção’ enfatizaram o papel do leitor na própria produção literária, sua influência sobre as direções subsequentes dessa produção. Entretanto, não é o leitor comum (abstração que só pode concretizar-se como sombra, pela via indireta e enganadora das tiragens, das vendas ou dos documentos relativos à distribuição e ao consumo), mas sim *o leitor que se torna escritor* quem define o futuro das formas e dos valores. O que leva a literatura a prosseguir sua história não são as leituras anônimas e tácitas (que têm um efeito inverificável e uma influência duvidosa, em termos estéticos), mas as leituras ativas daqueles que as prolongarão, por escrito, em novas obras (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 13).

Concordo em parte com essa afirmação de Perrone-Moisés. Não tenho dúvidas de que o prolongador de vida e do valor de uma obra literária será o leitor que se torna escritor, como citado acima. Entretanto, para esse leitor se tornar escritor ele necessita, em geral e a princípio, se tornar um efetivo leitor. E para se tornar um leitor são necessários os incentivos da escola, da família, dos amigos. Acesso facilitado a diversos tipos de livros, além do papel fundamental do professor como intermediador. Não podendo esquecer que esse leitor poderá iniciar sua leitura a partir de obras mais simples, de alguns gibis ou até mesmo a “literatura de massa”. Enfim, antes da efetiva formação de um leitor existem diversos fatores contribuindo para isso.

Se o objetivo for alcançado, ele se interessará cada vez mais pela leitura, incluindo mais e mais livros em seu repertório, expandido sua bagagem cultural. Dependendo de seu interesse, esse leitor pode desejar se aprofundar ainda mais nas obras, mas agora deixando um pouco de lado o aspecto da fruição e passando para análises críticas do que lê. Pode se especializar cada vez mais nessa área até, quem sabe, se tornar um escritor de renome, além de crítico literário e passar a escrever sobre as próprias obras literárias. Dessa forma, com certeza, ele estará contribuindo para manter viva a leitura literária entre as pessoas. Portanto, as leituras anônimas que, segundo Perrone-Moisés, “têm um efeito inverificável e uma influência duvidosa, em termos

estéticos” (1998, p. 13) são sim de suma importância para que a literatura se mantenha viva.

O desinteresse pela leitura existe, principalmente dentro dos muros escolares. Fora deles, é fácil encontrar jovens leitores. A que atribuímos esse fato?

Uma das várias justificativas encontradas é a qualidade das aulas de Literatura nas escolas. Não é raro se deparar com professores desmotivados com a profissão, devido a várias causas, dentre elas, os baixos salários e a baixa valorização da profissão. Outro fato importante é a formação docente que, com exceções, não é a mais adequada. Os acadêmicos que se formam em licenciaturas enfrentam muitas dificuldades durante o curso. Precisam conciliar estudo e trabalho, ficando com pouco tempo para as leituras, se limitando apenas às leituras teóricas. Ou seja, se o futuro professor já não tinha a prática da leitura antes de entrar na faculdade, dificilmente se tornará um leitor dentro dela. Depois de formados, vão para as escolas e se veem com a difícil tarefa de formar leitores, despertar o interesse pela leitura nos alunos, além de ter que realizar uma tarefa que também não lhes foi ensinada.

A partir dessa breve reflexão em torno da trajetória de formação do professor de literatura, pode-se refletir sobre a grande responsabilidade que lhes é atribuída. A contribuição da família e de toda a comunidade escolar torna-se imprescindível. Essa responsabilidade não deve ser somente do professor de Literatura ou Língua Portuguesa. Infelizmente, “[...] Parte considerável do corpo docente envolvido com projetos de leitura efetivamente não lê: sua disponibilidade para a leitura é mínima, e a resistência, máxima [...]” (LEAHY-DIOS, 2005. p. 42).

[...] A noção de resistência sugere mais um espaço de debate que um conceito impenetrável. De um lado, longe de serem consumidoras passivas, idiotas culturais, para retomar a expressão do antropólogo Clifford Geertz [1973], as classes populares mobilizam um repertório de obstáculos à dominação (MATTELART, 2004, p. 74).

Para ocorrer a formação, concordando com as ideias de SILVA (1986), seria positivo se houvesse um esforço conjunto da família e da comunidade escolar. Em casa, os pais deveriam servir de exemplo para seus filhos, lendo e incentivando-os a ler. Na escola, o aluno também deveria ser incentivado. A biblioteca deveria contar com um amplo acervo e uma bibliotecária que estimulasse a leitura. O currículo da escola também deveria “abrir espaço” para as atividades dedicadas à leitura e à formação de leitores e os professores não deveriam utilizar o livro somente como uma ferramenta

metodológica, mas sim como um instrumento de transformação social. Esse contexto seria o mais propício para formação de um leitor:

[...] O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível. Isso não seria pedir a esse professor um esforço excessivo, do qual apenas os mestres serão capazes? Não nos espantemos depois se ele não conseguir realizá-lo a contento (TODOROV, 2009, p. 41).

É importante refletir sobre essas questões para que não se saia apenas divagando a respeito da educação, do ensino, do desinteresse de professores. O que se deve discutir são projetos de melhoria e incentivo à formação desses profissionais, além de uma valorização profissional com salários mais dignos e condições de trabalho decentes. Partindo dessa reflexão, pergunta-se: o que é lido fora das escolas?

Em relação às leituras feitas e exigidas dentro dos muros escolares não é difícil responder, mas fora das escolas, a impressão que se tem (e o que se costuma dizer) é que não há leitura. O senso comum é de que os alunos, quando estão fora das salas de aula, procuram fazer outras coisas, como navegar na *internet* e muitas outras atividades que não se relacionam com a leitura. Contudo, um observador mais cauteloso perceberá que isso não passa de um discurso repetitivo. A leitura entre os jovens só têm aumentado, mas suas leituras têm sido diferentes dos clássicos da literatura.

Quando se presta maior atenção às práticas desses jovens, percebemos que esses discursos que afirmam que os jovens não leem já não cabem mais na atualidade. Do lado de lá dos muros escolares está cada vez mais comum encontrar jovens lendo. Livros de 200, 300, 500 páginas em poucos dias. Assim, o problema parece estar resolvido, entretanto, o quadro não é tão belo (de acordo com a crítica). Esses jovens estão lendo e muito, mas não o que é, do ponto de vista acadêmico, “necessário” ler. Esses jovens estão mergulhados nos *best-sellers*, na chamada “literatura de massa”. Esses alunos se dizem não-leitores justamente porque não leem o que a escola exige, associam o que é literatura somente ao que a escola pede, se leem obras diferentes das exigidas pela mesma não se consideram leitores. Quando se questiona algum jovem sobre suas práticas de leitura, não é difícil perceber uma contradição em sua fala, pois eles “[...] percebiam a associação mental entre ‘ler’ e ‘obra indicada pela escola’: *leitura de fato* seriam as obras pré-aprovadas pelos professores como objeto de estudo para prova ou trabalho escolar” (LEAHY-DIOS, 2005. p. 43).

Segundo Michèle Petit, os jovens durante a leitura:

[...] Caçam furtivamente nos textos, buscando algo que os toque independentemente das categorias, das classificações convencionais, das linhas de divisão entre gêneros mais ou menos legítimos. As divisões que estabelecem uma oposição entre leituras “úteis” e leituras de “distração” não valem mais: eles podem se divertir com o movimento das estrelas, e pensar que seja infinitamente “útil” e precioso descobrir palavras que dão voz a seus medos ocultos ou sentido à sua vida (PETIT, 2008. p. 57).

Os jovens têm interesses particulares de leitura “e isso basta para sabermos que há a leitura, [...] e isso basta para sabermos que os jovens lêem... à sua maneira, de seu modo, segundo suas escolhas...” [...]. Segundo Cyana Leahy-Díós, os interesses de leitura dos jovens:

[...] De forma ampla e generalizada, os principais interesses dos jovens adultos e adolescentes em todos os tempos têm sido o conhecimento do próprio corpo, as relações sociais, afetivas, amorosas e sexuais, as dificuldades de relacionamento em família e com amigos. Publicações recentes tratam de preconceitos raciais, sexuais, de gênero, sociais, financeiros; de problemas em família, separação dos pais, abuso sexual, dificuldades de diálogo, disputas entre irmãos; de iniciação sexual, gravidez e aborto, da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; de crianças e adolescentes em situação de rua, de problemas políticos etc (LEAHY-DIOS, 2005. p. 39-40)

Atualmente, o mercado de livros destinado aos jovens tem aumentado muito. A leitura também tem circulado com maior intensidade entre os adultos. E não é difícil encontrar leitores que não estão mais em idade escolar, devorando os livros campeões de venda: os atuais *best-sellers*. O que leva tantas pessoas a preferirem a leitura dessas obras? O que parece é que as pessoas se interessam mais por aqueles livros que fazem alguma relação com sua vida, com sua identidade. É esse conceito que será discutido no próximo tópico.

2. Identidades deslizantes:

Para embasar a reflexão em torno do conceito de identidade, me utilizo do teórico Stuart Hall (2006) para subsidiar a compreensão. O teórico levanta algumas reflexões em torno da conceitualização de identidade e à respeito da chamada “crise de identidade”. Ele defende a ideia de que as identidades modernas estão sendo descentradas. Antes de iniciar a discussão à respeito do descentramento do sujeito, Hall

(2006) faz um alerta para os leitores de seu livro, reflexão essa que julgo pertinente também para a compreensão de minha pesquisa:

[...] o próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas (2006, p. 8-9).

A questão da identidade se mostra ser muito complexa, sendo assim, a minha discussão em torno do assunto é apenas um esforço de reflexão sobre o mesmo.

Hall (2006) aponta três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo é definido por ser centrado, unificado, com um núcleo essencial. Tem uma identidade fixa e estável. Já o sujeito sociológico, diferente do sujeito do Iluminismo, não tem sua identidade autosuficiente, autônoma, essa identidade é formada e transformada por meio da interação com outras pessoas, na interação entre o “eu” e a sociedade. São os outros que apresentarão os valores e a cultura da sociedade que habitam.

Contudo, essas concepções se transformam, e antes, o que era definida como fixa e estável, está se tornando fragmentada, composta de várias identidades contraditórias. Esse processo de fragmentação se deve às mudanças estruturais e institucionais da sociedade que dão origem ao sujeito pós-moderno. A identidade deixa de ser fixa para se tornar móvel e transformada continuamente em relação às representações culturais da sociedade em que vivemos. Dessa forma, a identidade seria definida historicamente e não biologicamente:

[...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

O sujeito do iluminismo, antes visto com uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades fragmentadas do sujeito pós-moderno. Foram cinco os descentramentos⁴ que contribuíram para tal mudança de conceito. Esses cinco momentos foram de grande impacto e tiveram como efeito, o descentramento final do sujeito cartesiano e se referem aos escritos de Marx do século XIX; à descoberta do inconsciente por Freud; o trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure; o trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault e o impacto do feminismo como movimento social e como crítica teórica.

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar da *identificação* e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (HALL, 2006, p. 39).

[...] As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude... (BAUMAN, 2005, p. 16-17).

A dificuldade de tal pesquisa se dá justamente nesse ponto. De acordo com Stuart Hall (2006), o sujeito é composto de identidades fragmentadas e não uma fixa e estável, não sendo possível compreender sua identidade por completo, mas, provavelmente, partes dessa identidade. Tenho ciência de que as pessoas se comportam de maneiras diferentes em situações diferentes, conforme bem sintetiza Hall:

[...] o sujeito pós moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade [...] é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (2006, p. 12).

Zygmunt Bauman (2005) discute preceitos semelhantes aos de Hall no que diz respeito às identidades multifacetadas: “[...] Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas

⁴ A respeito dos cinco descentramentos citados neste trabalho, ver mais detalhes em HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (p. 18).

A época líquido-moderna destacada por Bauman (2005) pode ser relacionada à globalização que faz com que as relações interpessoais ocorram mais facilmente e conseqüentemente, mais rapidamente. Vivemos em um mundo de transformação, onde as coisas surgem e desaparecem com muita rapidez. Essa sociedade, muitas vezes, instável, transfere insegurança às pessoas, causando uma sensação de deslocamento constante. As pessoas se tornaram mais cautelosas com o que dizem e com a imagem que passam de si aos outros, tentando passar a impressão de uma identidade estável:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras (BAUMAN, 2005, p. 19).

Assim, o conceito de “imagem” parece ser o mais adequado. Todo ser humano tem sua história de vida, e, a partir dessa narrativa que ele mesmo cria, se sente seguro e estável, pois acredita ter uma identidade fixa durante toda a vida, o que é uma fantasia. A criação de uma imagem do “eu” é necessária para ser vista pelo “outro”. Precisamos passar uma imagem de nós mesmos, para isso há um esforço de construir uma história positiva de nossas próprias vidas. Afinal, nossas identidades vão sendo construídas e transformadas justamente nessa relação entre o “eu” e o “outro”.

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (BHABHA, 1998, p. 76-77).

O Outro, o outro canibal ou bárbaro, o outro necessário para que o eu, meu eu, se constitua como sujeito, aparece e reaparece nas palavras de todos os dias, nas tentativas de dar conta do mundo e seus avatares. Sobretudo, aparece e reaparece quando tentamos narrar a história, nossa história, uma história, qualquer história; quando tentamos reconstruir genealogias e filiações, heranças e passados; quando sonhamos com futuros e descendências, legados e utopias (ACHUGAR, 2006, p.313).

Apesar de estar diante de um *corpus* de pesquisa pautado no discurso do outro, ou seja, suas próprias identidades, creio ser esta uma pesquisa muito relevante, pois tem como aspecto diferencial, um espaço para expressão da subjetividade das pesquisadas, sobrepondo-se à objetividade dos métodos. O que passa em suas mentes e corações no momento em que estão com um livro em suas mãos? Muitos pesquisadores, como Pierre Bourdieu, acreditam que as pessoas não são tão sinceras em suas respostas. Normalmente elas acabam confessando apenas as leituras que ela acredita que tenha valor para a academia. Isso é relevante, pois as pessoas, durante boa parte de suas vidas, principalmente durante a fase escolar, aprendem a repetir os nomes das obras consideradas de valor da literatura brasileira ou mundial, o que está fora disso deve ser lido às escondidas. Por esse motivo, acabam revelando somente as obras que foram definidas como de maior valor pelas escolas ou outras instâncias de legitimação. Ao mesmo tempo que declaram ser leitores das obras pertencentes ao cânone, querem também passar uma imagem de uma pessoa esclarecida e erudita. A literatura tem esse poder:

[...] De fato, evidentemente, a mais elementar interrogação da interrogação sociológica ensina que as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito poucas seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende “o que é que eu leio que mereça ser declarado?” Isto é: “o que é que eu leio de fato de literatura legítima?” [...] E o que ele responde, não é o que escuta ou lê verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido (BORDIEU, 2009, p. 236).

Durante a pesquisa, percebi que as pessoas, aos poucos, vão se soltando para revelar suas leituras preferidas. Entre a pesquisa inicial e a atual verifiquei uma mudança de atitude dos entrevistados. Na pesquisa que realizei no ano de 2009, citada anteriormente, senti mais dificuldade para obter o nome dos livros preferidos dos jovens, em contrapartida, nas entrevistas atuais, as pessoas falaram com mais tranquilidade e confiança. Como discutido anteriormente, as pessoas costumam se comportar de forma diferente em diferentes lugares. As entrevistas do estudo anterior foram realizadas dentro do ambiente escolar, a atual foi feita nas casas dos sujeitos entrevistados. O ambiente de entrevistas pode ser um fator importante para os entrevistados se sentirem mais à vontade ou mais cuidadosos com seus relatos. A entrevista semi-estruturada se mostrou ser a mais adequada pela liberdade que dá ao investigador e ao investigado, “ao mesmo tempo que valoriza a presença do

investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Nossas entrevistadas, no momento em que narram suas vidas, suas relações familiares estão construindo suas histórias sempre em relação à alguma outra pessoa, um marido, um filho, ou até mesmo aos mediadores de leitura citados em suas falas. Partindo das reflexões anteriores em torno da identidade, perceberemos as imagens construídas pelas narrativas das leitoras, suas relações pessoais e as imagens que desejam passar para minha pesquisa. As histórias apresentadas aqui são fragmentos de uma vida multifacetada.

Antes de iniciar o próximo capítulo, que traz as histórias de vida das leitoras, farei uma breve apresentação de quem são, nesse momento, nossas entrevistadas. Levando em consideração a discussão sobre identidade, o que apresento aqui não as define conclusivamente. Se, atualmente, durante o período de consecução dessa pesquisa, há alguma entrevistada que se defina como solteira, desempregada, filha, leitora, amanhã, essa mesma mulher, poderá se definir como mãe, esposa, profissional e não leitora. As identidades são deslizantes e multifacetadas, sendo impossível defini-las apenas por alguns aspectos de suas vidas. No próximo tópico, apresentarei, brevemente, minhas entrevistadas:

3. Sete vidas; sete mulheres:

Passo a uma breve apresentação das mulheres entrevistadas para minha pesquisa. Todas autorizaram a divulgação de seus nomes verdadeiros mas, optei pela utilização de nomes fictícios para ter maior liberdade de análise. Minhas entrevistadas serão identificadas por Rosana, Aline, Beatriz, Luana, Caroline, Pérola e Maria.

Rosana (26) é solteira, professora de Matemática, filha de pai marceneiro e mãe dona de casa. Vem de família humilde e sempre batalhou por seus estudos, com o incentivo de seus pais. Aline (24) é solteira, estudante de Pedagogia, está passando por um momento de transição em sua vida. Há pouco mudou de cidade para viver com seu noivo e, em poucos meses, estará casada.

Aline, estudou a vida inteira em escola pública, vinda de uma família simples, teve uma boa educação familiar:

Vivi minha infância toda em Ponta Porã, estudei em escola pública, tive um bom ensino, comecei a trabalhar aos quinze anos, meus pais me deram uma ótima educação, com valores morais, dei um tempo nos estudos e depois prestei vestibular para pedagogia e comecei a faculdade, agora tenho que me formar (Aline).

A estudante do terceiro ano do ensino médio, Beatriz (16), filha de pai vendedor e mãe dona de casa, teve uma infância feliz. Seus pais, mesmo com dificuldades financeiras, sempre tentaram lhe proporcionar o melhor. A menina sempre estudou em escola particular. Beatriz, apesar da pouca idade, já trabalha e tem uma vida bem ativa: “Eu moro em Dourados, eu trabalho de manhã e estudo de tarde, e à noite faço cursinho para prestar vestibular” (Beatriz). A jovem está prestes a prestar vestibular e pretende cursar Psicologia.

Luana (16), nascida no interior do Paraná, cresceu em um lar com boas condições financeiras. Seus pais, vindos de famílias simples, só conseguiram conquistar um diploma de ensino superior depois de adultos. Os dois, atualmente, são dentistas. Luana mudava muito de cidade quando era menor, em decorrência dos estudos dos pais. No decorrer de sua infância, seus pais já apresentavam condições financeiras melhores. Atualmente, está cursando o ensino médio em uma escola particular.

Caroline (22) é uma garota extrovertida, com muita facilidade para se expressar. Nasceu no Paraná, já morou no Mato Grosso do Sul, São Paulo e atualmente está de volta ao Paraná, cursando o último ano de sua faculdade de Farmácia. Vinda de família de classe média alta, seus pais são dentistas e sempre lhe proporcionaram conforto. Caroline nunca precisou trabalhar fora e dá muito valor a tudo que seus pais lhe proporcionam. Carol, como é chamada, é irmã de Luana, a entrevistada anterior:

Carol estudou a vida toda em escola particular e apenas um ano em escola pública, entretanto sentiu grande diferença na qualidade de ensino das escolas:

Eu estudei a vida inteira em colégio particular, acho que fiz a quinta série só em escola pública, mas daí não gostei, foi como repetir a quarta série, daí o resto em escola particular, daí fiz cursinho e entrei pra universidade pública, universidade federal (Caroline).

Pérola (39) é copeira, nasceu em Vila Vargas, distrito de Dourados, MS. Pessoa muito batalhadora, trabalha desde cedo. Estudou até o ensino médio, é casada e mãe de três filhos: “tenho o ensino médio completo, tenho dois filhos e sou casada há 21 anos. Comecei a trabalhar desde meus 14 anos para ajudar meu pai e para conseguir voltar a estudar. Trabalhava de faxineira em algumas casas” (Pérola).

Maria (51) foi minha última entrevistada. Dona de casa, casada e com três filhos. Nascida numa família humilde, filha de mãe professora do antigo Mobral, hoje já aposentada, e pai guarda ferroviário, hoje já falecido. Os dois estudaram até o ensino fundamental. Maria interrompeu os estudos quando mais jovem para poder trabalhar, depois de adulta retornou e completou o ensino médio: “sou dona de casa, casada com três filhos, nasci em Ponta Porã, mas agora moro em Dourados. Estudei o ensino fundamental e depois com 34 anos voltei a estudar e terminei o ensino médio” (Maria).

Essa é uma breve apresentação das mulheres entrevistadas para esse trabalho. Apresenta apenas algumas das muitas facetas das identidades dessas pessoas. Como discutido anteriormente, as identidades são móveis, sempre estão se alterando de acordo com a representação de imagem que queremos passar ao “outro”. Temos alguns exemplos disso. Em tão pouco tempo, algumas das entrevistadas já assumiu outra identidade. Beatriz (16), há princípio, estava certa do curso que iria fazer na faculdade há alguns meses atrás. A jovem se identificava muito com Psicologia, tanto que afirmou que era para esse curso que iria prestar vestibular. Atualmente, Beatriz está cursando Jornalismo e a identificação com ele foi imediata. Antes, a jovem se enxergava no futuro como uma grande Psicóloga, agora se vê como uma brilhante Jornalista. Já Aline (24), quando me concedeu a entrevista ainda estava solteira. Hoje já está casada e assumindo uma nova postura em sua vida, a de esposa. Assim são as pessoas, conforme as mudanças ocorrem em suas vidas e as relações que elas fazem, esses sujeitos passam por transformações em suas diferentes identidades, assumidas ao longo da vida. No capítulo seguinte adentraremos um pouco mais nas histórias de vida e de leitura de nossas entrevistadas.

CAPÍTULO III

“AMO LER PORQUE ME PROPORCIONA SENSACIONES INCRÍVEIS”⁵

⁵ Luana, uma de nossas sete entrevistadas.

Nesse capítulo, dou início a análise do meu *corpus* de trabalho. Para melhor organização e análise das entrevistas, separei-as em três assuntos: 1. Leitura na infância; 2. Formadores de leitura e 3. Escolhas conscientes: o olhar crítico do leitor comum. O primeiro assunto busca trazer os relatos que dizem respeito aos contatos com a leitura durante a infância. O segundo tema pretende apresentar, por meio das falas, quem foram e quem são os responsáveis por incentivar a leitura entre essas pessoas. O terceiro pretende destacar e trazer para reflexão os argumentos levantados a respeito de suas preferências literárias. Busco chamar a atenção nesse ponto para a capacidade crítica dessas leitoras.

1. Leitura na infância

“Quando eu era criança tinha o hábito de ler gibis e alguns livros de literatura infantil”
(Aline)

Durante a infância, o que é recorrente nos trechos abaixo é a presença da escola:

Quando eu era criança tinha o hábito de ler gibis e alguns livros de literatura infantil, um deles falava sobre Brasília muito bom, só não me recordo o nome. Minha tia era professora, então quando ela fazia faxina nos seus livros ela me dava, eu adorava, eram livros pedagógicos e de leitura. Na escola lia também livros como *A tartaruga e a lebre*, *A pequena sereia* enfim livros infantis (Aline).

Íliada e Odisseia em quadrinhos. Li quando estava na quarta série, tinha 10 anos. Li na escola para fazer prova. Gostei porque era colorido e a história interessante (Beatriz).

A maioria delas se recordam de contatos com a leitura que ocorreram por intermédio da escola. Os contos de fada e os gibis são as leituras mais citadas. Apesar das dificuldades financeiras dos pais de Aline, eles sempre a incentivaram dando gibis para ela ler, assim como os pais de Luana que mantinham a assinatura das revistas para a filha:

Minha infância foi boa apesar de meus pais serem rígidos, não podia ir brincar no vizinho, não podia brincar com meninos, mas tirando tudo isso foi boa. Não me lembro de meus pais lerem, meu pai me dava muito gibi pra ler e assim eu fui aprendendo a ler. Eu adorava gibi e isso me dava vontade de ler. Havia livros infantis e livros pedagógicos em minha casa. E muitos gibis, do Cebolinha, da Magali, da Monica etc... (Aline).

Lia bastante. Eu tinha uma revista preferida, que era a *Nosso Amiguinho*, aprendi muitas coisas com ela, varias curiosidades. Meus pais assinavam essa revista e gibis da *Turma da Mônica* pra mim (Luana).

Já Maria lembra de poucos títulos vistos na infância, e que também foram apresentados pela escola. Durante sua infância, o acesso aos livros não era tão facilitado como nos dias de hoje. Em sua casa, somente livros pedagógicos ocupavam as estantes:

Foi muito feliz (a infância), brinquei muito. Na minha época não tinha televisão, computador, essas coisas. Então brincávamos bastante na rua com os vizinhos e irmãos. [...] Meu pai que lia muito jornal, todos os dias, jornal da rede ferroviária. [...] Não tinha livros assim como tem hoje. Era mais livros da escola, ela (mãe) também fazia diários de classe. Mas livros de literatura não. [...] me lembro do *Meu pé de laranja lima* e as *Histórias de Pedrinho*, acho que tinha uns 9 anos. A professora pediu para ler e fazer interpretação de texto, mas não lembro mais da história. [...] Um pouco, lia gibi, revista, mas ouvia mais rádio (Maria).

Interessante notar que durante a infância, o incentivo dado pela escola à leitura parece ser maior. Quando menores, os professores ainda mantêm, com mais frequência, o hábito de levar seus alunos até a biblioteca e deixá-los à vontade. Depois que passam para o Ensino Médio, muitos estudantes só passam na biblioteca quando necessitam de um livro para cumprir trabalho escolar. Esse estímulo à frequentar a biblioteca deveria permanecer entre os adolescentes.

Os gibis também são recorrentes. Por ser um tipo de leitura mais acessível financeira e geograficamente, é uma das leituras mais populares entre pessoas de todas as idades. Como tudo que se relaciona ao popular não costuma ser muito bem visto pela crítica, a leitura de revistas em quadrinhos não recebia muito valor, fato esse que vem mudando graças às diversas pesquisas relacionadas ao tema.

As leituras feitas durante a infância não carregam o peso da obrigatoriedade e são mais livres, não se limitam apenas a clássicos da literatura. Contudo, na transição da infância para adolescência, esse gosto pela leitura acaba se perdendo pelo caminho por vários motivos. Um deles é pela configuração que a escola adota, pensando em preparar os alunos para o vestibular, não dando maior atenção às leituras preferidas dos jovens; além disso, surgem outros interesses, novas descobertas durante essa período:

Os interesses mudam na passagem da infância para a adolescência e a leitura que era feita antes já não interessa tanto, mesmo porque cresce

a concorrência de outras mídias. Essa é uma transição crítica e ainda não foram definidas ações específicas para promover a leitura nessa faixa etária. Os adolescentes identificam o livro com as tarefas da escola, que reforça essa percepção porque raramente sai da abordagem instrumental da leitura. E no âmbito social, entre os amigos, a leitura não está presente. Mesmo assim, essa fase é a das grandes paixões. Portanto, há um espaço enorme para promover a leitura entre os jovens (PERROTI, 2012).

Pode-se perceber que quando se fala em escola não são somente as leituras canônicas que vem à mente dos leitores:

Quando eu estava na sexta e sétima série, quando eu estava morando em Umuarama (PR), foi meu primeiro contato com biblioteca mesmo, e daí eu me apaixonei por livros, eu pegava bem literatura infantil assim, lembro até hoje de uma série de um agente secreto e no meio do livro você tinha que descobrir pistas para poder passar para as próximas coisas, daí tipo eu “comia” o livro. (Caroline).

Muitas leituras feitas durante a infância ficam registradas para sempre na memória de algumas pessoas, mas não só relacionadas a uma lembrança desagradável de leitura, ao contrário, deixam uma marca positiva, uma semente, que se for cuidada, cultivada, não será perdida no momento dessa transição. Deixando o terreno propício para a formação de um leitor.

2. Formadores de leitura

“Sempre via meu pai lendo, ele lia jornal e sempre falava dos livros que lia”.
(Beatriz)

Nesse tópico, busco analisar quem foram os responsáveis por despertar o interesse pela leitura de algum livro. Interessante perceber nesses relatos, que algumas pessoas incentivam outras a ler sem perceber, como é o caso de Beatriz. Seu pai além de lhe oferecer os livros, a incentivava por meio do exemplo:

Minha infância foi muito legal, porque eu tive muitos amigos e brinquei muito e vivia num bairro muito bom. Sempre via meu pai lendo, ele lia jornal e sempre falava dos livros que lia. Os livros ficavam na estante da sala em minha casa, às vistas de todos. Enciclopédias *Barsa* e outros livros de literatura (Beatriz).

Li também *Mundo de Sofia*, quando minha irmã me deu, eu tinha 13 anos. Minha irmã fazia Letras e sempre gostou de ler e me incentivava. Porque esse livro trabalhava meu pensamento. Depois reli

quando passei a ter aulas de filosofia que tinham muita a ver com o livro. E agora, com 16 anos reli novamente (Beatriz).

Indico os livros que leio e mostro trechos interessantes dos livros para as pessoas ficarem com vontade de ler. Eu incentivei alguns colegas de sala a ler Augusto Cury. Também incentivei minha chefe em meu trabalho a ler Augusto Cury (Beatriz).

Os pais de Rosana não cultivavam a leitura, foi graças à irmã, leitora assídua, que ela foi despertada para a leitura. Sem intenção, a irmã despertou a vontade de ler por meio do exemplo. Se a criança desde cedo crescesse em um ambiente de leitura, vendo os familiares lendo, isso seria considerado como uma prática natural na família e seria internalizada sem muito esforço. É o caso dessa professora. A irmã nunca lhe “chamou para a leitura”, apenas lia muito, e isso causou curiosidade em Rosana, levando-a a concluir que já que sua irmã lia muito, devia então “ser muito legal”!

Na minha casa não tinha muitos livros. Minha irmã mais velha sempre gostou de ler, então ela tinha uma coleção de livros de faroeste, quando ela foi embora, eu tinha uns 10, 11 anos, daí eu peguei para ler, mas logo passava a vontade. Na fase da adolescência, lia mais porque minha irmã lia e eu achava que devia ser muito legal. Ela tinha também romances mais antigos. Ela tinha *Olhai os lírios do campo*. Foi o primeiro que eu li, estava no sexto ano (Rosana).

Na escola eu lia porque era obrigada mesmo, aqueles livros brasileiros, dos escritores brasileiros e eu não era fã de nenhum deles não. Na verdade eu gostei daquele *O seminarista*, gostei mais por causa da história, mas assim, eu li sem interesse, por obrigação (Rosana).

Na verdade, meu primeiro livro foi a minha irmã que comprou *O Código da Vinci*, ela comprou e não teve paciência para ler e eu catei o livro dela e comecei a ler, esse foi o primeiro que me despertou, depois foi surgindo outros. Esse primeiro foi pela minha irmã, depois já fui atrás. Eu que pesquisei para comprar pela *internet*, pelo catálogo da AVON ou pela livraria direto, ou às vezes um amigo ou uma amiga tinham livros para emprestar também (Rosana).

A mãe de Aline, que era canhota, teve sua aprendizagem prejudicada porque, na infância, teve as mãos amarradas para que aprendesse a escrever com a mão direita. Uma forma de ensino imposta e dolorosa que só cria repusa pela escola e tudo o que é relacionado a ela:

Meus pais estudaram só as séries iniciais, minha mãe é canhota e na época ela dizia que amarravam sua mão para ela não escrever com ela. Ela conta que por isso ela teve sua aprendizagem prejudicada e meu pai por que não tinham condições ou por que não se interessou mais,

pois tinha que trabalhar e até era mecânico e sabia muito de sua profissão sem ter estudado por conta de praticar. Minha mãe trabalhava com salgados com a sogra por vários anos numa escola, e depois disso continuou autônoma e fazendo de tudo um pouco, pão pra vender, diarista etc (Aline).

Atualmente, os professores não podem mais realizar atos cruéis semelhantes a esse com os alunos, mas continuam aplicando imposições para que os alunos aprendam. Leituras impostas, feitas sem prazer, por obrigação, também causam “mal-estar” nos estudantes, incultindo em suas mentes, lembranças ruins relacionadas à escola e leitura. Esse é um dos motivos pelo qual algumas pessoas se distanciam o quanto podem dos livros. A mãe de Aline, com uma história de vida perpassada por essa crueldade, somando-se a isso as dificuldades financeiras, dificilmente se tornaria uma leitora apaixonada pelos livros. Apesar de sua experiência dolorosa, tinha consciência da importância da educação e da leitura na vida de sua filha para conquistar um futuro melhor, nunca deixando de incentivá-la.

Felizmente, a escola, dentro de suas imposições de leitura, não causa só más lembranças a seus alunos em relação aos livros lidos no período escolar. Em alguns casos, consegue, com a obrigatoriedade, despertar o interesse do aluno para alguma leitura.

Beatriz tem a mesma opinião da maioria dos estudantes. Acha os livros clássicos de “linguagem difícil e arcaica”, mas, ao contrário da maioria, aceitou o desafio de sua escola e se aventurou na tentativa de ler o clássico da literatura brasileira *Dom Casmurro*, que foi exigido para um trabalho: “Li duas vezes para apresentar um seminário na escola. Li com um dicionário do lado. Gostei muito” (Beatriz).

Mais uma vez o livro foi imposto, entretanto a aluna preferiu ler a obra na íntegra do que procurar por seu resumo na *internet*. Aceitou o desafio e, com a ajuda de um dicionário, conseguiu chegar até o fim da leitura. Leu duas vezes e se encantou pelo livro. Vendo seu entusiasmo e orgulho ao falar que leu esse livro, o que parece é que o encanto maior pela obra se deve ao fato de a estudante ter conseguido ultrapassar a barreira linguística de um livro reconhecido, e que a maioria dos colegas diz ser chato e difícil. Uma obra que faz parte do repertório de leitura dos intelectuais e consagrada na tradição. O sentimento de pertencer ao mundo erudito parece encantar mais do que a própria leitura em si. A necessidade de fazer parte de um grupo de pessoas e a de passar uma imagem valorizada de si aos outros influenciaram muito na decisão de ler a obra na íntegra. Algumas obras, aos olhos da maioria dos estudantes, se apresentam como

sagradas e de difícil acesso aos simples mortais. Mas quando há um esforço do leitor, um empenho maior para a leitura, além da importância fundamental de um incentivador e mediador é possível transpor a dificuldade inicial e chegar a compreensão do que parecia incompreensível a um primeiro instante.

Na fala de Rosana, também é possível extrair a leitura feita às escondidas por algumas professoras:

Eu troco meus livros, empresto, mas depois pego tudo de volta. Depois que eu comecei a ler, muita gente também começou a ler. A menina que morava comigo leu praticamente todos os livros que eu tenho. As professoras da escola também, até que liam, mas ninguém ficava divulgando que lia, aí eu comecei a falar, contar dos meus livros, aí a professora de português também começou a falar dos livros que ela leu, aí os outros professores começaram a ouvir e se interessaram também e ir atrás (Rosana).

Nós fizemos um projeto na escola de leitura, todos os alunos tinham que ler, qualquer livro, eles escolhiam o livro na biblioteca e tinham que contar a história, então assim quando eu contava das minhas leituras eles queriam saber de onde eu tinha arrumado os meus livros, e queriam saber se tinha na biblioteca, que eles também queriam ler. Pode ser um caminho para puxar eles para outras leituras (Rosana).

Segundo ela, muitas professoras já liam esses livros, mas não divulgavam, após a iniciativa de Rosana, as outras se encorajaram a comentar a respeito dessas leituras. Mais uma vez percebemos a grande influência da leitura dos clássicos entre as pessoas.

É recorrente ouvir que só é possível fazer com que alguém se apaixone pela leitura se você também for um apaixonado por ela. O maior propagador e incentivador da leitura será aquele leitor apaixonado, que foi tocado por alguma obra e que, por meio de seu entusiasmo ao falar do livro, despertará o interesse em outras pessoas. Ela acredita que essas leituras mais simples podem levar a outras leituras mais complexas, sempre buscando incentivar seus alunos.

A escola tem um papel de grande importância na formação do leitor, especificamente no ensino de Literatura que se mostra deficiente. As aulas focam seus ensinamentos em escolas literárias, pouco oportunizando o contato com o objeto de estudo da disciplina: o livro literário. O aluno não se interessa pelas aulas, e quando sai da escola, apenas aprende o que é importante para os vestibulares, como os períodos literários, autores e obras principais, sobrando pouco espaço para a leitura integral e discussão do livro.

Beatriz teve uma infância feliz e com vários livros à sua volta, graças ao incentivo de seu pai, que em tempos atrás tinha o hábito da leitura. Interessante destacar

os diversos estímulos que foram apresentados à Beatriz no decorrer de sua vida para se tornar uma leitora. 1. Sempre via o pai lendo; 2. Ele sempre falava dos livros que lia. 3. Os livros ficavam na estante da sala. Um processo de formação de leitor também se dá dessa forma. A menina tinha a figura de um leitor dentro de sua casa. Havia um exemplo para ela. O pai também costumava falar das leituras, incentivando e instigando a filha a ler, além disso havia livros em sua casa, à disposição, às vistas em uma estante na sala, diminuindo a imagem sacralizada e inacessível que existe em torno de um livro. Nesse caso, ela adquiriu o interesse pela leitura porque existiu um mediador e o acesso facilitado aos livros. A falta de mediador e a dificuldade de acesso aos livros para algumas pessoas são pontos que podem ser determinantes para a não formação de um leitor.

E mais uma vez ela cita a importância de ter um incentivador que, a princípio, era seu pai e depois passou a ser sua irmã, que era acadêmica de Letras e leitora assídua.

Atualmente, os livros preferidos de Beatriz são os do escritor Augusto Cury. Entre os títulos lidos constam *O Código da Inteligência*, *Nunca desista dos seus sonhos*, *Pais brilhantes, professores fascinantes* e *O vendedor de sonhos*. Mais uma vez, foi apresentada a estes livros por intermédio de sua irmã. Hoje, a menina se tornou uma incentivadora da leitura.

Luana (16) também é uma apaixonada pelos *best-sellers*. Seus pais não tinham muito tempo para incentivá-la para a leitura, mas sempre se preocupavam em assinar revistas e gibis semanais para a filha:

Minha mãe sempre me acompanhou na escola e sempre me influenciou muito a leitura, já meu pai nunca teve acesso a livros e nem a uma boa educação, então nunca passou isso para mim. Mas minha irmã me incentivou a ler, tudo que ela leu ela passou pra mim e eu li. Ah também eu li na escola, é que é obrigado a ler, mas tinha algumas coisas que era legal (Luana).

Pode-se fazer uma comparação nesse momento entre duas entrevistadas. Os pais de Aline cursaram até o ensino fundamental e não tinham boas condições financeiras, não podiam comprar muitos livros para a filha, mesmo assim sabiam da importância da leitura e a incentivavam. Já os pais de Luana têm ensino superior completo, apresentam condições financeiras mais elevadas, entretanto, diferente dos pais de Aline, não têm tempo para incentivar a filha a ler, pois trabalham muito e também não costumam

comprar livros. Na infância, os pais de Luana mostravam maior preocupação em incentivar a filha a ler, para isso assinavam revistas semanais e gibis.

Esse comparativo nos leva a refletir em relação à falta de leitura. Muitos afirmam que não leem porque os livros são caros e não têm dinheiro para adquiri-los. Para se tornar um leitor não basta ter dinheiro para comprar livros. Atualmente, o acesso aos livros está mais facilitado às pessoas graças a diversos fatores, como alguns programas governamentais que distribuem muitos títulos às bibliotecas, além de catálogos que vendem muitos títulos a preços inferiores, como a revista AVON. Mas não basta ter os livros à disposição, é necessário, atrelado a isso, um trabalho de intermediação, apresentação aos livros. Apesar de não ter comprado livros nem de ter tido o incentivo dos pais para ler, Luana se interessou pelos livros por outros caminhos, pelo cinema. Sem esquecer das indicações de leitura que a irmã Caroline fazia a ela. Luana passou a se interessar mais pelos que haviam virado filme. Mais uma vez é destacada a importância da mídia no despertar para a leitura entre os jovens: “Estou lendo mais livros que já foram feitos filmes baseados neles. Meus livros preferidos mesmo, que nunca vou cansar de ler, são os do *Harry Potter*, mas também gosto de *Nárnia*, *A bússola de ouro*, e por aí vai...”(Luana).

Recorrentemente, o nome dos clássicos da literatura aparece relacionado à obrigatoriedade escolar, tornando-se, em alguns casos, desinteressante para o jovem leitor que acaba nem se recordando dos livros, tampouco das escolas literárias que era obrigado a decorar, principalmente para passar no vestibular.

Interessante destacar nessas entrevistas, é que muitas chegam a ter conhecimentos desses livros por intermédio de indicação ou empréstimos de colegas, como é o caso de Caroline:

Foi daí que eu tive contato com a literatura clássica para estudar mesmo, daí vi Romantismo, Arcadismo, nem lembro dessas coisas. Que daí a gente tinha que ler Machado de Assis, Eça de Queiroz. Eu lembro que o Machado de Assis me atraiu bastante, só que era uma literatura um pouco mais pesada e não é uma literatura que flui tão fácil, e por você ter que ler para prova se torna mais chata. Você fica com aquela obrigação, não é uma coisa que você vai lá e escolhe, e daí aqui eu tive mais contato com isso, na escola. Depois, dentro da escola, com os amigos é que eu fui descobrir outras literaturas, aí comecei a ler *Harry Potter* e não parei mais (Caroline).

Foi assim, saiu na tevê que iam fazer uma promoção para conhecer o set de filmagem do filme *Harry Potter*, eu achei que já tinha ouvido falar nisso, aí comentei com minha amiga que estudava comigo e ela

disse que tinha os livros e que era uma série que devia estar no terceiro livro e me ofereceu emprestado. Disse que queria porque era famoso, tinha passado na tv, aí peguei o primeiro, “meu Deus”, é muito bom e foi tão diferente porque era uma literatura tão diferente que te prende tanto que eu acho que eu li o livro em dois, três dias (Caroline).

Minha mãe me incentivava até um ponto, quando eu era criança ela comprava livrinho infantil, revistinha, só que não sei, os *Harry Potter* quando eu pedia pra ela comprar pra mim ela não comprava e pra minha irmã ela comprou todos (Caroline).

Apesar das boas condições financeiras da família da jovem, sua mãe não gostava de gastar seu dinheiro em livros muito caros, com receio de que sua filha não os lesse. Os livros do *Harry Potter* logo que foram lançados tinham um valor elevado, contudo, milhares de jovens leram, contrariando o discurso de que as pessoas não leem porque os livros são caros. Se não se tem dinheiro para comprar, se pega emprestado. Caroline, de todos os sete livros lançados do *Harry Potter*, gastou somente com um, o restante leu por intermédio de empréstimos.

A menção à revista Avon também aparece muito nessas falas. Esse catálogo de compras tem contribuído para a disseminação da leitura entre as pessoas, oferecendo livros a preços populares:

Não sei, eu acho que ela tinha medo de gastar com isso e eu não pegar pra ler. Mas eu li todos, mas eu comprei um livro só, os outros foram tudo empréstimos. E eu insisti várias vezes pra ela comprar, quando ela comprou custava R\$ 90,00, mas minhas irmã já comprou por R\$ 10,00 na revistinha da AVON, então era super barato, mas quando lançou era bem caro, daí ela falava pra eu ler sim mas de preferência na biblioteca (Caroline).

Toda vez que tenho alguma hora vaga estou lendo, então esse ano devo ter lido mais de 30 livros, mas porque eu tive muito tempo vago. Atualmente estou lendo Sidney Sheldon. A maioria dos livros compro pelo site da livraria Saraiva e pela revista Avon que é mais barato, sem perder a qualidade (Rosana).

De acordo com reportagem na revista eletrônica da *Istoé Dinheiro* em 2009 “pouca gente vende tanto livro no Brasil como a fabricante de cosméticos. Esse negócio já rende R\$ 360 milhões à companhia”. De acordo com informações do *site*, em 2008 foram vendidos mais de 211 milhões de exemplares, sendo 28 milhões vendidos porta a porta, superando as vendas pela *internet*. A Avon detém 50% de participação nesse mercado. Conforme uma revendedora da Avon o segredo está em ler os livros e depois comentar com suas clientes. A Avon consegue vender os livros com até 30% de

desconto porque negocia grandes quantidades. Mais um dado que vem para reafirmar o que algumas entrevistadas já exemplificaram. A leitura se dissemina mais rapidamente por meio da indicação, do comentário feito por algum amigo, que faz com que surja o interesse pelo livro, e se não puder comprar, pode-se pegar emprestado. Como dito anteriormente, a leitura feita por prazer e por vontade própria, sem obrigação só tem a atrair mais leitores e disseminar o gosto pela leitura entre as pessoas.

A prática de trocas de livros hoje entre as pessoas é recorrente. Além da troca, existem outros meios de adquirir os livros mais facilmente, como os *downloads* pela *internet* ou até mesmo por encomendas em catálogos de venda, que oferecem os livros por um preço reduzido, customizando os mesmos.

Pérola não têm muitos livros em casa, passou a adquiri-los recentemente. Começou a se interessar por intermédio da vizinha que lhe emprestou um título. Pérola gostou e passou a comprar. A vizinha também lhe indicou uma forma mais barata de adquirir: o catálogo Avon:

Uma vizinha minha me emprestou o *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, aí gostei e comprei pra mim também. [...] ela me falou que dava para encomendar da Avon, daí passei a comprar por lá. Todos os que tenho pedi de lá, são mais baratos (Pérola).

Hoje, muitos estão se apaixonando pela leitura, sem ao menos ter comprado um só título. O interesse pela leitura tem ocorrido, principalmente, pela ajuda de algum intermediador, que pode ser um professor, um amigo, um parente, mas também por indicações. A prática de troca de livros é comum entre nossas entrevistadas. Alguém lê, indica para outro e empresta o que já leu em troca de um novo título. Nesse sentido, seria muito interessante uma pesquisa, quantitativa-qualitativa, que fizesse um levantamento de quantos livros as pessoas realmente compraram, têm em casa, e quais são os títulos que já leu. Possivelmente, a quantidade de leituras será bem superior a quantidade de títulos adquiridos.

Em sua infância, Maria recorda de poucos momentos em que teve contato com a literatura. Quando criança, as atividades mais corriqueiras eram brincar e ouvir rádio, não havia televisão em sua casa: “me lembro do *Meu pé de laranja lima* e as *Histórias de Pedrinho*, acho que tinha uns 9 anos. A professora pediu para ler e fazer interpretação de texto, mas não lembro mais da história” (Maria).

Maria, durante boa parte de sua vida, não teve o hábito de ler. Quadro esse que vem mudando. Atualmente, toda vez que sobra um tempo ela está lendo e já tem uma lista dos preferidos: “Atualmente estou lendo *20 passos para a paz interior* do Pe. Reginaldo Manzotti. Gosto muito. Também já li *A cabana, 10 respostas que vão mudar a sua vida* do Pe. Reginaldo também e *Ágape* do Pe. Marcelo Rossi” (Maria).

A leitora teve conhecimento desses livros por meio do rádio. Mais uma vez uma mídia contribuiu para despertar o gosto pela leitura, assim como o cinema: “As do Pe. Reginaldo foi pelo programa de rádio que ele tem, que escuto todos os dias, daí o primeiro minha filha me deu e o segundo comprei da Avon. O *Ágape* também comprei da Avon e *A cabana* peguei da minha filha” (Maria).

Nesse caso a situação se inverte, temos um exemplo de filhos incentivando os pais a ler, ao invés do que ocorre comumente, pais incentivando filhos. Esse também é um bom exemplo de que nunca é tarde para se apaixonar pelos livros. Maria só passou a se interessar porque se deparou com um livro que fez sentido em sua vida, o que não aconteceu com a leitura dos clássicos feita anteriormente, na qual encontrou dificuldades em compreender os sentidos da história.

Maria, inicialmente, foi incentivada pelo programa de rádio que ouvia. Assim como Luana que se interessou pelos livros que foram adaptados ao cinema. A influência da mídia pode ser considerado como um dos motivos pelo qual aumentou tanto a leitura entre as pessoas. Claro que não se pode esquecer que essa influência tem por principal objetivo a venda do produto ao leitor. A divulgação, a transformação de alguns livros em filmes, tem os atraído. Além disso, se o jovem percebe que muitos da sua idade estão lendo, estão praticando, ele imediatamente procura se inserir no grupo e passa a ler. Essa atitude faz parte da construção da identidade desse indivíduo que é formada a partir da interação com outras pessoas. Como ninguém deseja ser excluído acaba se inserindo em determinados grupos para se sentir como parte de uma sociedade.

Adorno e Horkheimer (1947) analisaram alguns meios de comunicação, como o rádio, o cinema e a televisão e sua inserção na vida dos cidadãos norte-americanos. Hoje ainda podemos falar da influência da “indústria cultural” sobre as pessoas. Nas falas de algumas entrevistadas percebemos que o interesse por algum livro partiu, ou da sua divulgação pelo rádio, ou por meio da adaptação do livro para o filme no cinema. A mídia tem grande poder sobre as pessoas. Ela traz duas facetas, a positiva e a negativa. Com os avanços tecnológicos, a *internet*, o rádio, a televisão e o cinema, o acesso à informação se torna mais facilitado. O lado positivo disso, é que mais pessoas estão

tendo acesso a mais livros. Hoje, há um *marketing* maior na divulgação de alguns livros, semelhante a venda de outros produtos. É possível ver propagandas de livros na mídia televisiva e *internet* como também ouvir pelo rádio. O lado negativo disso é que a apelação publicitária acaba transformando o livro em um bem de consumo rápido. O *marketing* excessivo incute nas pessoas uma certa necessidade por determinado produto. Muitos decidem adquirir algum livro de tanto ouvir falar dele, produzindo uma curiosidade maior nas pessoas. A publicidade tem a responsabilidade de seduzir para a aquisição de um determinado produto.

O lado positivo disso é que a mídia aguça a curiosidade do leitor. Se esse leitor buscar esse livro e gostar, continuará em busca de outros títulos e, assim, conseqüentemente avançará em suas leituras. Daí a extrema importância da escola no seu papel de mediador de leitura.

No *corpus* desse trabalho, poucas foram as vezes em que a escola foi citada como incentivadora ou responsável pelo hábito de leitura entre essas mulheres. Nos poucos casos de sucesso citados, foi por meio de alguma leitura que foi imposta para fazer algum trabalho, mas que o aluno gostou, instigou seu interesse. A escola poderia aproveitar esses momentos de “simpatia” de seus alunos com os livros, para fazer um trabalho de análise, leitura e indicação de outras obras semelhantes para, assim, dar ferramentas para que seus leitores comecem a ler e se tornem leitores maduros e independentes durante suas vidas:

[...] geralmente, a leitura do leitor maduro é mais abrangente do que a do imaturo. Claro que a maturidade de que se fala aqui não é aquela garantida constitucionalmente aos maiores de idade. É a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida (LAJOLO, 1984, p. 53).

O que percebo, durante algumas falas, é que a escola “perde a oportunidade” de encantar alguns leitores que já estão predispostos a avançar mais profundo em suas leituras. As leitoras aqui citadas têm preferências diversas de leitura, mas o *best-seller* é o que está entre os preferidos. Essas leituras, como já discutido anteriormente, são de extrema importância para preparar o leitor para próximas leituras, para ajudar a criar um repertório e uma familiarização maior com os livros, deixando o leitor suscetível para novas leituras.

Enquanto a escola insistir em obrigar a leitura de obras clássicas somente para trabalhos escolares ou vestibulares, não deixará uma lembrança muito boa em relação aos livros para seus alunos. Ele carregará em sua memória a leitura de clássicos relacionada ao trabalho escolar e lembrará com mais facilidade da dificuldade que encontrou para ler. Por internalizar essa lembrança ruim dos livros acaba descartando qualquer leitura que apresente um grau de dificuldade de compreensão maior, preferindo leituras que apresentem uma linguagem mais simples e de fácil decodificação. Isso não quer dizer que deve-se banir os clássicos da escola e só trabalhar com os livros preferidos dos alunos, nesse sentido,

É necessário, contudo, evitar os extremos: é tão imprudente negar valor ao que se escreveu antes de termos nascido, quanto exilar de livros e aulas tudo o que não tenha sido escrito nos tempos em que a língua era *archaica* e os poetas morriam de *phthysica*... (LAJOLO, 1984, p. 57).

A marginalização da chamada “literatura de massa” não é o mais aconselhável, já que essa atitude não contribui para despertar o encantamento dos alunos pelos livros. O que deve ser revisto é a abordagem que é feita dessas obras. O professor partir das leituras conhecidas dos jovens para, posteriormente, apresentar novas leituras. Partir do conhecido para o desconhecido:

[...] adotamos como princípio do letramento literário a construção de uma comunidade de leitores. É essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo. Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2006, p. 47-48).

Para tanto, é muito importante o contato com diversos tipos de leitura, para que se crie uma base de leituras que ampararão as próximas que virão:

Há, então, que expor o aluno a uma gama variada de textos, se realmente se quer que ele melhore sua leitura. E *melhorar*, aqui, nada tem a ver com a memorização ou velocidade de leitura. Tem a ver, isto sim, com níveis sucessivos e simultâneos de significados que o leitor (aluno) vai construindo para o texto (LAJOLO, 1984, p. 58).

Dessa forma, o papel dos mediadores de leitura, alguns citados aqui: pais, irmãos, amigos; são muito necessários na formação de um leitor. E, o mais importante

mediador, o professor, que saberá aproveitar a bagagem de leituras iniciais de seus alunos para fazer relações com outras obras e apresentar, de forma mais prazerosa, sem obrigatoriedade, outros livros a seus alunos e deixá-los receptivos para que, depois de deixarem a escola, possam se tornar leitores independentes.

3. Escolhas conscientes: o olhar crítico dos leitores comuns

“[...] o tipo de linguagem que é uma linguagem tipo novela, é um negócio que te deixa um fiozinho para o próximo capítulo, te intriga a descobrir”
(Caroline)

Neste subitem, trago as falas das entrevistadas tentando explicitar os motivos que as levam a optar pelo *best-sellers* em detrimento dos clássicos da literatura:

Maria só foi ter um contato maior com a literatura aos 34 anos quando retornou aos estudos para concluir o ensino médio: “No ensino médio nós líamos muito. O professor de literatura pedia muitos livros clássicos, romances, Jorge Amado, *O cortiço*. Não gostava por causa da linguagem, muito difícil, cheio de “vosmicê”.

A leitora foi apresentada aos clássicos da literatura, contudo não se familiarizou com a linguagem, não se interessando pela leitura dessas obras. A linguagem aparece mais uma vez como justificativa para não adesão à leitura dos clássicos, facilitando a preferência pelos livros atuais, que se utilizam de linguagem mais simples.

Rosana também demonstra muita criticidade ao falar sobre seus livros prediletos, contrariando a opinião de muitos intelectuais que acreditam que os leitores de *best-sellers* são consumidores passivos de toda essa literatura:

Livro brasileiro tem uma linguagem difícil de ler, é muito descritivo, então assim, às vezes você perde a paciência para ler porque ele escreve muito uma coisa e a história acaba se perdendo, pelo menos é o meu ponto de vista. E os outros não, que contam um fato, e é corriqueiro, é rápido, uma coisa que você já vê resultado e vê o que aconteceu em seguida e esses outros... não sei se é porque também eu já lia obrigada por causa da escola e depois eu perdi o interesse e não quis correr atrás, mas a maioria deles eu já descarto por causa disso (Rosana).

Esses livros não trazem muitas palavras que você tem que procurar significado, é uma ou outra que você não entende, então assim, é uma linguagem muito simples, então se você quer adquirir um

conhecimento maior para utilizar uma linguagem mais rebuscada, aí acho que esses livros não são exatamente apropriados, a maioria dos termos são bem simples, de fácil entendimento (Rosana).

Ela também cita os principais livros que marcaram suas leituras: “*O Menino do pijama listrado*, *Saga do Crepúsculo*, *A última música*, *Querido John*, e um livro que a personagem do *Crepúsculo* lê na história: *Morro dos ventos uivantes* e os livros do Dan Braw (Rosana). Assim podemos exemplificar como a leitura de *best-sellers* pode levar sim à leitura de um clássico. Rosana se sentiu atraída pela obra lida pela personagem dentro da história do *Crepúsculo* e procurou lê-lo também. Hoje ela faz parte da sua lista de livros preferidos. A leitura de várias obras acaba lembrando outras além de preparar o leitor para o próximo livro, aumentando seu repertório de leituras. O leitor relaciona as obras que lê e assim um livro vai instigando a busca por outros, tornando mais prazerosa a leitura dos próximos que virão.

Para Aline, os livros podem ter diversas funções. Pode servir para distração ou até mesmo para adquirir conhecimentos, depende do objetivo que se pretende alcançar quando se escolhe um livro para ler:

Gosto muito do imaginário então me interessei pelos livros da autora Stephenie Meyer, que virou febre nos adolescentes e adultos também. *Quem ama educa*, tive que ler para seminário na faculdade também, agora estou lendo livros sobre organizar um casamento, enfim temos que buscar na leitura o que precisamos para nosso conhecimento e também pra distração. Gosto de viajar nas histórias e livros que falam de amor também como *Marley e eu*, ou *Pra sempre ao seu lado*, e na leitura você pode fantasiar e imaginar mais do que você assistir um filme, a leitura te dá essa viagem (Aline).

Como está prestes a se casar, o que lhe têm atraído mais em suas últimas leituras são livros que tratam do tema de casamento. Por isso, é difícil indicar quais são as melhores obras para leitura. Tudo vai depender da subjetividade do leitor. A obra só lhe atrairá e fará com que se permaneça na leitura, se o assunto em questão tiver alguma relação com sua vida, ou seja, fale de algo familiar. A resistência dos leitores frente às obras da tradição literária, muitas vezes, ocorre por esse motivo. São livros antigos, com linguagem diferente da usada atualmente, o que faz com que os leitores, muitas vezes, não consigam romper a barreira para adentrar na leitura, ficam bloqueados pela linguagem, e se ainda não houver um estímulo ou um mediador para ajudá-lo a desvendar os mistérios da leitura, acabam abandonando e não voltando mais para os livros. Daí a importância da leitura se iniciar na infância e também da leitura de gibis, revistas, contos de fadas. Todas as leituras, se realizadas com frequência vão auxiliar no

amadurecimento do repertório de leitura, tornando mais fácil o processo de formação do leitor.

Alguns estudiosos defendem as obras mais rebuscadas justamente por apresentarem maior dificuldade para a leitura. Ultrapassada essa dificuldade, o leitor cria maturidade e, conseqüentemente, vai em busca de obras ainda mais complexas. Esta é uma reflexão importante, se o leitor não conseguir nem passar do nível do entendimento das palavras, dificilmente chegará ao fim. Pode até chegar (se tiver sido obrigado a ler), mas talvez irá construir uma aversão à leitura. Portanto, as leituras mais “fáceis” do ponto de vista da crítica literária, podem ser importantes para formação de uma bagagem cultural e contribuição para uma familiaridade com a leitura, o que, com certeza, ajudará a ingressá-lo com maior facilidade em outras obras. Uma puxa a outra.

Discussão semelhante também é vista em Bordini & Aguiar (1988). As autoras afirmam que se as expectativas do leitor sempre forem supridas, não haverá expansão de horizonte, ele continuará inalterado. Nesse sentido, dirigem uma crítica à “literatura de massa” que, segundo elas, são “pré-fabricadas para satisfazer a concepção que o leitor tem do mundo dentro de uma certa classe social” e por esse motivo, “alcance altos níveis de aceitabilidade” (1988, p.84).

Por outro lado, acreditam que as obras mais complexas e que desafiam a compreensão dos leitores é que conseguem alargar o horizonte do leitor. A meu ver, deve-se tomar cuidado ao afirmar que a “literatura de massa” não alarga o horizonte de expectativa. “Uma nova obra pode satisfazer o horizonte de expectativas do público ou provocar sua alteração em maior ou menor grau”(AGUIAR, 2008, p. 19). Deve-se tomar o cuidado para não se ter conclusões com base em nossas próprias experiências. Concordo que, para um leitor maduro, talvez a “literatura de massa” não expanda seu horizonte de expectativa, entretanto, um aluno, que quase ou nunca lê, pode ter seu horizonte de expectativas alargado com as obras da chamada “literatura de massa”. Assim como também foi discutido pelas autoras, se a leitura causar um estranhamento tão intenso, de tal forma que o leitor não consiga fazer nenhuma relação com sua vida, ou com o que lhe é familiar, também não ocorrerá o diálogo do leitor com a obra. Portanto, é importante não desprezar essas obras, pois a leitura delas contribui para a formação de um repertório de leitura do aluno. As obras da “literatura de massa” contribuem muito para a formação do leitor literário maduro e independente que será capaz de acolher e descartar leituras de acordo com sua própria crítica.

Beatriz tem como leituras preferidas os livros considerados pela crítica como “autoajuda”. E pode afirmar que as leituras desses livros lhe influenciaram na escolha do curso que pretende prestar para o vestibular: Psicologia:

Eu acho que quem critica não conhece. E não é destinado às pessoas que precisam de ajuda e as pessoas julgam muito por ser um *best-seller* e a maioria ler, mas não sabem do conteúdo presente no livro (Beatriz).

As maneiras que o autor mostra de como a vida pode ser mais simples. Linguagem fácil e inteligente. *O Mundo de Sofia* me tocou muito porque eu fiquei dias pensando sobre as perguntas que o livro fazia sobre a existência humana e eram coisas que a gente não para pra pensar (Beatriz).

A jovem consegue notar a diferença entre as três leituras que fez do mesmo livro: *O Mundo de Sofia*. De acordo com ela, a última leitura foi a mais interessante: “achei com mais conteúdo, aprendi mais”. Aqui ressaltamos a importância desses livros para preparação para leituras posteriores, pois a cada leitura feita, o amadurecimento e a compreensão serão maiores. Esse é um dos maiores encantos da literatura, a possibilidade de trazer novos sentidos a cada leitura. Quanto mais bagagem cultural o leitor tiver, mais sentidos captará do texto. Depois que a estudante passou a ter aulas de Filosofia na escola, ela conseguiu relacionar a história do livro com os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Ela realizou o processo de intertextualidade. Portanto, após a releitura do livro, foi capaz de ressignificar a história, captar novos sentidos e o livro passou a ser mais interessante.

Em relação às críticas da intelectualidade sobre os livros de “autoajuda”, ela não concorda e acha que esses livros não são voltados somente a pessoas que precisam de ajuda. As obras que mais lhe marcaram foram *O Mundo de Sofia* e os livros de Cury, pois a estudante se identificou com os temas, além de a ter levado a reflexões mais aprofundadas. Com essa leitura, pode-se dizer que a menina terminou de ler o livro, mas o conteúdo da obra continuou latente dentro dela. Essa é a função da literatura. Fechar o livro e a mesma obra continuar existindo dentro de você, causando sensações diversas e, muitas vezes, um grande desconforto. Obras como essas são consideradas as melhores para seus leitores, que no momento da leitura não está preocupado com critérios estéticos, valores ou se determinada obra é enquadrada como “literatura de massa”, ou clássico da literatura, ou foi comprada em banca de jornal. O que importa para o leitor é aquilo que o livro traz e que é capaz de tocar em sua vida.

Para amar um livro e a leitura é necessário que aquela leitura “toque” o leitor em algum momento, lhe cause emoções diversas. O leitor só passará a se apaixonar pelos livros a partir do momento que isso lhe suscitar emoções, ou seja, uma leitura sem sentido, somente para realização de provas dificilmente não forma leitores.

[...] O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV, 2009, p. 77).

Daí vem a grande importância da literatura considerada mercadológica, de “massa”. Esses livros estão encantando leitores pelo mundo e despertando o amor pela leitura entre várias pessoas, “parece ser, simultaneamente, a causa e a solução do problema” da leitura entre os jovens (ZILBERMAN, 1987. p. 7). Ao mesmo tempo que são leituras que os atraem, incutindo o hábito de ler em muitos jovens, essas obras não são bem vistas e não parecem se apresentar como uma forma eficaz de formar um leitor crítico-literário, na opinião de alguns. Apesar de muitas críticas, os jovens estão lendo sim, como nunca, ávidos, devorando livros enormes e sedentos, aguardando outras publicações. Mas para a crítica literária o problema continua sendo a falta de leitura. Leitura não da literatura mercadológica, mas a leitura da “alta literatura”, dos clássicos da tradição literária. Essas obras continuam sendo renegadas pelos adolescentes e continuam sendo impostas pelas escolas.

Luana tenta explicitar os motivos que a levam a preferir essas leituras: “Histórias que passam longe da realidade, coisas que não existem, mas que na hora da leitura me fazem sentir que aquela é a realidade”.

Por morar em cidades diferentes, e estudar em escolas diversas, devido aos estudos de seus pais, Caroline teve contato com várias bibliotecas. A leitora descreve com riqueza de detalhes as sensações durante a leitura do livro, e sem esquecer de destacar que o livro era “enorme”, não sendo esse um problema para ela:

O livro é enorme e eu me apaixonei porque é uma coisa que te emociona que você quer ver. Eu lembro que quando eu parava, tipo eu ajudava no consultório da minha mãe, eu ficava “meu Deus eu vou perder essa cena!”, como se fosse um filme, aí eu lembrava que era um livro e que podia ler a qualquer hora. E já tinha até o terceiro ou o quarto livro, eu não lembro, porque são sete livros, daí eu fui lendo até acabar e tive que ficar naquela expectativa de sair o quinto livro,

depois comprei o quinto, li, depois demorou para lançar o sexto e o sétimo, só que eu não li logo que saiu porque eu já tinha entrado na faculdade e todo mundo falava que era muito bom e eu não tinha tempo, daí uma vez no feriado eu descobri uma outra menina que gostava na faculdade, e pedi, ela me emprestou o sexto e o sétimo, “meu Deus, nunca chorei tanto”, desesperadamente. É que no sexto livro acontecem coisas, muita gente morre e eu não acreditei que era verdade e daí no sétimo livro é um mistério, você começa a pegar raiva. O último livro do *Harry Potter* é só guerra, guerra, guerra. Todo capítulo acaba em alguma coisa do tipo “e ele abriu a porta”, daí você não consegue parar. E daí li em dois dias porque eu precisava dormir senão eu tinha lido em um. E eu chorava e chorava. Eu lembro que quando um dos personagens morreu, o Fred, eu li, fechei e comecei a chorar e abri de novo pra ver se não tinha mudado (Caroline).

É bem ilustrado que essa história absorveu a leitora, fazendo até com que ela chegasse a confundir a história com a realidade, se tornando íntima dos personagens e sofrendo junto com eles. Essas são algumas das sensações que fazem com que um leitor se apaixone pela leitura e que os livros e os personagens fiquem marcados em sua memória. Entretanto, a mesma intimidade com o livro e os personagens não ocorreu no momento que a estudante tentou ler *Dom Casmurro* e *Senhor dos Anéis*.

Li, porque todo mundo falava que *Senhor dos Anéis* era mais clássico e o *Senhor dos Anéis* são três livros e muito mais antigos e eu peguei o livro que são os três e não consegui passar do primeiro porque ele é um livro muito detalhista, porque a escrita também é antiga, apesar de ser um mundo novo como o *Harry Potter* que é todo encantador, é uma literatura muito detalhada, tanto que você se perde da história. Tem uma cena que eles estão indo pela floresta, daí fala que ele ouviu um barulho e ele começa a comparar o barulho do cavalo com “não sei o quê, não sei o quê”, chega uma hora que você não sabe o que é que você estava lendo. Tipo assim, ele vai falar de uma janela e quem fez a janela foi fulano e morava não sei onde, que não faz sentido e é só para acrescentar detalhes que não interferem na história principal e isso te cansa. Daí eu não consegui passar do primeiro, apesar da história ser boa é muito cansativa. Também não é como os clássicos, tipo se você comparar com Machado de Assis, ele é um pesado diferente, é mais cabeça, ele tem uma linguagem mais antiga com uma história um pouco mais parada, lógico, a história é envolvente, se você for ver *Dom Casmurro* é uma história super envolvente, só que o jeito que ele conta... eu não me senti tanto com o Bentinho, sofrendo com ele, me senti, tipo, to vendo sim, mas de longe, alguém está me contando e no *Harry Potter* eu estava ali no meio, é bem diferente, eu me senti ali dentro. E o *Senhor dos Anéis* também, parecia que tinha um avô me contando de tanto que a história volta. Daí esses foram os primeiros contatos que tive, E eu gosto desse tipo de literatura que é mais juvenil porquê eu gosto desse mundo que não é real, daí tanto que eu fui ler *As crônicas de Nárnia* que também é outro mundo, são animais que falam e isso que me encanta, eu não gosto muito de *Crepúsculo* (Caroline).

Carol se mostra uma leitora muito crítica ao descrever os motivos pela preferência de *Harry Potter* a *Dom Casmurro*. Mostra que tem capacidade de comparar as obras que lê. Isso faz parte da atitude de um leitor maduro que se mostra capaz de acatar ou descartar obras de acordo com seu gosto pessoal. Essa liberdade do leitor parece faltar nas escolas, dificultando a formação de um leitor no ambiente escolar:

[...] o aluno tem, tanto quanto o professor, o direito de não gostar de um texto e, conseqüentemente, de se recusar a trabalhar com ele. Esse mínimo de liberdade, garantido em situações comuns de leitura, a qualquer leitor (que começa a ler um livro e pára, porque percebeu que não faz seu gênero) parece às vezes exilado do dia-a-dia escolar, quando uma concepção do texto que o vê como sacralizado, sobrepõe o argumento do arbítrio ou do gosto autoritário, à sensibilidade que precisa nortear sua adoção (LAJOLO, 1984, p. 54).

A estudante leu *Dom Casmurro* mas não se envolveu na história, se sentiu distante do personagem, diferente de *Harry Potter* que a absorveu completamente. Essa distância do leitor em relação à obra pode se dar pela distância da linguagem e tempo da obra. O leitor atual não consegue se identificar tão facilmente com personagens antigos de épocas anteriores. Nesses momentos, é de grande necessidade a participação de um mediador para relacionar os diferentes mundos e ressignificar essa obra na atualidade. Um leitor, por iniciativa própria, terá mais dificuldades para compreender alguns clássicos. Essa leitura será mais prazerosa para aquele que já tem um repertório maior de leituras. Caroline também lança críticas ao livro *Crepúsculo*. Segundo ela, a autora produziu essa série com os olhos bastante voltados para o mercado de livros. Além da capacidade crítica, a menina percebe relações intertextuais entre alguns livros.

Não eu não li (*Crepúsculo*), vi os filmes, é porque assim, existem as histórias clássicas de vampiros, zumbis, lobisomens, e essa autora (*Stephenie Meyer*) pegou um clássico, que são os vampiros, e ela colocou tanta palhaçada que, assim, vampiros viraram piada, entendeu. Eu acho que isso destruiu uma coisa clássica. O *Harry Potter* desenterrou os bruxos, as eles são bruxos mesmo, e ela pegou uma história de um vampiro e transformou ele em um “sei lá o quê”, tipo o cara brilha e vampiro não pode ir no sol senão morre e ela botou ele brilhando, então eu acho que ela destruiu muito uma coisa clássica só para agradar a mídia, tanto que ela usa coisas assim, ela mal descreve a menina do livro para qualquer menina que ler se encaixar na história e ele ela descreve como o príncipe encantado pra todas as meninas amarem ele, então ela bota a menina isolada na escola e mal descreve ela fisicamente e ele ela dá todos os detalhes possíveis. E ela botou assim, para qualquer menina que ler se encaixar e colocou um vampiro pra ser um pouco mais atraente e não ser só um namorinho de

escola. Então eu acho isso, sei de pessoas que leram, mas acho fraco justamente por isso, que ela acabou dando uma avacalhada (Caroline).

Realmente, por causa da onda do *Harry Potter*, porque o *Harry Potter* foi uma revolução, depois começaram a surgir mais literaturas juvenis, muitos acharam que porque *Harry Potter* fazia sucesso podiam escrever outros livros e fazer sucesso também. Só que a onda *Harry Potter* também foi boa porquê desenterrou alguns clássicos como *As crônicas de Nárnia* que também é super antigo, o *Bússola de Ouro*, são que dizem que a autora do *Harry Potter* roubou toda a história deles. A Luana (irmã de Carol) começou a ler *Bússola de Ouro* e a primeira página, a descrição do local parece o local onde o *Harry Potter* estuda. A Luana ficou com raiva porque copiaram do *Harry Potter* e eu falei pra ela que esse livro havia sido escrito muito antes que *Harry Potter*. Então ela que tirou idéias. Só que assim, lógico, foi pegando idéias de outros livros, só que ela revolucionou, ela, tipo assim, esses livros ainda vendem hoje em dia por causa dela e todo mundo que ser parecido com *Harry Potter*. Eu não conhecia Nárnia, eu conheci Nárnia depois de ouvir falar de *Harry Potter* (Caroline).

Mais uma vez a linguagem do livro é citada como um dos pontos principais pela preferência por esses livros. Carol compara com a novela, como se a cada capítulo ficasse um suspense no ar. De acordo com ela, *Harry Potter* tem essa qualidade. Sempre deixa um “fiozinho” para que o leitor não perca o interesse. Essa pode ser uma boa explicação para esses leitores “devorarem” livros com muitas páginas em poucos dias. Esse é um recurso realmente muito utilizado nas novelas, como ela mesma comparou. Isso prende o telespectador e garante sua volta em frente à televisão no outro dia.

Pra começar, tem duas coisas, o tipo de linguagem que é uma linguagem tipo novela, é um negócio que te deixa um fiozinho para o próximo capítulo, te intriga a descobrir, tem sempre segredos e os que eu mais gosto realmente são os de outros mundos, tipo nesse os animais falam, crianças entram em um guarda-roupa e param em outro lugar, e o *Harry Potter* também, ele tá um outro mundo onde as pessoas tem poderes, separado, é fora da nossa realidade, acho que é o que mais me encanta, eu gosto dessas coisas meio científicas (Caroline).

(...) não vou me tornar mais inteligente, porque esses livros não têm tantas informações que vou usar no meu trabalho, mas eu acho que simplesmente pelo fato de eu estar lendo, parar pra fazer isso, eu aprendo novas palavras. É diferente, você treina a cabeça, você foge da televisão que tá tudo pronto, você cria coisas na sua cabeça, te força a imaginar, te descreve poucas coisas que você tem que montar todo um cenário, acho que isso já é muito mais legal, isso enriquece muito mais, você fica mais criativo, fica mais atento, porque você tem que estar muito mais atento pra ler, tem que se fechar mesmo de tudo à sua volta e parar ali. O vocabulário também. Igual eu falei, é diferente de eu ler um livro lá da faculdade onde são informações e mais informações e é uma coisa muito chata. Esses aí não tem tantas

informações “úteis”, vamos dizer assim, mas eu acho que treina o cérebro muito mais, tanto que eu memorizo muito mais um livro, como o *Harry Potter*, do que eu tenho que estudar na faculdade, porquê é mais gostoso, é mais legal, me envolve mais e não é puramente ficar lendo aquela coisa massante (Caroline).

Caroline tem características de um leitor maduro, que utiliza os diferentes tipos de leitura para diferentes propósitos. A leitora diz ter consciência que essas leituras não são tão enriquecedoras, no sentido de elevar o conhecimento, quanto os livros da faculdade. Mas ela sabe da importância deles para enriquecimento de sua linguagem, de seu repertório de leituras e que ajudarão a prepará-la para leituras posteriores.

Maria também tenta explicitar o que atrai nesses livros: “[...] você aprende muita coisa. Aprendi muita coisa que eu não sabia, aprendi a perdoar a ter paciência, ter mais calma. Me fazem muito bem. O primeiro que saiu li três vezes” (Maria).

Pérola não tinha o hábito da leitura, assim como Maria está adquirindo esse hábito depois de adulta. Ela cita alguns títulos preferidos: “*Jesus, o maior psicólogo que já existiu* do Augusto Cury; *Pais Brilhantes, professores fascinantes* do Augusto Cury, *A casa da divina providência* do Jorge Luis Baldasso e o *Monge e o Executivo*” (Pérola). As duas leitoras se identificaram com obras que são consideradas do gênero “autoajuda”.

É que eles são de autoajuda, e realmente ajudam a gente a pensar na nossa vida, nas nossas atitudes. Eu mesmo estava tendo alguns problemas com minha filha mais nova e o livro *Pais brilhantes* me ajudou muito com ela. [...] Minha filha estava muito rebelde, me respondendo mal e eu sempre me estressando, gritando com ela e ela nem me ouvia, só ficava com mais raiva de mim, aí passei a dialogar com ela, como diz no livro, e explicar para ela porque eu estava brava com ela, conversei com carinho, sem gritar, e ela entendeu (Pérola).

Em reportagem recente na revista *Veja*, de fevereiro de 2012, tem destaque o sucesso de vendas do livro *Ágape* do Pe. Marcelo Rossi que, até então, já havia atingido 7,5 milhões de vendas e permaneceu durante 76 semanas na lista dos mais vendidos da revista. Os autores da reportagem tentam explicar o sucesso:

Ágape se vale dos recursos clássicos para a aproximação com a massa dos leitores, como capítulos curtos e letras grandes. Mas beneficia-se de virtudes bem mais poderosas. Ter na capa a imagem do padre mais famoso do país já constitui, por si só, um chamariz infalível (TEIXEIRA, MARTHE & MENDES, 2012, p. 101).

As leitoras Pérola e Maria explicitaram sua predileção por essas obras por outros motivos. Ambas citam que esses livros têm ajudado a melhorar seus relacionamentos e mudar suas atitudes cotidianas. Eles claramente fazem relação com suas vidas, trazendo dramas pessoais e familiares e apontando caminhos. Elas mostraram se identificar com esses livros e têm seguido à risca seus conselhos para mudar de vida. As pessoas tendem a se interessar por histórias que são familiares à sua realidade ou, ainda, que apresentam outros mundos e que fazem com que o leitor se sinta imerso dentro dele. São essas as sensações que fazem o leitor permanecer na leitura. Quando a história é capaz de envolvê-lo e lhe trazer emoções variadas: “Amo ler porque me proporciona sensações incríveis” (Luana).

[...] podemos reconhecer o contraste entre grandes leitores e leitores de ocasião, entre *lectores* profissionais, para os quais ler é sempre mais ou menos gesto de trabalho, e todos aqueles para quem o encontro com os textos é simples informação ou puro divertimento. Os primeiros, não há dúvida, têm dificuldade em aceitar que existem outras leituras além da sua, ou ainda em conceber que entre sua leitura de doutos e as da maioria existem outras diferenças afora estas: ler muito ou pouco, rápido ou lentamente (CHARTIER, 2009, p. 19).

Essa é a grande diferença do leitor comum e a dos estudiosos de literatura. O leitor comum quando busca uma leitura, a procura para satisfazer alguma necessidade, procurar alguma informação ou simplesmente divertir-se. Esse leitor não deseja se tornar um profissional da literatura. Assim, se interessa por leituras que satisfazem a sua necessidade momentânea:

Do ponto de vista da formação do leitor, deve-se estar atento para a distância existente entre o conhecedor e o consumidor de literatura. Na verdade, a escola preocupa-se em transformar ensinamentos sobre a literatura e não em ensinar a ler. A educação formal tem por objetivo repassar dados sobre a história dos autores e das obras, cobrar exercícios de análise de textos para emissão de juízos, buscando fazer de todo leitor um conhecedor de literatura [...]. Para a formação do consumidor, é necessário estimular o gosto, a predisposição interna para a leitura, de nada valendo as informações áridas sobre fatos literários [...], o ato de ler só funciona quando parte do interesse do leitor. Esse varia segundo diversos fatores pessoais e sociais, mas é movido sempre por algumas intenções básicas: adquirir conhecimento genérico sobre determinado assunto [...], estudar [...], seguir instruções [...] e recrear-se [...]. Os interesses de leitura surgem, portanto, para atendimento de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo (AGUIAR, 2008, p. 16-17).

A melhor obra é aquela que faz algum sentido na sua própria vida. Apesar de muitas críticas da teoria literária afirmarem que a obra deve ser auto-suficiente, existir por ela mesma, que se deve ler sem tentar procurar relação com o mundo, ou identificação com a vida real. Apesar desse ponto-de-vista sabemos que é impossível proceder como algumas teorias intentam, e só nos identificamos com um livro quando ele nos fala à nossa vida, ou até mesmo quando encontramos situações que não tem nada a ver com nossa vida real e, por isso mesmo, elas nos tocam, porque nos mostram que existe o “outro”. O interesse pela leitura só surgirá a partir disso, de livros que nos fazem chorar, rir, refletir.

Considerações finais

Este trabalho não se dá por acabado aqui. Pelo contrário, abre novas possibilidades de pesquisa. Ao final dessa produção, cheguei a algumas constatações e comprovei algumas hipóteses iniciais de trabalho. Não trago aqui respostas definitivas, nem verdades generalizantes. Este estudo buscou trazer algumas conclusões com referência ao grupo pesquisado.

O princípio deste trabalho se deu nos anos de graduação, quando as primeiras “faíscas” em torno de meu interesse a respeito do tema começaram a dar luz. O período da graduação aumentou meus conhecimentos e implantou várias inquietações. Entre tantas falas e estudos em relação à leitura no Brasil, fiquei curiosa em saber se realmente as pessoas não estavam lendo. Essas vozes diziam que a recorrência da falta de leitura era maior entre os jovens e que o fim dos livros estava próximo, estes seriam substituídos pela *internet* e tantas outras tecnologias que surgem com grande velocidade.

Já no último ano de faculdade, ingressei nos estágios obrigatórios em algumas escolas estaduais e tive contato com a realidade de duas escolas públicas douradenses. Nesses ambientes, reparei no comportamento dos alunos e percebi algumas práticas diferentes de leitura.

Partindo do interesse pelas práticas de leitura desses jovens, dei origem ao meu trabalho de conclusão de curso que buscou apresentar um grupo de estudantes que contrariavam as afirmações da falta de leitura entre os jovens. Realmente a falta de leitura existia sim, mas das obras clássicas. Já os *best-sellers* e a “literatura de massa” eram frequentemente visitados por esses leitores.

Assim novas indagações permearam meu trabalho que contribuíram para o nascimento desta pesquisa atual. Questões em torno da legitimação de obras como canônicas ou não, critérios de avaliação estética e preferências pessoais.

Desta forma, no presente projeto, busquei pesquisar um grupo diferente de leitores, cada um representativo de uma categoria, para saber se essas práticas de leitura dos jovens anteriormente pesquisados também perpassavam essas pessoas. Contudo, o foco atual foi mais nos leitores do que em suas leituras. Procurei conhecer suas histórias, suas identidades para compreender suas preferências literárias.

Tomando como ponto de partida minha própria história de leitura, que foi construída ao longo do tempo, sempre com muito incentivo, decidi conhecer a história de leitura de diferentes pessoas apaixonadas pelos livros.

Foram sete mulheres entrevistadas. Mulheres por coincidência. A intenção do trabalho também pretendia ouvir homens, mas, infelizmente, não contamos com a contribuição de nenhum. São sete mulheres, cada uma com suas histórias e com atividades e vidas totalmente diferentes. Adolescentes, jovens, adultas, filhas, mães de família. O objetivo principal foi o de abordar suas histórias de vida para compreender suas preferências literárias. O aspecto relevante desta pesquisa é que ela busca analisar um *corpus* que é composto pelos relatos de vida das entrevistadas.

Essa análise não busca trazer verdades gerais a respeito do assunto, mesmo porque o *corpus* de trabalho se limita a sete pessoas. As conclusões a partir da análise desse seletivo grupo busca levar a reflexões maiores: o que explica as preferências de leitura dessas mulheres e de tantos outros leitores que estão dando preferência à “literatura de massa” em detrimento dos clássicos da literatura?

Sabe-se que existem diversas obras consideradas como as melhores da tradição literária. Se aprende na escola todos os nomes dos principais autores e das principais obras. Em alguns casos, também deve-se ler para trabalhos escolares, vestibulares. Contudo, grande parte das vezes, depois que se deixa a escola, dificilmente volta-se a ter contato com tais obras. Ao longo da vida se conhece diversos outros livros, e nossas preferências literárias vão se delineando. O quadro atual de leitura no Brasil aponta um interesse crescente entre pessoas de todas as idades pela leitura. Entretanto, não pelas leituras que aprendemos na escola como sendo as mais indicadas para se ler. Mas por outras, que muitas vezes também se destacam na lista dos livros mais vendidos.

Assim, abre-se um leque de discussões que também perpassaram esse trabalho. Partindo dessas inquietações fui em busca de histórias de vida para tentar responder a algumas questões.

Ao final da análise desse *corpus* de pesquisa o que percebo é que a maior parte das leitoras entrevistadas aprecia os livros da “literatura de massa” por apresentarem uma linguagem mais simples, de fácil entendimento, mais atual, que faz com que a leitura flua mais fácil. Diferente das obras clássicas, que por serem mais antigas, colocam um obstáculo para sua interpretação.

Entretanto, esses mesmos leitores que preferem esses livros mais simples são maduros o bastante para terem consciência de que esses mesmo livros não atendem

suficientemente o propósito de alguém que deseja elevar seu conhecimento. Para isso, elas não indicam essas leituras com objetivos de aprendizagem, mas sim para distração e diversão. Sabem que a leitura que fazem é um gesto importante, que ajuda no aumento do repertório de palavras e de leituras, contribuindo assim para facilitar o acesso à outras leituras posteriores.

O que é mais recorrente é a presença de um mediador de leitura. Alguns foram incentivados pelos pais, outros pelos irmãos e alguns tiveram acesso aos livros por meio de empréstimo entre amigos. Aliás essa prática de empréstimo é bem comum na fala das nossas entrevistadas. A compra feita em catálogos de venda, como a Avon, facilita o acesso aos livros por preços reduzidos. Infelizmente, poucas foram as vezes em que a escola foi citada como responsável por propagar a leitura. Ao contrário, quando citada ela é relacionada à leitura obrigatória dos clássicos da literatura. Em alguns casos, mesmo exigindo a leitura para algum trabalho, têm-se alguns relatos que essas leituras foram prazerosas. O mais recorrente nas falas, é a presença de alguém da família incentivando. Um pai leitor que fala dos livros à filha; irmãs leitoras que leem e passam os livros às suas irmãs, além da presença de filhos incentivando pais. Os empréstimos também têm contribuído para a difusão dessas leituras, além da compra por preços acessíveis e a influência da mídia. Livros que são adaptados ao cinema e divulgação por meio de rádio e televisão, contribuem muito para esse despertar do interesse.

Ao final desta pesquisa não tenho como ambição promover a leitura dos *best-sellers* e renegar os clássicos, ou vice-versa. O intuito maior foi conhecer as pessoas e perceber seus sentimentos, suas sensações em relação ao livro e à leitura. E muitas das emoções descritas aqui também são sentidas por leitores de clássicos: o envolvimento com a história, o desligamento do mundo real para acordar no mundo imaginário. A sensação de “água na boca” ao entrar numa livraria e sentir vontade de ler tudo e, ao mesmo tempo, sentir uma angústia de saber que não se tem tempo para ler tudo aquilo e nem se pode passar o resto da vida fazendo só isso.

Esse é o resultado pelo qual ansiava chegar. Encontrar pessoas comuns que, a meu ver, podem ser classificadas tranquilamente como leitoras. Pessoas que esquecem da realidade para adentrar na fantasia. Se os *best-sellers* podem ser considerados como literatura ou não, não cabe a mim dizer, mas com certeza, esses livros estão apresentado a essas mulheres o aspecto mais rico e prazeroso da leitura de um livro. Aspecto esse responsável por fazer com que as pessoas permaneçam no mundo dos livros se deleitando e se encantando por toda a vida.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ACHUGAR, Hugo. *Planetas dem boca: Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1947.
- AGUIAR, Vera Teixeira. Da teoria à prática: competências de leitura. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática, conexões*. Maringá: EDUEM, 2008. p. 13-26.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BHABA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os livros e a escola do tempo*. Trad. SANTARRITA, Marcos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. Trad. NASCIMENTO, Cristiane. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 231-254.
- BORDINI & AGUIAR, Maria da Glória e Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo : Ática, 2006
- CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI & ZOLIN. Thomas e Lúcia Osana (Orgs). *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, Eduem, 2009.
- CORTINA & SILVA. Um olhar sobre a leitura de best-seller. *Revista Travessias: pesquisa em educação, cultura, linguagem e arte*. N. 02, 2010.
- DAU, M. R. P. *Práticas de leitura entre alunos do terceiro ano do Ensino Médio: um estudo de caso*. *Revista Pesquisas em discurso pedagógico*, PUC-RIO, n. 1 de 2010. Disponível em: www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_discurso.php?strSecao=input0. Acesso em 20 mar. 2012.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Formalismo Russo e New Criticism. In: BONNICI & ZOLIN. Thomas e Lúcia Osana (Orgs). *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, Eduem, 2009
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. In: Abreu. Márcia (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10. Cole. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.*
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUYSEN, Andreas. Literatura e Cultura no Contexto Global. In: MARQUES & VILELA, Reinaldo & Lucia Helena (Orgs). *Valores: arte, mercado, política*. Editora UFMG, Abralic 2002. p. 15-35.
- INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO.
Disponível em: www.prolivro.org.br/ip1/publier4.0/dados/anexos/1815.pdf . Acesso em: 10 fe. 2012.
- JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 50-62.

- LEAHY-DIOS, Cyana. A educação literária de jovens leitores: motivos e desmotivos. In: RETTENMAIER E ROSING, Miguel e Tania M. K. (Orgs). *Questões de Literatura para jovens*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 33-40.
- MATTELART, Armand. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MEIER, B. (2011). Uma geração descobre o prazer de ler. *Revista Veja*, ed. 2217, 18 mai. 2011.
- PAULA, Adna Candido de Paula. *Uma Investigação Epistemológica dos Processos Hermenêuticos das Teorias Literárias*. In. Congresso da ARIC XII, 2009. Florianópolis (SC, Brasil). p. 1-14
- PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. Algumas especificidades da leitura literária. In. PAIVA, MARTINS, PAULINO & VERSIANI (orgs.). Aparecida, Aracy, Graça e Zélia. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 55-68.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolhas e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. SOUZA, Celina Olga de. São Paulo: 34, 2008.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. Letramento Literário: da escola para o social e do social para a escola. In: GONÇALVES & PINHEIRO, Adair Vieira e Alexandra Santos (Orgs). *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2011.
- REVISTA ISTOÉ DINHEIRO. Disponível em:
http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/479_LIVRARIA+AVON. Acesso em: 10 fev. 2012.
- REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:
<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/biblioteca-nao-deposito-livros-423601.shtml>. Acesso em 30 mar. 2012.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI & ZOLIN. Thomas e Lúcia Osana (Orgs). *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, Eduem, 2009.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.
- _____. (1986). *Leitura e Realidade Brasileira*. 3 ed. Porto Alegre.: Mercado Aberto.
- TAYASSU, Catitu. Alfabetização e letramento: condições de inclusão social (?). In: GONÇALVES & PINHEIRO, Adair Vieira e Alexandra Santos (Orgs). *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2011.
- TEIXEIRA, MARTHE & MENDES. J, M & M. Um país de leitores – e autores. *Revista Veja*, ed. 2258, 29 fev. 2012 p. 98-109.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. MEIRA, Caio. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI & ZOLIN. Thomas e Lúcia Osana (Orgs). *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, Eduem, 2009
- ZILBERMAN, Regina (org). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

ZILBERMAN & ROSING, Regina e Tania M. K. (orgs). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI & ZOLIN. Thomas e Lúcia Osana (Orgs). *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, Eduem, 2009

ANEXOS

ENTREVISTA 1: ROSANA

IDADE: 26 ANOS

FORMAÇÃO: PROFESSORA DE MATEMÁTICA

PERGUNTA: Rosana, fale-me um pouco sobre sua vida:

RESPOSTA: Eu nasci em Dourados, vivi praticamente minha vida inteira aqui em Dourados (MS), e comecei a trabalhar como professora na cidade de Paranhos (MS), vivi aqui em Dourados com os meus pais e lá em Paranhos vivi na casa de amigas.

P: Por que decidiu se tornar professora?

R: Desde a quarta série que eu adorava minha professora de matemática, aí eu falei que queria ser professora de matemática. Meus pais me deram cem por cento de apoio.

P: Qual a profissão dos seus pais?

R: Minha mãe é do lar e meu pai é marceneiro.

P: Você sabe me dizer quando começou a se interessar pelos livros?

R: Na verdade, meu primeiro livro foi a minha irmã que comprou, *O Código da Vinci*, ela comprou e não teve paciência para ler e eu catei o livro dela e comecei a ler. Esse foi o primeiro que me despertou, depois foram surgindo outros. Esse primeiro foi pela minha irmã, depois já fui atrás. Eu que pesquisei para comprar pela *internet*, pelo catálogo da AVON ou pela livraria direto, ou às vezes um amigo ou uma amiga tinham livros para emprestar também.

P: Cite alguns títulos que te marcaram:

R: *O menino do pijama listrado*, *Saga do Crepúsculo*, *A última música*, *Querido John*, e um livro que a personagem do *Crepúsculo* lê no livro: *Morro dos ventos uivantes* e os livros do Dan Braw.

P: Havia livros em sua casa?

R: Na minha casa não tinha livros. Minha irmã mais velha sempre gostou de ler, então ela tinha uma coleção de livros de faroeste, quando ela foi embora, eu tinha uns 10, 11

anos, daí eu peguei para ler, mas logo passava a vontade. Na fase da adolescência, lia mais porque minha irmã lia e eu achava que devia ser muito legal! Ela tinha também romances mais antigos. Ela tinha *Olhai os lírios do campo*. Foi o primeiro que eu li, estava no sexto ano.

P: E na escola, você lia?

R: Não, na escola eu lia porque era obrigada mesmo, aqueles livros brasileiros, dos escritores brasileiros e eu não era fã de nenhum deles não. Na verdade, eu gostei daquele *O seminarista*, gostei mais por causa da história, mas assim, eu li sem interesse, por obrigação.

P: Quais foram os livros que você mais se identificou ou que mais te marcou?

R: Assim, não sei se eu cheguei a me identificar com o livro, é que tem alguns livros que mostram fatos bem parecidos com a realidade. *O peso do silêncio* mesmo mostra, que é de uma garotinha que é abusada sexualmente e o pai dela é acusado. Então, assim, são fatos que a gente vê que são reais hoje no nosso dia a dia.

P: Você costuma incentivar outras pessoas a ler, ou emprestar seus livros?

R: Eu troco meus livros, empresto, mas depois pego tudo de volta. Depois que eu comecei a ler, muita gente também começou a ler. A menina que morava comigo leu praticamente todos os livros que eu tenho. As professoras da escola também, até que liam, mas ninguém ficava divulgando que lia, aí eu comecei a falar, contar dos meus livros, aí a professora de português também começou a falar dos livros que ela leu, aí os outros professores começaram a ouvir e se interessaram também a ir atrás.

P: O que você acha dos clássicos da literatura cobrados na escola?

R: Livro brasileiro tem uma linguagem difícil de ler, é muito descritivo, então assim, às vezes você perde a paciência para ler porque ele escreve muito uma coisa e a história acaba se perdendo, pelo menos é o meu ponto de vista. E os outros não, que contam um fato, e é corriqueiro, é rápido, uma coisa que você já vê resultado e vê o que aconteceu em seguida e esses outros... não sei se é porque também eu já lia obrigada por causa da escola e depois eu perdi o interesse e não quis correr atrás, mas a maioria deles eu já descarto por causa disso.

P: Por que você prefere ler esses livros como os da saga *Crepúsculo* ou os do Dan Brow?

R: Esses livros não trazem muitas palavras que você tem que procurar significado, é uma ou outra que você não entende, então assim, é uma linguagem muito simples, então se você quer adquirir um conhecimento maior para utilizar uma linguagem mais rebuscada, aí acho que esses livros não são exatamente apropriados, a maioria dos termos são bem simples, de fácil entendimento.

P: Se você fosse professora de literatura, indicaria esses livros para seus alunos?

R: Com certeza, os alunos iam querer ler à vontade. Nós fizemos um projeto na escola de leitura, todos os alunos tinham que ler, qualquer livro, eles escolhiam o livro na biblioteca e tinham que contar a história. Então, assim, quando eu contava das minhas leituras eles queriam saber de onde eu tinha arrumado os meus livros, e queriam saber se tinha na biblioteca, que eles também queriam ler. Pode ser um caminho para puxar eles para outras leituras.

P: Qual o papel dos livros na sua vida?

R: Toda vez que tenho alguma hora vaga estou lendo, então esse ano devo ter lido mais de 30 livros, mas porque eu tive muito tempo vago. Atualmente estou lendo Sidney Sheldon. A maioria dos livros compro pelo site da livraria Saraiva e pela revista Avon que é mais barato, sem perder a qualidade.

ENTREVISTA 2: ALINE

IDADE: 24 ANOS

FORMAÇÃO: ESTUDANTE DE PEDAGOGIA

P: Fale sobre sua trajetória de vida:

R: Minha trajetória de vida... bom vivi minha infância toda em Ponta Porã, estudei em escola pública, tive um bom ensino, comecei a trabalhar aos quinze anos, meus pais me deram uma ótima educação, com valores morais. Depois dei um tempo nos estudos e depois prestei vestibular para pedagogia e comecei a faculdade, agora tenho que me formar porque vou me casar e construir a minha família, se Deus quiser.

P: Me fale sobre a história de vida dos seus pais:

R: Meu pai se chama Luis e minha mãe Izabel. Meus pais estudaram só as séries iniciais, minha mãe é canhota e na época ela dizia que amarravam sua mão para ela não escrever com ela. Ela conta que por isso ela teve sua aprendizagem prejudicada e meu pai também porque não tinham condições e também porque não se interessou mais, ele também tinha que trabalhar e até era mecânico e sabia muito de sua profissão sem ter estudado por conta de praticar. Minha mãe é brasileira, natural da cidade de Amambay e seus pais são de origem gaúcha, paraguaia, uma mistura. Meu pai vem de origem francesa, meu vô era francês. Minha mãe trabalhava com salgados com a sogra por vários anos na escola Mendes Gonçalves, e depois disso continuou autônoma e fazendo de tudo um pouco, pão pra vender, diarista, etc.

P: Como foi sua infância? Seus pais eram leitores? O que eles costumavam ler?

R: Minha infância foi boa apesar de meus pais serem rígidos, não podia ir brincar no vizinho, não podia brincar com meninos, mas tirando tudo isso foi boa, não me lembro de meus pais lerem, meu pai me dava muito gibi pra ler e assim eu fui aprendendo a ler, eu adorava gibi e isso me dava vontade de ler. Na infância eu adorava ir na escola e estudar. Quando chegavam as férias eu chorava por não querer ficar sem aula. Aí eu brincava muito sozinha e de boneca, aos seis anos ganhei um banco imobiliário do meu pai, e fui bastante estimulada a aprender a mexer com dinheiro, com números, a contar. Sinto falta da infância por que acho que deveria ter aproveitado mais.

P: Você lia quando era criança? Lembra-se de algum livro que te marcou ou alguma história?

R: Quando eu era criança tinha o hábito de ler gibis e alguns livros de literatura infantil, um deles falava sobre Brasília. Muito bom. Só não me recordo o nome. Minha tia era professora então quando ela fazia faxina nos seus livros ela me dava, eu adorava, eram livros pedagógicos e de leitura. Na escola lia também livros de *A tartaruga e a lebre*, *A pequena sereia*, enfim livros infantis.

P: Em sua infância houve incentivo à leitura?

R: Sim, houve bastante tanto da parte do meu pai quanto da minha mãe. Ela me ensinava em casa e com isso já fui pra escola sabendo escrever e a ler algumas coisas. Isso hoje em dia é fundamental na vida de um filho. O estímulo dos pais é importantíssimo na formação educacional do seu filho.

P: O que você lia na infância?

R: Costumava ler gibis.

P: Havia livros em sua casa? De que tipo?

R: Sim, tinham livros infantis e livros pedagógicos. E muitos gibis, do Cebolinha, da Magali, da Mônica etc...

P: Liste seus livros preferidos:

R: Aí complicou, mas tenho alguns, gosto muito do imaginário então me interessei pelos livros da autora Stephenie Meyer, que virou febre nos adolescentes e adulto também. *Quem ama educa*, tive que ler para seminário na faculdade também, agora estou lendo livros sobre organizar um casamento, enfim temos que buscar na leitura o que precisamos para nosso conhecimento e também para distração.

P: O que você acha que contêm nos seus livros preferidos que te chama a atenção para a leitura?

R: Gosto de viajar nas histórias e livros que falam de amor também como *Marley e eu*, ou *Pra sempre ao seu lado*, e na leitura você pode fantasiar e imaginar mais do que você assistir um filme, a leitura te dá essa viagem.

P: Como está sua vida profissional e pessoal?

R: Minha vida profissional no momento assim como a minha vida pessoal está passando por mudanças que espero que sejam positivas. Estou mudando tudo assim radicalmente e com isso vêm as consequências. Faço Pedagogia e estou no último ano, tive que trancar por mudar de cidade e espero ano que vem, se Deus quiser, concluir. Na vida pessoal também estou dando um passo importante na minha vida, estou prestes a me casar, momento de construir minha família e me realizar passando em um bom concurso. Trabalho desde os quinze anos de idade e já trabalhei em varias áreas diferentes, adoro trabalhar com pessoas.

P: O que você espera da sua vida? Quais são seus sonhos?

R: O futuro a Deus pertence, mas com a graça dele espero ter muita saúde, sabedoria para saber lutar e enfrentar as dificuldades. Como todo cidadão tenho muitos sonhos pois enquanto sonhar não paga, (risos), espero ter uma vida longa com conquistas e metas alcançadas, bom emprego, filhos, minha casa, e um mundo melhor para os nossos filhos e isso depende de nos educadores. Quando escolhi minha faculdade não pretendia e não pretendo dar aula, mas diante da realidade e dos acontecimentos pretendo fazer a minha parte para termos um Brasil melhor. Lutar por uma educação melhor e de qualidade.

P: O que tem lido atualmente?

R: Atualmente estou lendo um livro sobre casamento.

ENTREVISTA 3: BEATRIZ

IDADE: 16 anos

FORMAÇÃO: ESTUDANTE DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

P: Fale sobre sua trajetória de vida:

R: Eu moro em Dourados, eu trabalho de manhã e estudo de tarde, e à noite faço cursinho para prestar vestibular.

P: Quem são seus pais? Eles tinham o costume de ler?

R: Meu pai é vendedor e minha mãe é do lar. Só meu pai. Sempre via ele lendo jornal, sempre falava dos livros que lia.

P: Como foi sua infância?

R: Foi muito legal. Porque eu tive muitos amigos e brinquei muito e vivia num bairro muito bom.

P: Você lembra de algum livro que leu em sua infância?

R: *Lí Iliada e Odisséia* em quadrinhos. Li quando estava na quarta série, tinha 10 anos. Li na escola para fazer prova. Gostei porque era colorida e a história interessante. Também li *O Mundo de sofia*, quando minha irmã me deu, tinha 13 anos. Minha irmã fazia Letras e sempre gostou de ler e me incentivava. Gostei desse livro porque ele trabalhava meu pensamento. Depois reli quando comecei a ter aulas de filosofia na escola que tinham muita a ver com o livro. E agora, com 16 anos reli novamente. A última leitura achei com mais conteúdo, aprendi mais. *O Mundo de Sofia* me tocou muito porque eu fiquei dias pensando sobre as perguntas que o livro fazia sobre a existência humana e eram coisas que a gente não para pra pensar.

P: Em sua casa existia livros?

R: Sim, ficavam na estante na minha infância, às vistas de todos. Tinham enciclopédias *Barsa*. Livros de ficção.

P: E na escola, você lia?

R: Na escola não lia.

P: Quais seus livros preferidos?

R: De “Autoajuda”, livros com histórias reais.

P: Cite os livros que te marcaram:

R: *O mundo de sofia, Dom Casmurro.*

P: Em que ocasião leu *Dom Casmurro*?

R: Li duas vezes. Tive um trabalho para fazer na escola. Tinha que fazer um seminário para falar sobre o livro. Daí eu li com um dicionário do lado.

P: Você se interessa pelos livros que são exigidos na escola?

R: Acho a linguagem difícil e arcaica. Alguns só servem para o vestibular, são chatos. Ficam muitas páginas falando da mesma coisa. É uma história lenta.

P: Quais são as suas leituras atuais?

R: Livros do Augusto Cury: *O código da inteligência, Nunca desista dos seus sonhos.*

P: Como teve conhecimento dos livros desse autor?

R: Minha irmã lia e falou dele pra mim.

P: Você consegue me explicar o que te atrai nos livros do Augusto Cury?

R: As maneiras que o autor mostra de como a vida pode ser mais simples. Tem uma linguagem fácil e inteligente.

P: O que você acha das críticas que esse autor recebe por escrever “autoajuda”?

R: Acho que quem critica não conhece. E não é destinado às pessoas que precisam de ajuda e as pessoas julgam muito por ser um *best-seller* e a maioria ler, mas não sabem do conteúdo presente no livro.

P: Para qual curso irá prestar vestibular?

R: Vou prestar vestibular para Psicologia.

P: Por que escolheu esse curso?

R: Porque gosto muito dos livros do Augusto Cury e também porque acho interessante estudar as personalidades das pessoas e ouvir suas histórias.

P: Você incentiva outras pessoas a ler?

R: Indico os livros que leio e mostro trechos interessantes dos livros para as pessoas ficarem com vontade de ler. Eu incentivei alguns colegas de sala a ler Augusto Cury. Também incentivei minha chefe em meu trabalho a ler Augusto Cury.

P: Qual a importância da leitura em sua vida?

R: Eu acho a leitura muito importante porque ela apresenta mundos desconhecidos e distantes. Através da leitura aumentamos nosso vocabulário, nossa inteligência e nossa cultura. Nós viajamos sem sair do sofá.

ENTREVISTA 4: LUANA

IDADE: 16 ANOS

FORMAÇÃO: CURSANDO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

P: Me conte sobre sua vida:

R: Eu nasci em uma cidade pequena do Paraná, já me mudei várias vezes por causa dos estudos dos meus pais, sempre fui incentivada a estudar muito para ter um bom futuro, atualmente estudo em uma escola particular para me preparar para o vestibular.

P: Quem são seus pais? Qual a profissão deles? Como foi a vida deles?

R: Meus pais moram comigo, são dentistas mas trabalham separados, abandonaram os estudos quando eram jovens, e voltaram a estudar quando já eram adultos, terminaram a faculdade e sempre fazem cursos, porque quando jovens nunca tiveram oportunidade nem acessibilidade aos estudos.

P: Em sua infância houve incentivo à leitura?

R: Sim, meus pais sempre assinavam e compravam revistas e livros para mim.

P: Seus pais eram leitores? Eles lhe incentivavam a ler?

R: Minha mãe sempre me acompanhou na escola e sempre me influenciou muito a leitura, já meu pai nunca teve acesso a livros e nem a uma boa educação, então nunca passou isso para mim. Mas minha irmã me incentivou a ler, tudo que ela leu ela passou pra mim e eu li. Ah também eu li na escola, é que é obrigado a ler, mas tinha algumas coisas que era legal.

P: Você lembra de alguma que te marcou na escola?

R: Tem *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*, mas não lembro direito.

P: E aí sua irmã te apresentou alguns livros, o que ela lhe apresentou?

R: Foi *Harry Potter*, *As crônicas de Nárnia* a gente resolveu ler juntas porque a gente assistiu o filme, mas ela ia lendo, daí se ela gostasse eu lia.

P: O que você acha que te atrai nessas leituras?

R: Eu não sei.

P: O que você gosta de ler?

R: Eu gosto do que não é real, tipo tem *Harry Potter* que ele é bruxo, *Nárnia*, que tem bastante fantasia e os da escola são histórias normais, de pessoas normais que vemos no dia a dia.

P: Você acha que a escola deveria usar esses livros?

R: Acho que não, porque não tem muito a ver com a escola, é mais fantasia, mas é legal pra ler fora da escola, eles deviam mudar um pouco aqueles livros chatos, mas esses também não, porque iam estragar daí.

P: Seus amigos leem também?

R: Alguns leem, às vezes eu pego o livro deles, mas o que eu leio também, livro mais clássico é só na escola pra fazer provas, essas coisas.

P: O que você está lendo atualmente?

R: *A Bússola de Ouro*, é bem fantasia também, as pessoas têm alma de animais, bem legal.

P: Você lia quando era criança? Lembra-se de algum livro que te marcou ou alguma história?

R: Sim, lia bastante. Eu tinha uma revista preferida, que era a *Nosso Amiguinho*, aprendi muitas coisas com ela, várias curiosidades. Meus pais assinavam essa revista e gibis da *Turma da Mônica* pra mim.

P: Você gosta de ler?

R: Amo ler porque me proporciona sensações incríveis.

P: O que você lê? Liste seus livros preferidos:

R: Gosto de ler livros conhecidos, que já conheço a história. Meus livros preferidos mesmo, que nunca vou cansar de ler, são os do *Harry Potter*, mas também gosto de *Nárnia*, *A bússola de ouro*, e por aí vai...

P: O que você acha que contém nos seus livros preferidos que te chama a atenção para a leitura?

R: Histórias que passam longe da realidade, coisas que não existem, mas que na hora da leitura me fazem sentir que aquela é a realidade.

P: O que você espera da sua vida? Quais são seus sonhos?

R: Espero me formar numa faculdade boa, fazer o que gosto, ter uma boa condição de vida, e sempre crescer mais na minha futura profissão.

P: O que tem lido atualmente?

R: Estou lendo mais livros que já foram feitos filmes baseados neles.

ENTREVISTA 5: CAROLINE

IDADE: 22 ANOS

FORMAÇÃO: ACADÊMICA DE FARMÁCIA

P: Conte-me sobre você?

R: Tenho 23 anos, sou estudante de Farmácia, estou fazendo o último ano da faculdade e não trabalho.

P: Conte-me sobre sua vida, onde você nasceu?

R: Eu só nasci no Paraná, em São João do Ivaí, no PR, mas vivi a minha vida inteira em Ponta Porã no Mato Grosso do Sul, só saí quando minha mãe foi fazer universidade, daí morei em Marília (SP), depois morei em Umuarama (PR), voltei para cá (Ponta Porã) e fui embora fazer faculdade em Curitiba (PR).

P: Como foi sua infância?

R: Minha infância foi boa, foi meio estranha porque eu tinha amizades aqui (Ponta Porã, MS), aí minha mãe foi embora, perdi minhas amizades, aí eu voltei, recuperei minhas amizades, mas daí fiquei sem minhas amizades de lá (PR), muito complexo.

P: Fale-me sobre seus pais:

R: Como eu faço faculdade fora, eu moro sozinha, eu visito meus pais nas férias e meus pais são dentistas.

P: Onde eles nasceram?

R: Os dois são paranaenses e vieram morar no Mato Grosso do Sul quando se casaram e daí desde então nunca saíram daqui (MS) e por isso que eu falei que eu só fui nascer no Paraná porque minha mãe estava grávida sozinha e quis ganhar o bebê no PR.

P: Você estudou em escola pública ou particular?

R: Eu estudei a vida inteira em colégio particular, acho que fiz a quinta série só em escola pública, mas daí não gostei, foi como repetir a quarta série, daí o resto em escola particular, daí fiz cursinho e entrei pra universidade pública, universidade federal.

P: Como era na sua escola? Você ia muito à biblioteca, tinha contato com os livros? Teve algum livro que te marcou na escola?

R: Quando eu estava na sexta e sétima série, quando eu estava morando em Umuarama, foi meu primeiro contato com biblioteca mesmo, e daí eu me apaixonei por livros, eu pegava bem literatura infantil assim, lembro até hoje de uma série de um agente secreto e no meio do livro você tinha que descobrir pistas para poder passar para as próximas coisas, daí tipo eu “comia” o livro.

P: E na sua escola de Ponta Porã (MS), você lembra de algum contato com os livros?

R: Foi daí que eu tive contato com a literatura clássica para estudar mesmo, daí vi Romantismo, Arcadismo, nem lembro dessas coisas. Que daí a gente tinha que ler Machado de Assis, Eça de Queiroz. Eu lembro que o Machado de Assis me atraiu bastante, só que era uma literatura um pouco mais pesada e não é uma literatura que flui tão fácil e por você ter que ler para prova se torna mais chata. Você fica com aquela obrigação, não é uma coisa que você vai lá e escolhe, e daí aqui eu tive mais contato com isso, na escola. Depois, dentro da escola, com os amigos é que eu fui descobrir outras literaturas, aí comecei a ler *Harry Potter* e não parei mais.

P: Como foi isso? Um amigo que indicou?

R: Foi assim, saiu na tevê que iam fazer uma promoção para conhecer o *set* de filmagem do filme *Harry Potter*, eu achei que já tinha ouvido falar nisso, aí comentei com minha amiga que estudava comigo e ela disse que tinha os livros e que era uma série que devia estar no terceiro livro e me ofereceu emprestado. Disse que queria porque era famoso, tinha passado na tv, aí peguei o primeiro, “meu Deus”, é muito bom e foi tão diferente porque era uma literatura tão diferente que te prende tanto que eu acho que eu li o livro em dois, três dias. O livro é enorme e eu me apaixonei porque é uma coisa que te emociona que você quer ver. Eu lembro que quando eu parava, tipo eu ajudava no consultório da minha mãe, eu ficava “meu Deus eu vou perder essa cena!”, como se fosse um filme, aí eu lembrava que era um livro e que podia ler a qualquer hora. E já tinha até o terceiro ou o quarto livro, eu não lembro, porque são sete livros, daí eu fui lendo até acabar e tive que ficar naquela expectativa de sair o quinto livro, depois comprei o quinto, li, depois demorou para lançar o sexto e o sétimo, só que eu não li logo que saiu porque eu já tinha entrado na faculdade e todo mundo falava que era muito bom e eu não tinha tempo, daí uma vez no feriado eu descobri uma outra

menina que gostava na faculdade e pedi, ela me emprestou o sexto e o sétimo, “meu Deus, nunca chorei tanto”, desesperadamente. É que no sexto livro acontecem coisas, muita gente morre e eu não acreditei que era verdade e daí no sétimo livro é um mistério, você começa a pegar raiva. O último livro do *Harry Potter* é só guerra, guerra, guerra. Todo capítulo acaba em alguma coisa do tipo “e ele abriu a porta”, daí você não consegue parar. E daí li em dois dias porque eu precisava dormir senão eu tinha lido em um. E eu chorava e chorava. Eu lembro que quando um dos personagens morreu, o Fred, eu li, fechei, comecei a chorar e abri de novo pra ver se não tinha mudado.

P: Você se sentia íntima dos personagens?

R: É você conhece todo mundo, você sabe quando alguém está mentindo na história, quando alguém está tramando, você conhece todo mundo e se alguém que você gosta morre é desesperador.

P: E você leu *Senhor dos Anéis*?

R: Li, porque todo mundo falava que *Senhor dos Anéis* era mais clássico e o *Senhor dos Anéis* são três livros e muito mais antigos e eu peguei o livro que são os três e não consegui passar do primeiro porque ele é um livro muito detalhista, porque a escrita também é antiga, apesar de ser um mundo novo como o *Harry Potter* que é todo encantador, é uma literatura muito detalhada, tanto que você se perde da história. Tem uma cena que eles estão indo pela floresta, daí fala que ele ouve um barulho e ele começa a comparar o barulho do cavalo com “não sei o quê, não sei o quê”, chega uma hora que você não sabe o que é que você estava lendo. Tipo assim, ele vai falar de uma janela e quem fez a janela foi fulano e morava não sei onde, que não faz sentido e é só para acrescentar detalhes que não interferem na história principal e isso te cansa. Daí eu não consegui passar do primeiro, apesar da história ser boa é muito cansativa. Também não é como os clássicos, tipo se você comparar com Machado de Assis, ele é um pesoado diferente, é mais cabeça, ele tem uma linguagem mais antiga com uma história um pouco mais parada, lógico, a história é envolvente, se você for ver *Dom Casmurro* é uma história super envolvente, só que o jeito que ele conta... eu não me senti tanto com o Bentinho, sofrendo com ele, me senti, tipo, to vendo sim, mas de longe, alguém está me contando e no *Harry Potter* eu estava ali no meio, é bem diferente, eu me senti ali dentro. E o *Senhor dos Anéis* também, parecia que tinha um avô me contando de tanto que a história volta. Daí esses foram os primeiros contatos que tive, e eu gosto desse

tipo de literatura que é mais juvenil porque eu gosto desse mundo que não é real, daí tanto que eu fui ler *As crônicas de Nárnia* que também é outro mundo, são animais que falam e isso que me encanta, eu não gosto muito de *Crepúsculo*.

P: Você já leu?

R: Não eu não li, vi os filmes, é porque assim, existem as histórias clássicas de vampiros, zumbis, lobisomens, e essa autora (*Stephenie Meyer*) pegou um clássico, que são os vampiros, e ela colocou tanta palhaçada que, assim, vampiros viraram piada, entendeu. Eu acho que isso destruiu uma coisa clássica. O *Harry Potter* desenterrou os bruxos, as eles são bruxos mesmo, e ela pegou uma história de um vampiro e transformou ele em um “sei lá o quê”, tipo o cara brilha e vampiro não pode ir no sol senão morre e ela botou ele brilhando, então eu acho que ela destruiu muito uma coisa clássica só para agradar a mídia, tanto que ela usa coisas assim, ela mal descreve a menina do livro para qualquer menina que ler se encaixar na história e ele, ela descreve como o príncipe encantado pra todas as meninas amarem ele, então ela bota a menina isolada na escola e mal descreve ela fisicamente e ela dá todos os detalhes possíveis. E ela botou assim, para qualquer menina que ler se encaixar e colocou um vampiro pra ser um pouco mais atraente e não ser só um namorinho de escola. Então eu acho isso, sei de pessoas que leram, mas acho fraco justamente por isso, que ela acabou dando uma avacalhada.

P: Você acha que ela tentou fazer mais para vender então?

R: Realmente, por causa da onda do *Harry Potter*, porque o *Harry Potter* foi uma revolução! Depois começaram a surgir mais literaturas juvenis, muitos acharam que porque *Harry Potter* fazia sucesso podiam escrever outros livros e fazer sucesso também. Só que a onda *Harry Potter* também foi boa porque desenterrou alguns clássicos como *As crônicas de Nárnia* que também é super antigo, o *Bússola de Ouro*, são que dizem que a autora do *Harry Potter* roubou toda a história deles. A Luana (irmã de Caroline) começou a ler *Bússola de Ouro* e a primeira página, a descrição do local parece o local onde o *Harry Potter* estuda. A Luana ficou com raiva porque copiaram do *Harry Potter* e eu falei pra ela que esse livro havia sido escrito muito antes que *Harry Potter*. Então ela que tirou ideias. Só que assim, lógico, foi pegando ideias de outros livros, só que ela revolucionou, ela, tipo assim, esses livros ainda vendem hoje

em dia por causa dela e todo mundo que ser parecido com *Harry Potter*. Eu não conhecia *Nárnia*, eu conheci *Nárnia* depois de ouvir falar de *Harry Potter*.

P: E o que você acha do filme *Harry Potter*?

R: Todo filme que vai virar livro precisa de adaptação, acho que eles conseguiram ser até bem fiéis ao livro, cortando muita coisa, é um resumo, só que eu achei muito legal, tanto que dá uma cara para o *Harry Potter*, fala no *Harry Potter* você já pensa no autor, deu uma cara, conquistou gente que não leu, deu fama pro *Harry Potter*. Eu achei legal, por exemplo, o último, o sétimo livro é igual eu falei, é muita coisa e em cada capítulo tem uma coisa extraordinária, que eles fizeram dois filmes pra caber toda a história, daí eles dividiram em dois filmes pra contar tudo, pra não ser um resumo, daí todo mundo adorou. Eles sempre fazem o filme depois porque é totalmente baseado no livro, daí o filme, o último foi muito ruim, eu chorei muito, foi o último, não terá mais nem filme, nem livro.

P: E na sua casa, seus pais têm o hábito de ler? Havia incentivo?

R: Minha mãe me incentivava até um ponto, quando eu era criança ela comprava livrinho infantil, revistinha, só que não sei, os *Harry Potter* quando eu pedia pra ela comprar pra mim ela não comprava e pra minha irmã ela comprou todos.

P: Por quê?

R: Não sei, eu acho que ela tinha medo de gastar com isso e eu não pegar pra ler. Mas eu li todos, mas eu comprei um livro só, os outros foram tudo empréstimos. E eu insisti várias vezes pra ela comprar, quando ela comprou custava R\$ 90,00, mas minha irmã já comprou por R\$ 10,00 na revistinha da AVON, então era super barato, mas quando lançou era bem caro, daí ela falava pra eu ler sim mas de preferência na biblioteca.

P: Eles não tinham o hábito de ler?

R: Não, meus pais não, gostam de ler revista, jornal, mas livro mesmo, parar pra ler, não. Só quando tem campanha na igreja que daí tem livro de estudo, só desse tipo, mas por outros eles não se interessam.

P: Na escola, você lembra se houve algum livro que te marcou? Que a escola tenha lhe oferecido?

R: *Dom Casmurro* é o que eu lembro da história, que eu lembro que quando eu li eu gostei muito, eu li bem devagar, fui bem digerindo e era tão clássico que todo mundo falava de *Dom Casmurro*, tanto que saiu até minissérie, que daí eu já fui mais com esse desejo de conhecer o que era aquilo, mas acho que foi o único assim. Depois eu peguei pra ler o *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e não consegui, fui lendo até um pedaço, era até de certa forma engraçadinho, mas não fluiu. Aí tinha os outros, *O Cortiço* achava muito chato, era uma realidade muito além, de um tempo muito distante. Acho muito importante a gente estudar os autores, o que aconteceu, a mudança de estilo, de literatura que foi acontecendo, mas não é uma leitura tão agradável, realmente não é, eles falam muito bonito, mas é a mesma coisa que filme, eu dou muita importância aos clássicos, aos filmes preto e branco mas eu prefiro mil vezes as tecnologias novas, assisto os clássicos, mas prefiro os mais novos. Tem que ter referência, igual *Harry Potter*, se não fosse os antigos não tinha escrito *Harry Potter*, porque ela se baseou em muitas coisas, mas ele é muito melhor que os antigos. E na verdade eu nem sei quem é que está “pop” na literatura brasileira hoje em dia, só conheço os nomes antigos, eu sei que todo mundo de hoje se baseia nos antigos. Acho muito importante que eles existam, mas não que sejam os melhores, acho que se baseando neles tem gente que consegue superá-los. Acho que conseguem ultrapassar porque tem muito mais coisas hoje em dia, tem muitos mundos diferentes pra você falar, principalmente os jovens eles gostam de ver coisas que tem a ver com a vida deles. Se você botar uma história de gente que se vestia de cartola, os jovens nem sabem o que é isso, agora se você botar um carinha que chega na escola com um carro legal é incrível, igual *Crepúsculo*. Eu acho que é por isso, esse mundo tem mais a ver com eles, então eles buscam o que se parece com eles.

P: Você já percebeu alguma abertura da escola ou dos professores em relação a esses livros que todos os jovens estão lendo ou só era comentado entre os colegas mesmo?

R: Não, era só entre a gente, nunca vi nenhum professor falar.

P: Vocês nunca pediram nem comentaram com o professor?

R: Acho que não, nunca vi nenhum professor comentando. Eu lembro que os professores até conheciam porque a gente fez uma viagem para Campo Grande (MS) para assistir o filme do *Harry Potter* logo que lançou, mas referente à literatura, de ler o *Harry Potter* não, nunca ouvi ninguém comentando, é uma coisa bem distante.

P: Quais são seus livros preferidos?

R: Todos do *Harry Potter*, todos são muito bons. Na verdade, faz tanto tempo que eu não leio, o último que eu li realmente foi o *Nárnia* e eu gostei muito e eu não vou lembrar mais porque a faculdade me afastou muito de livro.

P: Faz quanto tempo que você não lê um livro integralmente?

R: Ler por ler, a última vez que eu peguei um livro, *Nárnia*, vai fazer uns dois anos acho. São sete livros no *Nárnia* aí eu comprei o livro inteiro, acho que fui até o quinto, parei no meio de uma história, estava muito boa só que eu não consegui mais voltar porque sempre tem trabalho da faculdade pra fazer. Mas eu boto ele como um dos favoritos porque eu consegui ler tranquila, consegui ler bem gostoso, espero terminar. Mas é bem diferente.

P: O que você acha que têm nesses livros como o *Harry Potter*, e *As crônicas de Nárnia* que te despertam tanto?

R: Pra começar, tem duas coisas, o tipo de linguagem que é uma linguagem tipo novela, é um negócio que te deixa um fiozinho para o próximo capítulo, te intriga a descobrir, tem sempre segredos e os que eu mais gosto realmente são os de outros mundos, tipo nesse os animais falam, crianças entram em um guarda-roupa e param em outro lugar, e o *Harry Potter* também, ele está em outro mundo onde as pessoas tem poderes, separado, é fora da nossa realidade, acho que é o que mais me encanta, eu gosto dessas coisas meio científicas.

P: Você acha que a leitura desses livros te enriquece em algum aspecto?

R: Eu acho que sim, vamos dizer assim: não vou me tornar mais inteligente, porque esses livros não têm tantas informações que vou usar no meu trabalho, mas eu acho que simplesmente pelo fato de eu estar lendo, parar pra fazer isso, eu aprendo novas palavras. É diferente, você treina a cabeça, você foge da televisão que tá tudo pronto, você cria coisas na sua cabeça, te força a imaginar, te descreve poucas coisas que você tem que montar todo um cenário, acho que isso já é muito mais legal, isso enriquece muito mais, você fica mais criativo, fica mais atento, porque você tem que estar muito mais atento pra ler, tem que se fechar mesmo de tudo à sua volta e parar ali. O vocabulário também. Igual eu falei, é diferente de eu ler um livro lá da faculdade onde são informações e mais informações e é uma coisa muito chata. Esses aí não tem tantas

informações “úteis”, vamos dizer assim, mas eu acho que treina o cérebro muito mais, tanto que eu memorizo muito mais um livro, como o *Harry Potter*, do que eu tenho que estudar na faculdade, porque é mais gostoso, é mais legal, me envolve mais e não é puramente ficar lendo aquela coisa massante.

P: Você concorda com as pessoas que julgam essas leituras como “fáceis”, de rápido consumo, que você lê e logo abandona e depois lê outro livro e abandona novamente?

R: De ser mais fácil acho que sim, porque ali tem um vocabulário mais fácil e ele tem um jeito de contar história um pouco mais... ele flui melhor, mas não que você vai ler em um banco, em frente à tv ou esperando o ônibus e dar uma lida numa página, ao contrário, você não consegue ler uma página só, você precisa ler mais e descartar muito menos, você quer ler mais, você precisa ler mais e você vai guardar aquilo. Eu reli *Harry Potter*, não tem como abandonar, eu acho muito mais fácil eu esquecer e abandonar os livros que eu fui obrigada a ler na escola, lembro de pouquíssimos nomes, e eu tive que ler vários e eu não lembro o nome deles e eu lembro das coisas do *Harry Potter*. É bem mais fácil guardar os livros do *Harry Potter*.

P: Qual a importância da leitura na sua vida? Você sente falta? Se sente atraída por livrarias?

R: Eu sinto muito falta de um tempo para ler, porque tem que ter um tempo, você tem que parar, não dá pra ler em um ônibus, eu gosto de me fechar e me envolver com a história. Eu sinto falta de ter esse tempo. Amo livraria, tem livrarias em Curitiba que eu entro, eu quero tudo, tem cada coisa legal e o legal é que lá (PR), eu não vejo isso aqui (MS), lá por ser maior a cidade, tem várias livrarias, você pode chegar na livraria, pegar um livro sem comprar e ler, sabe, tem as mesinhas, tem os sofás, tem o cantinho e isso atrai muito mais. E eu sinto falta de pegar. Às vezes entro na livraria e sinto falta, porque eu queria poder pegar e sentar e começar a ler mas não dá tempo, e eu fico olhando e querendo, dá um desespero.

P: O que você espera da sua vida, do seu futuro, quais são seus planos?

R: Meus planos, primeiramente me formar na faculdade, sair dessa vida chata de estudante, arrumar um emprego e na verdade, eu ainda não sei uma área certa, tenho algumas preferências né, penso em trabalhar em um hospital, mas primeiro eu quero me

achar profissionalmente, ver se é aquilo mesmo e depois que eu achar isso me estabilizar.

P: Você pretende continuar morando no Paraná ou quer voltar para o Mato Grosso do Sul?

R: Inicialmente sim. Pretendo fazer uma pós, não quero fazer mestrado, não gosto muito dessa área de lecionar, mas quero fazer especialização, me focar mais pra uma área porque Farmácia é muito ampla, quero me focar mais em alguma coisa, inicialmente em hospital e prestar concurso para o MS e PR.

ENTREVISTA 6: PÉROLA

IDADE: 39 ANOS

PROFISSÃO: COPEIRA

P: Me fale sobre você. Onde nasceu?

R: Nasci em Vila Vargas, tenho o ensino médio completo, tenho dois filhos e sou casada há 21 anos. Comecei a trabalhar desde meus 14 anos para ajudar meu pai e para conseguir voltar a estudar. Trabalhava de faxineira em algumas casas.

P: Qual a profissão dos seus pais atualmente?

R: Minha mãe é dona de casa e meu pai já aposentou.

P: Você costuma ler?

R: Sim, sempre que sobra um intervalo no serviço ou sobra tempo em casa estou lendo, ultimamente tenho lido mais.

P: O que você tem lido?

R: Gosto muito dos livros do Augusto Cury.

P: Em sua casa, seus pais tinham o hábito de ler?

R: Meu pai não tinha tempo, minha mãe gosta de ler revistas, jornais, a Bíblia.

P: Seus filhos gostam de ler? Você tenta incentivar?

R: Meus filhos não gostam, eu sempre ofereço, falo dos livros, mas eles não dão muita atenção.

P: Cite alguns livros que já leu e que te marcou?

R: *Jesus, o maior psicólogo que já existiu* do Augusto Cury; *Pais Brilhantes, professores fascinantes* do Augusto Cury, *A casa da divina providência* do Jorge Luis Baldasso e *o Monge e o Executivo*.

P: Você tem muitos livros em casa?

R: Não, tenho poucos, agora que passei a comprar.

P: Você lia na escola?

R: Mais os livros da escola mesmo, didáticos, mas não lembro quase de literatura.

P: Como você conheceu esses livros do Augusto Cury e os outros que está lendo atualmente?

R: Uma vizinha minha me emprestou o *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, aí gostei e comprei pra mim também.

P: Onde você costuma comprar seus livros? Em livrarias?

R: Não, ela me falou que dava para encomendar da Avon, daí passei a comprar por lá. Todos os que tenho pedi de lá, são mais baratos.

P: Você sabe me dizer por que se sentiu tão atraída por esses livros?

R: É que eles são de “autoajuda”, e realmente ajudam a gente a pensar na nossa vida, nas nossas atitudes. Eu mesmo estava tendo alguns problemas com minha filha mais nova e o livro *Pais brilhantes* me ajudou muito com ela.

P: O que você mudou no seu comportamento graças ao livro?

R: Minha filha estava muito rebelde, me respondendo mal e eu sempre me estressando, gritando com ela e ela nem me ouvia, só ficava com mais raiva de mim, aí passei a dialogar com ela, como diz no livro, e explicar para ela porque eu estava brava com ela, conversei com carinho, sem gritar, e ela entendeu.

P: E o relacionamento de vocês duas melhorou?

R: Por enquanto está indo bem sim.

P: O que você espera do seu futuro?

R: Ah mais penso nos meus filhos agora, quero que eles continuem estudando, se formem, já que não tive condições de fazer uma faculdade e que sejam felizes.

ENTREVISTA 7: MARIA

IDADE: 51 ANOS

PROFISSÃO: DONA DE CASA

P: Fale-me sobre você. Onde nasceu?

R: Sou dona de casa, casada com três filhos, nasci em Ponta Porã, mas agora moro em Dourados. Estudei o ensino fundamental e depois com 34 anos voltei a estudar e terminei o ensino médio.

P: Qual a profissão dos seus pais atualmente?

R: Minha mãe é aposentada, meu pai já faleceu.

P: O que eles faziam antes?

R: Minha mãe era professora, dava aulas no antigo mობral de todas as matérias e meu pai era guarda ferroviário.

P: Até que série seus pais estudaram?

R: Os dois só fizeram até o ensino fundamental.

P: Como foi sua infância?

R: Foi muito feliz, brinquei muito. Na minha época não tinha televisão, computador, essas coisas. Então brincávamos bastante na rua com os vizinhos e irmãos.

P: E seus pais tinham o hábito de ler?

R: Meu pai que lia muito jornal, todos os dias, jornal da rede ferroviária.

P: Sua mãe que era professora não lia?

R: Não tinha livros assim como tem hoje. Era mais livros da escola, ela também fazia diários de classe. Mas livros de literatura não.

P: E durante sua infância, na escola, você recorda de algum livro que leu?

R: Poucos, me lembro do *Meu pé de laranja lima* e as *Histórias de Pedrinho*, acho que tinha uns 9 anos. A professora pediu para ler e fazer interpretação de texto, mas não lembro mais da história.

P: E na sua casa você lia?

R: Um pouco, lia gibi, revista, mas ouvia mais rádio.

P: E quando você voltou a estudar para concluir o Ensino Médio, teve contato com obras literárias?

R: No ensino médio nós líamos muito. O professor de literatura pedia muitos livros clássicos, romances, Jorge Amado, *O cortiço*. Não gostava por causa da linguagem, muito difícil, cheio de “vosmicê”.

P: E atualmente, quais são suas leituras preferidas?

R: Atualmente estou lendo *20 passos para a paz interior* do Pe. Reginaldo Manzotti. Gosto muito. Também já li *A cabana, 10 respostas que vão mudar a sua vida* do Pe. Reginaldo também e *Ágape* do Pe. Marcelo Rossi.

P: Quem lhe indicou essas leituras?

R: As do Pe. Reginaldo foi pelo programa de rádio que ele tem, que escuto todos os dias, daí o primeiro minha filha me deu e o segundo comprei da Avon. O *Ágape* também comprei da Avon e *A cabana* peguei da minha filha.

P: Seus filhos te incentivam a ler?

R: Sim, sempre estão me indicando livros. Só não consigo ler tudo, porque não tenho tempo, queria ter mais tempo só para ler.

P: Você pode me dizer o que lhe atraiu nos livros do Pe. Reginaldo Manzotti?

R: Sim, porque você aprende muita coisa. Aprendi muita coisa que eu não sabia, aprendi a perdoar a ter paciência, ter mais calma. Me fazem muito bem. O primeiro que saiu li três vezes.

P: Você gosta de ler?

R: Eu gosto, se tivesse tempo lia todo dia. Também gosto de ler jornais e revistas.

P: Quais são seus sonhos?

R: Que meus filhos consigam tudo que desejam, que se formem, casem, tenham filhos e que Deus sempre olhe por eles. Dê muita saúde para toda família.